



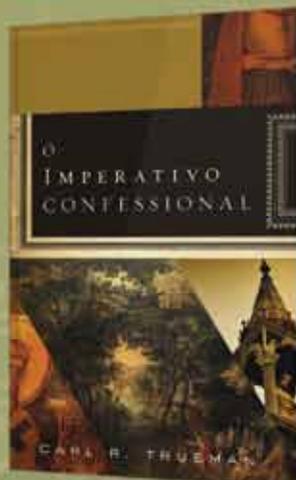
# revista IPRÓDIGO

www.iprodigo.com | janeiro 2013 | n. 03



Tempos  
Pós-Modernos

# CONHEÇA AS PUBLICAÇÕES DA EDITORA MONERGISMO



**O IMPERATIVO CONFSSIONAL**



**DANDO NOME AO ELEFANTE**



**O QUE ELE DEVE SER...  
SE QUIER CASAR COM MINHA FILHA**



**A PROVA DEFINITIVA DA CRIAÇÃO**

Conheça Monergismo.com e a editora Monergismo. Buscamos equipar os cristãos na verdade, disponibilizando os melhores artigos reformados e as fontes da ortodoxia histórica. Isto é feito na esperança de que a Igreja abraçará, e redescobrirá as verdadeiras doutrinas bíblicas da fé histórica. Visite nosso site e conheça nossas publicações.



Editora Monergismo  
[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)



## Tempos (pós)modernos POR FILIPE SCHULZ

O capítulo 12 do primeiro livro de Crônicas mostra a formação do exército de Davi após a morte de Saul, cujo objetivo era garantir a conquista do reino de Israel para o novo rei que havia sido ungido. Vieram homens de todos os cantos do reino, de todas as tribos, guerreiros valiosos, prontos para guerrear em nome do rei escolhido por Deus. Há uma lista de números e nomes extensa nesse capítulo, e é interessante notar o registro feito a respeito dos homens de Issacar, que não só eram guerreiros, mas eram “conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer” (1 Cr 12.32).

Curiosamente, esse registro se encontra em um livro cujo nome, hoje, está ligado a um estilo literário que reflete análises ligadas a reflexões sobre o tempo presente: as crônicas. Falando do nosso tempo presente, sabemos que o povo escolhido de Deus, Israel, não é mais um exército de hebreus ou um reino localizado na região da palestina, mas o conjunto daqueles que foram feitos filhos de Deus pela obra redentora de seu filho Jesus Cristo. E a nossa luta não é mais uma guerra de espadas e flechas, de sangue e carne, contra os súditos de um rei já morto, “e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.

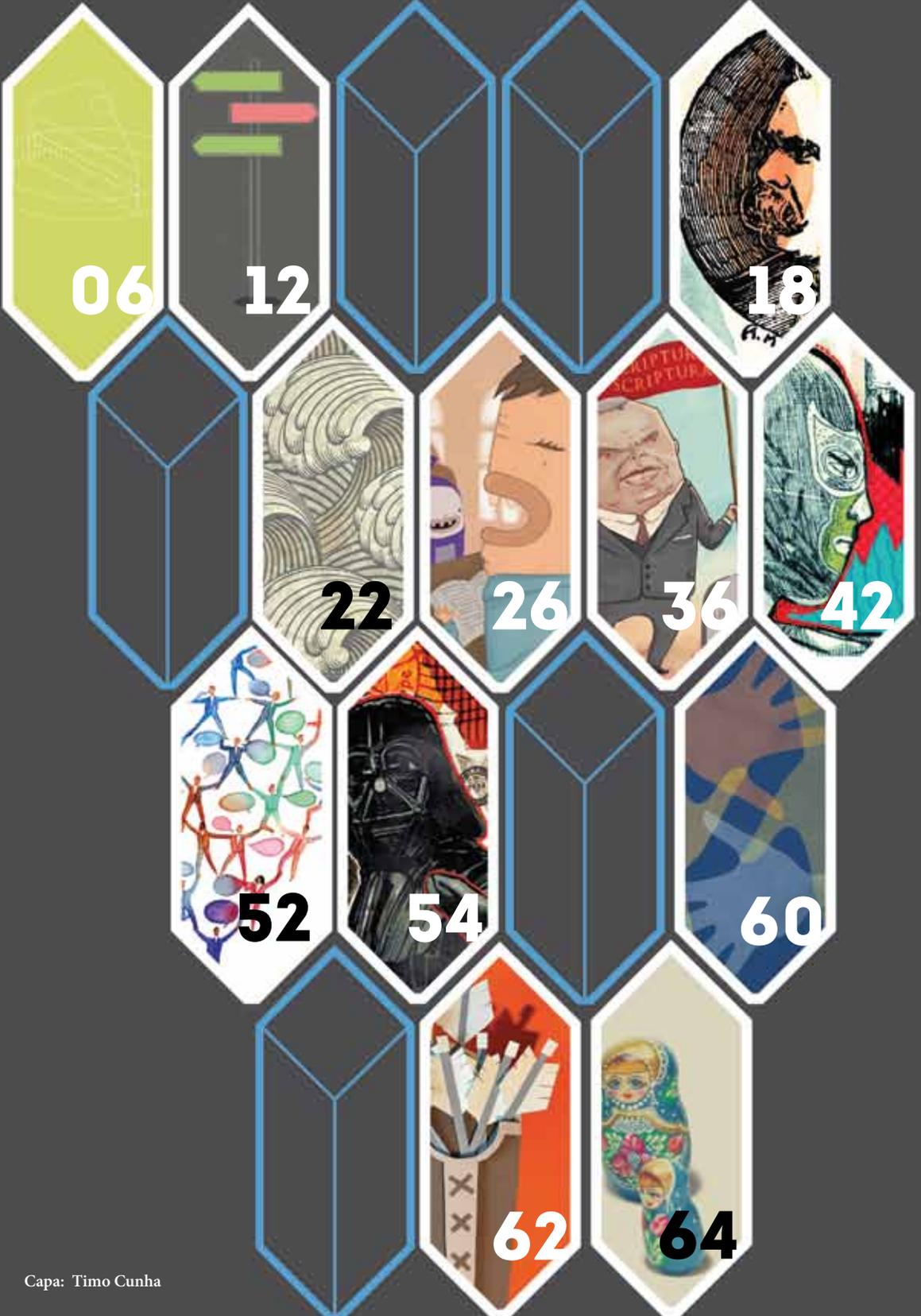
Seria imprudente avançarmos nesse paralelo e criar uma regra ou mandamento do tipo “conheçais tua época para saberdes o que fazer” simplesmente baseado nesse trecho da Escritura, mas certamente podemos tirar princípios daí. Se a luta do exército de Davi envolvia todo tipo de tática de batalha, também envolvia conhecer profundamente a época em que viviam. E se a igreja de hoje

deseja se manter firme na batalha para estabelecer o reino de Cristo, conhecer nossos tempos atuais pode ser muito útil.

O próprio Senhor Jesus, o rei já vitorioso que há de vir para estabelecer seu reino de forma plena, parece dizer algo semelhante em Mateus 16: “...e, pela manhã [dizeis]: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?”. É possível compreender dessa exortação, no mínimo, a prudência de estar ciente dos tempos em que se vive. Os fariseus que pediam sinais sabiam observar o clima, mas eram cegos para os sinais que indicavam claramente que eles estavam vivendo na plenitude dos tempos, a vinda do Messias tão esperado por eles.

Conhecer os sinais dos nossos tempos não é tudo, mas com certeza é algo que devemos buscar fazer. E se os homens de Issacar conheciam sua época, mas também eram guerreiros, não devemos reduzir a questão simplesmente ao campo do conhecimento: conhecer nossos tempos é útil enquanto motivação para realizarmos a missão completa da igreja.

Por isso, esperamos que o tema dessa revista – tempos pós-modernos – e seus artigos, que falam desde pregação expositiva e liberalismo teológico até cuidado com pessoas portadoras de necessidades especiais, entre outros, nos ajudem a combatermos o bom combate, em prol do reino de nosso Senhor. Não simplesmente porque conheceremos melhor nossa época, mas também por causa disso. ●



06

12

18

22

26

36

42

52

54

60

62

64

# SUMÁRIO

Edição n. 03 | janeiro 2013 | Tempos Pós-modernos

06	Não é modernidade, mas é <i>tipo</i> modernidade	JOSAIÁS JR.
12	Oportunidades pós-modernas	ALLEN PORTO
18	O evangélico apressado em citar Nietzsche	TIAGO CAVACO
22	Comunicação verdadeira	DAVID PORTELA
26	A relevância da pregação em tempos pós-modernos	BRENO MACEDO
36	Machen, Cristianismo e Liberalismo	CARL R. TRUEMAN
42	Caramelo, troca de óleo e labirintos	EMILIO GAROFALO NETO
52	Ética nas pequenas comunicações	WADISLAU MARTINS GOMES
54	Filmes: dom de Deus ou resultado da Queda?	JOHN PERRITT
60	O chamado ao ministério de necessidades especiais	MARTIE KWASNY
62	Famílias frutíferas em um mundo pós-moderno	JOHN KWASNY
64	Preconceito, essa quimera	NORMA BRAGA VENÂNCIO

REVISTA IPRODIGO é uma publicação do site IPRODIGO | [iprodigio.com](http://iprodigio.com)

CRIADO POR Gustavo Vilela, Rafael Bello, Josaiás Júnior, Filipe Schulz e Daniel Torres

VOLUNTARIOS Pedro Vilela, Fernanda Vilela, Carla Ventura, Josie Lima, Alex Daher, André Carvalho, Cleber Filomeno, Marianna Brandão, Thiago Martinello, Annelise Schulz, Natalia Moreira, Luis Henrique de Paula, Juliana Nérís, Filipe Guerra Sathler, Débora Batista e Diogo Bastos

EDITOR-CHEFE Josaiás Júnior REVISÃO Filipe Schulz e Carla Ventura

DIAGRAMAÇÃO Josaiás Júnior | Chave Sônica Web & Design ORIENTAÇÃO Cláudio Cruz e Emilio Garofalo Neto

CONTATO [contato@iprodigio.com](mailto:contato@iprodigio.com) || +55 (61) 99730948

Agradecemos aos nossos articulistas, anunciantes e a todos que doaram tempo e recursos ao nosso projeto.

Agradecemos também aos irmãos da Igreja Presbiteriana Semear pelo apoio e pela orientação. Tiragem: 2500 exemplares.

---

# NÃO É MODERNIDADE, MAS É *TIPO* MODERNIDADE



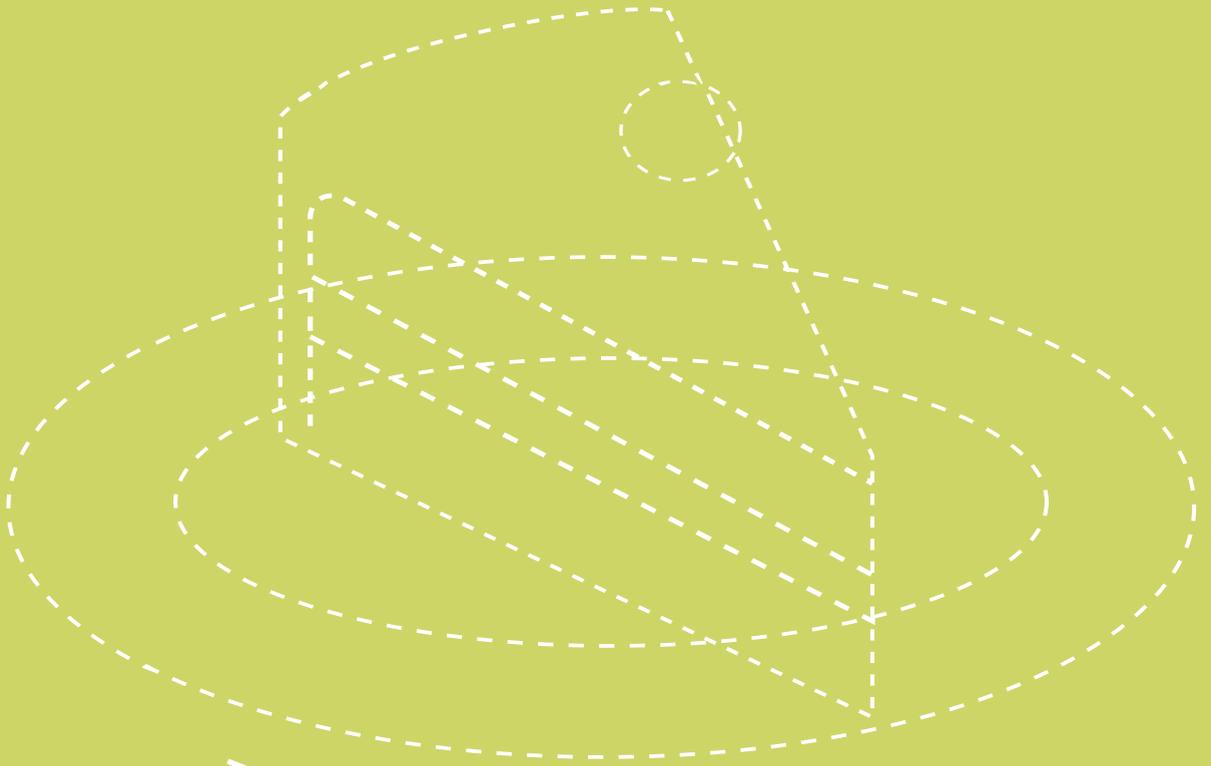
**A**campamentos de igreja sempre trazem histórias. Namoros, longas conversas, brigas no futebol, festas desanimadas e animadas, cultos estranhos e edificantes, músicas terríveis e não tão terríveis, bons pregadores, fotos legais, animais selvagens, novas amizades e muita coisa quase sempre estão presentes e ficam na memória. Entretanto, parece que é no campo das histórias engraçadas e situações ridículas que os acampamentos são destacadamente frutíferos. Poderia passar horas e horas relatando palestras esquisitas, momentos constrangedores, programações furadas e centenas de casos de completa falta de noção que aconteceram em alguns dos muitos acampamentos de que participei. Mas vou contar apenas uma que aconteceu comigo.

Houve um acampamento em que os cozinheiros contratados eram horríveis. Eles não eram meramente ruins. Todo mundo já participou de um acampamento com comida ruim. Eles eram péssimos. Faltava sabor, aparência, quantidade e higiene. Eram desastrosos a ponto do pastor de jovens pedir perdão a todos os acampantes pela má escolha. A ponto de não conseguirmos reconhecer se um prato era bolo de chocolate, tutu de feijão ou carne moída. Lembro-me de, em um jantar, ver um balde de maionese cheio de uma comida aparentemente pastosa, talvez uma papa, de cor meio creme, meio rosa, com pedaços de algum tipo de carne, lembrando levemente um estrogonofe. (Sim, o prato principal foi servido em um balde de maionese). Curioso – e preocupado com a saúde – perguntei à moça que servia: “É estrogonofe?”. A resposta veio insegura e desanimada: “É... é tipo estrogonofe”.

Naquela noite, preferi conformar-me apenas com arroz e batata-palha.

---

**POR JOSAIÁS JÚNIOR**



## QUE PRATO É ESSE?

A história é engraçada (de lembrar, não de viver) e tem relação com nossa época. Observamos a mesa, os talheres, os pratos postos, mas não temos muita certeza do que está acontecendo ou sendo servido. Alguns chamam essa pasta de pós-modernidade. Outros dizem que, como o proverbial bolo, é tudo uma mentira.<sup>1</sup> Talvez, uma das dificuldades em reconhecer o tempo em que vivemos se revele na falta de um nome adequado. Como a papa servida no balde, não é modernidade, mas é tipo modernidade. Se você gosta de um, talvez goste do outro. Talvez não. Ou como expressou Rubem Amorese, “Se soubessem [o que é], não a chamavam de ‘pós alguma coisa’. Chamavam-na pelo nome. Mas chamam-na de pós-modernidade porque só sabem até a modernidade”.<sup>2</sup> Por outro lado, seja lá o que foi servido, precisamos entender antes de provar. Mesmo que não saibamos o nome.

Assim, com tantos pensadores mais aptos tentando ainda compreender o que se passa, esse texto não procura tanto apresentar uma definição de pós-modernidade ou descobrir se deixamos ou não de vez a modernidade. Pelo contrário, procuro apenas apresentar o contexto histórico e algumas características e tendências da cosmovisão (?) de nosso tempo, a fim de situar o leitor que ainda não está familiarizado com toda a discussão em torno do tema. Sei que simplificarei demais muitos dos assuntos, mas creio que outros artigos desta publicação expandirão a discussão iniciada neste texto.

## SUSPEITA EM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS NATURALISTAS

Entre os séculos XVI e XIX, a civilização ocidental passa por transformações comparativamente rápidas. As ideias pré-modernas, teocêntricas e moldadas por uma cultura cristã (ainda que nem sempre em forma pura), abriram espaço para a modernidade. O antropocentrismo, o naturalismo e o cientificismo ganham força com o movimento iluminista, os avanços tecnológicos e as revoluções sociais. O homem agora está no centro e parece guiar seu próprio destino. Muitos defendem que a razão humana tem a capacidade de entender e explicar o universo, sem a necessidade de algum tipo de revelação. A ciência moderna assume o papel de desmistificar as superstições e crenças da

sociedade. Explicações antes atribuídas a Deus, ou forças sobrenaturais, são dadas pelos cientistas. Os otimistas criam que a humanidade caminhava para uma era de ouro, mais esclarecida e totalmente livre das antigas amarras.

No início do século XX, com as duas grandes guerras somando-se a uma série de outras barbáries, as ideias modernistas mostram-se cada vez menos aceitáveis, e a crença de que o homem conseguiria explicar tudo o que existe perde força. Isso já era prenunciado por Nietzsche, que não apenas declarou “a morte de Deus” que o modernismo provocou, mas percebeu a consequente morte do homem e da razão. Tal qual o louco de *A Gaia Ciência*, o filósofo chegou muito cedo,<sup>3</sup> décadas antes de Lyotard chamar nosso tempo de *pós-moderno*<sup>4</sup> e antes dos modernistas perceberem que “verdades são ilusões sobre as quais alguém esqueceu que isso é o que elas são”.<sup>5</sup> Descartes declarou: “Penso, logo existo”, mas Nietzsche nos lembrou de que não temos base alguma para pensar que pensamos.

O pós-moderno não crê que possamos entender tudo por meio da nossa mente. Alguns entendem que, na realidade, não podemos entender quase nada. A ideia de que a razão humana levaria a sociedade a um novo patamar é rejeitada, e existe uma incredulidade em relação ao espírito científico que vimos nos séculos anteriores. Em nosso tempo, a popularidade de novas práticas espirituais, a busca por experiências místicas, a influência de religiões tradicionalmente orientais e um

<sup>1</sup> Para aqueles que não estão familiarizados com o doentio mundo das piadas de internet (ou memes), a expressão “the cake is a lie” (o bolo é uma mentira) ganhou popularidade graças ao *game* Portal, onde o protagonista participa de experimentos a fim de receber um pagamento no final, um tal bolo. Infelizmente, era apenas enganação e as cobaias são incineradas. A ideia é que a recompensa prometida não existe ou é apenas ilusão. Como o bolo de chocolate do acampamento que, no fim, era feijão.

<sup>2</sup> Rubem Amorese. *Pós-Modernidade e o Desafio da Aliança*. Disponível em [http://www.monergismo.com/textos/pos\\_modernismo/pos\\_alianca.htm](http://www.monergismo.com/textos/pos_modernismo/pos_alianca.htm)

<sup>3</sup> “Cheguei cedo demais... meu tempo ainda não chegou. Este tremendo acontecimento... não alcançou os ouvidos do homem”. Jovens ateus amam falar que “Deus está morto”, mas poucos se lembram de que, no mesmo trecho, Nietzsche descreve a confusão e o absurdo da humanidade que matou Deus.

<sup>4</sup> O filósofo contemporâneo definiu pós-modernidade como “incredulidade em relação às metanarrativas”. Mas já havia um incrédulo no século XIX. Um pouco mais sobre isso no próximo tópico.

<sup>5</sup> Novamente, Nietzsche. Citado por James Sire em *O Universo ao Lado*, p. 220. Aproveitando: fechando a edição há um texto sobre “o evangélico apressado em citar Nietzsche”. Recomendo, torcendo para não ser o que ando fazendo neste texto.

renovado interesse pelo paganismo são sinais de um ceticismo em relação ao poder da racionalidade humana. O seriado *LOST* já saiu de moda, mas perceba como uma série construída sobre o suposto confronto entre fé e razão (e a busca de sentido) termina dando vitória ao “espiritual”<sup>6</sup>

## SUSPEITA EM RELAÇÃO A COSMOVISÕES

O pensamento pós-moderno abandona os principais dogmas do modernismo. A fé na ciência como fonte de explicações do universo é abalada. Esse se torna um dos fundamentos principais da nossa era. Mas, não para aí. Qualquer pretensão de encontrar alguma verdade ou uma explicação geral das coisas por meio das capacidades humanas torna-se autoengano ou autoilusão. Sem Deus e sem a razão, nos encontramos incapazes de alcançar qualquer verdade. Após séculos de explicações incompletas, as filosofias, religiões e cosmovisões da sociedade ocidental (e, por conseguinte, da oriental) agora parecem incapazes de explicar satisfatoriamente o mundo.

“Não havia mais uma história única, uma meta-narrativa (para nosso propósito, cosmovisão), que assegurasse o conjunto da cultura ocidental... Os naturalistas têm a sua história, os panteístas as suas, os cristãos as suas, *ad infinitum*. Com o pós-modernismo, nenhuma história tem mais credibilidade do que outra qualquer. Todas as histórias são igualmente válidas.”<sup>7</sup>

Alguns entendem que é um reducionismo dizer que pós-modernismo equivale a relativismo completo. Nem todo pensador pós-moderno se considerava totalmente relativista, mas essa é uma consequência prática em muitos casos. A dúvida da pós-modernidade em relação ao naturalismo não se limita a ele apenas. A filosofia pós-moderna nega qualquer possibilidade de explicação completa e total da realidade. Não é possível que o homem encontre uma resposta definitiva. Ele pode até ter algum tipo de explicação para certos fatos, mas não há uma cosmovisão (ou, usando o termo técnico, “metanarrativa”) que possa explicar e abranger tudo.

Logo, o pós-modernismo suspeita de religiões, como o cristianismo ou o islamismo,

*Descartes declarou:  
“Penso, logo existo”,  
mas Nietzsche lembrou  
que não temos base  
alguma para pensar  
que pensamos.*

que tentam explicar tudo por meio de seus livros santos, por exemplo; ou de ideologias, como o idealismo ou o evolucionismo, que se limitam (em geral) ao pensamento de um ou poucos homens e princípios. Não é que elas sejam erradas, mas não devem ser impostas como verdade final, e todas são igualmente válidas. Pelo menos, na teoria.

## REDUÇÃO DAS VERDADES A JOGOS DE PODER E PLURALISMO

A verdade absoluta não existe, ou pelo menos não pode ser encontrada. Porém, ainda assim, alguns homens conseguem convencer os outros de seus pensamentos. Para o pós-moderno, isso se deve à habilidade dessas pessoas de usarem seus discursos a fim de conquistar e dominar, não a alguma possibilidade de suas palavras serem verdadeiras. As ideias seriam aceitas simplesmente por funcionarem, não porque haja algum tipo de verdade ou falsidade nelas. (E se houver, quem poderia dizer?)

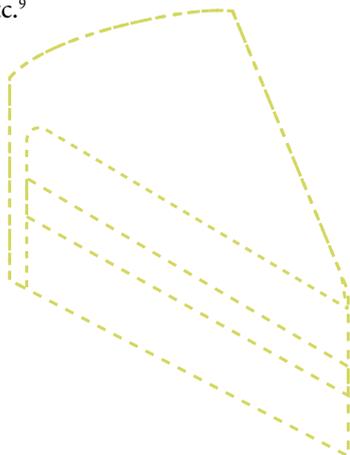
<sup>6</sup> Eu tenho uma teoria de que muitos ficaram chateados com o final da série porque ainda têm um pé no modernismo. O seriado terminou [SPOILERS] em um universo sobrenatural, nem tudo foi explicado (“uma resposta só leva a novas perguntas”) e boa parte das disputas da Ilha envolviam apenas jogos de poder e linguagem (muitos posavam de sábios quando, na verdade, pouco sabiam). Compare *LOST* com um seriado nascido dos anos 50, *Doctor Who*, onde todas as explicações envolvem ciência e fenômenos naturais (sim, fala sobre viagem no tempo e no espaço, mas você não encontrará anjos ou fantasmas que não sejam algum tipo de alienígena). Outra teoria é que o pessoal ficou chateado porque o final de *LOST* foi ruim mesmo. Mas eu discordo e aqui não é o lugar para debater. E nem no meu Facebook.

<sup>7</sup> James Sire, *O Universo ao Lado*, p.214-215

Assim, o pós-modernista entende toda tentativa de ensinar alguma explicação geral de tudo como uma tentativa de dominação. Cada um deveria ter sua própria “verdade”, baseada em si mesmo, mas alguns tentam oprimir os outros e diminuir sua liberdade – ao ensinar algum tipo de cosmovisão, metanarrativa ou explicação geral. Por isso, os grupos historicamente excluídos devem ser ouvidos – negros, mulheres, gays, gordos e por aí vai. As culturas esquecidas pela historiografia moderna – orientais, sul-americanos, russos, assírios – devem ser valorizadas.

Isso tem consequências positivas, mesmo com a base questionável. O que acontece muitas vezes é uma busca por diversos pontos de vistas, sem que nenhum deles obtenha a posição de “explicação total”. A pós-modernidade é marcada por uma abertura e tolerância a diversas formas de pensamento. Em parte, esse princípio tem base bíblica. O respeito por cada cultura, e pelas características de povos, nações e pessoas, é algo bom e valoriza a diversidade da sociedade humana.

No entanto, o pensamento pós-moderno vai mais além e aceita todas as ideias com a mesma validade. E pior, nenhuma forma de pensamento deveria ser criticada ou questionada. Só não existe tolerância com aquilo que se considera “intolerância”, ou seja, a tentativa de mostrar a alguém que suas atitudes ou pensamentos estão errados ou mesmo de achar que sua cosmovisão é correta. Criar limites e fazer proposições teológicas, então, nem se fala. Cada um tem sua própria fé e todos são incrutáveis.<sup>8</sup> E antes que você pense que isso só acontece no mundo, e não entre os cristãos, veja a quantidade de crentes que preferem não falar sobre doutrina, já que o que importa é “calor” no coração, aquilo que funciona, a experiência individual, o que atrai etc.<sup>9</sup>



## UMA AVALIAÇÃO

Enquanto concordamos com a crítica ao ideal moderno, não concordamos com a base para os pós-modernistas defenderem tal ideia. Negamos que a razão possa nos dar todas as respostas porque sabemos que há a revelação divina, que nos traz conhecimento de Deus – algo que o homem, por si só, não pode alcançar. Já o pós-modernista não tem outro fundamento para criticar o racionalismo modernista senão a própria base do modernismo – o homem autônomo. Nas palavras de J.K.A. Smith, “a continuidade mais significativa é que ambos negam a graça; em outras palavras, tanto a modernidade quanto a pós-modernidade são caracterizados por um conceito idólatra de autossuficiência e profundo naturalismo”.<sup>10</sup>

Outro problema, talvez o mais óbvio, é que o pluralismo pós-modernista leva nosso pensamento a uma série de contradições. Se tudo é certo, válido e verdadeiro, não temos base para afirmar nada, para decidir nada ou mesmo para nos comunicar. Os defensores da tolerância nem podem afirmar que a amada tolerância é correta. É claro que, na prática, não é assim que funciona: em caso de contradição, escolhemos a posição que mais nos agrada, seja esteticamente, intelectualmente ou outra opção. Na verdade, como bem lembra Sire, até a negação das metanarrativas é uma metanarrativa! Ao negar que haja uma resposta universal, o pós-moderno acaba abraçando uma resposta para tudo.

Por fim, há o problema do reducionismo das relações humanas a meros jogos de poder. Em geral, o pós-modernista entende que todo discurso que reivindica a verdade para si tende à opressão. Porém, nem sempre é isso que motiva alguém a ensinar algo a outra pessoa ou criar regras. Podem existir intenções nobres, como o amor, o altruísmo e o cuidado com aquele que é mais fraco ou que

<sup>8</sup> É por isso que o trecho mais citado da Bíblia hoje deve ser “não julgueis”. Um bom teste para nosso coração é observar as críticas que serão feitas nos próximos textos. Você as considera realmente importantes (ainda que discordando) ou entende que são questões irrelevantes?

<sup>9</sup> Há uma série de outros fatores e características do nosso tempo que poderiam ser mencionados (gostaria de dedicar espaço para a morte do ego, por exemplo), mas o espaço me permite tratar apenas daquelas que considero fundamentais. Um bom anfitrião tem de dar espaço a seus convidados.

<sup>10</sup> *Who's Afraid of Postmodernism?: Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to Church*. Locação 181. Versão Kindle.

*Negamos que a razão possa nos dar todas as respostas porque sabemos que há a revelação divina, que nos traz conhecimento de Deus – algo que o homem, por si só, não pode alcançar. Já o pós-modernista não tem outro fundamento para criticar o racionalismo modernista senão a própria base do modernismo – o homem autônomo.*

sabe menos. Para exemplificar como caminha nossa época, recentemente, até os credos ecumênicos, escritos há quase 2000 anos e aceitos pelos principais ramos do cristianismo, foram criticados por serem “teologia do homem branco”. No entanto, o historiador Carl Trueman nos lembra de que Agostinho e a maioria dos participantes dos concílios da igreja primitiva dificilmente se encaixariam nessa “acusação”. Além disso, as categorias que criavam diferenças sociais envolviam mais a posição do indivíduo em relação à Roma (cidadão, homem livre, escravo) que divisões raciais.<sup>11</sup> O mesmo acontece com aqueles que pensam que os evangélicos são movidos por racismo quando criticam as religiões afro-brasileiras. Ora, é claro que alguns são motivados por preconceito, e muitas vezes esquecemos que toda mentira (não apenas esses cultos) tem o mesmo pai. Porém, quando os reformadores chamavam o Papa de anticristo, eles também eram motivados por preconceito contra italianos? Podemos também mencionar o suposto antisemitismo de Lutero. Sem querer negar as tolices que o reformador escreveu sobre os judeus, o contexto histórico e seus escritos mostram mais um homem motivado por teologia que por controle, poder, opressão ou racismo.<sup>12</sup> A verdade é que, às vezes, aqueles que lutam contra a opressão parecem ter sua própria metanarrativa opressora e totalizante.<sup>13</sup>

Podemos concordar com a ligação entre poder e linguagem e ir além: reconhecer que todos nós temos interpretações e discursos que nos controlam e/ou tentamos impor a outros. Se não fosse o caso, sequer estudaríamos cosmovisões, e a apologética não faria sentido. Mas dizer que somos guiados por certa interpretação da realidade não torna a verdade inacessível. Precisamos da revelação de Deus para interpretar o nosso mundo e observar aspectos negativos e positivos do nosso tempo.<sup>14</sup> Sim, a Palavra se impõe sobre a humanidade, gostemos ou não. Mas ela é libertadora, ao contrário de seus rivais moderninhos.

Voltando à história da mesa, o que temos para hoje é um prato tipo estrogonofe, desestruturado, desfigurado, pronto para provocar uma baita indigestão e caríssimo à humanidade. Evidentemente, ele vem servido naquele balde de maionese que ninguém quer mais. Mas há outra opção na cantina ao lado: aquele banquete de delícias eternas (Sl 16.11), farto, saboroso e cuidadosamente preparado para nos alimentar, ensinar e salvar. Ele também custa caro, mas hoje vem de graça. 🍷

<sup>11</sup> Leia mais no excelente reformation21: <http://www.reformation21.org/blog/2011/09/is-nicene-christianity-that-im.php>

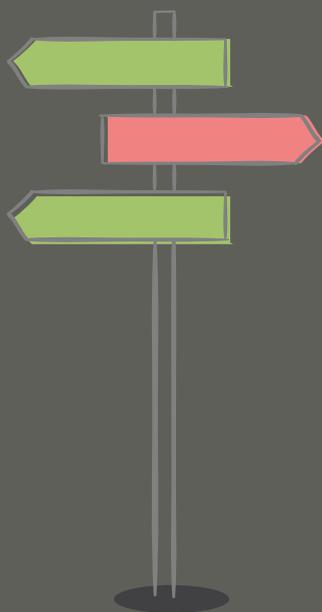
<sup>12</sup> Isso não justifica as palavras de Lutero, apenas demonstra outro fator determinante. Novamente, ver o grande Carl Trueman, agora em *Histories and Fallacies*. Locação 2159. Versão Kindle.

<sup>13</sup> Vale a pena ler Gordon Clark rebatendo a teoria de que valores absolutos geram governos absolutistas. Seria justamente o contrário. E o melhor é que a vítima é o grande jurista Hans Kelsen. Em *A Christian View of Men and Things*, p. 104-106. Em breve no Brasil.

<sup>14</sup> Sei que enfatizei os aspectos negativos. Mas, a seguir, um texto sobre as oportunidades da pós-modernidade. Continue conosco.

# OPORTUNIDADES PÓS-MODERNAS

por Allen Porto



**M**arty McFly. Lembra do nome? Se não, nada que o *Google* não resolva. A personagem principal do clássico “De volta para o futuro” (1985) mostra como as viagens pelo tempo podem produzir uma espécie de saudosismo ou futurismo desordenados. Somos tentados a pensar que a nossa época caminha em passos rápidos para transformações cada vez mais intensas e rupturas com os modos de pensar e agir de épocas anteriores – os “futuristas” vivem na expectativa do que ainda pode ser. Por outro lado, mantendo a crítica sobre as transformações, caímos no problema de agir

sempre olhando para o passado, numa espécie de saudosismo problemático, que não aceita o presente e não sabe lidar com ele. Entre os dois extremos, existe um equilíbrio saudável, que consegue aprender com o passado, viver o presente e vislumbrar o futuro, interagindo com cada tempo a partir do ponto de referência eterno – Deus e Sua Palavra. Enquanto conversamos neste artigo, nosso objetivo será o de perceber como a nossa época tem vários desafios, mas também várias oportunidades para o serviço cristão.

## O PÓS-MODERNISMO CHEGOU MESMO?

Um bom modo de começar é discernindo o que rola em nossos dias em termos de visão de mundo, ou “espírito da época”, como chamam alguns.<sup>1</sup> O período em que vivemos é chamado pós-modernidade, e a filosofia que o caracteriza ou direciona é o pós-modernismo. Há quem prefira outros termos, como hipermodernidade, ultramodernidade, modernidade tardia, modernidade líquida etc. Normalmente dependem do grau de contraste percebido entre o período atual e o anterior.

Parece ser uma tendência entre os cristãos acreditar que o pós-modernismo chegou de vez, tomou conta do Brasil e está plenamente caracterizado em nosso território. Talvez muito disso se dê pelas obras que lemos - a maioria esmagadora escrita por americanos e europeus. De certo modo, importamos sua leitura e a aplicamos ao contexto brasileiro sem fazer perguntas importantes sobre as dinâmicas próprias da nossa situação.

Tenho a impressão, por exemplo, de que, embora as metrópoles tenham sintonia com “cidades globais”, e assim estejam bem afinadas com algo do pós-modernismo experimentado lá fora, muito da mentalidade brasileira (forçando uma generalização) ainda não atingiu o patamar europeu e norte-americano. Uma das razões é a falta de uma tradição intelectual forte. A Europa experimentou de modo mais sólido e consistente o modernismo e a frustração desse período para se envolver com o “pós”. O Brasil, por outro lado, não experimentou um processo lento e autoconsciente de maturação da mentalidade moderna e, por isso, se representa elementos do pós-modernismo, não o faz da mesma maneira, nem pelas mesmas razões da Europa.

Outro elemento importante é a presença de um espírito bastante moderno caminhando ao lado das características pós-modernas. A universidade brasileira conjuga Foucault, Derrida, Lyotard e Nietzsche com a mesma facilidade com que ensina a superioridade da mente científica e seus gráficos. Ainda dependemos das pesquisas científicas notificadas no *Fantástico* e temos a ciência como grande fonte de autoridade.<sup>2</sup>

Para piorar, mesmo entre norte-americanos e europeus, existe a discussão sobre a chegada do pós-modernismo. De acordo com o Dr. William

Edgar,<sup>3</sup> “a condição pós-moderna é muito menos prevalente do que alegam seus seguidores. O capital do Iluminismo está longe de ter sido gasto, já que vivemos em um mundo caracterizado por mercados, ciência, tecnologia, democracias etc”. Outro norte-americano, o Dr. Michael Horton,<sup>4</sup> afirma que “há muito de moderno no pós-moderno para que seja possível falar em termos genéricos sobre uma importante mudança de paradigma na cultura”.<sup>5</sup> São dele também as palavras: “Há também uma grande variedade de versões populares do pós-modernismo, mas tenho dificuldade em reconhecer que elas sejam distintas da modernidade ou suficientemente coerentes para serem identificadas sob qualquer rótulo. [...] a torcida pela ideia de que nós adentramos em uma era radicalmente nova, uma utopia de oportunidades sem precedentes, não me persuade”.<sup>6</sup>

Além dos questionamentos sobre a chegada desse período, a maneira de nomeá-lo também é objeto de conflitos. O doutor em letras e professor de literatura Antoine Compagnon indica a dificuldade: “[...] a própria formação do termo – como dos termos pós-modernismo e pós-modernidade – levanta uma dificuldade lógica imediata. Se o moderno é o atual e o presente, o que significa o prefixo pós-? Não seria ele contraditório? O que seria esse depois da modernidade, designado pelo prefixo, se a modernidade é a inovação constante, o próprio movimento do tempo? Como é possível falar em um tempo depois do tempo?”<sup>7</sup>

Essa breve provocação tem o objetivo de nos fazer pensar sobre os diagnósticos que temos lançado sobre o nosso espaço-tempo. Os livros de

<sup>1</sup> Se você puder se acostumar com o termo “cosmovisão”, ganhará muito. O Brasil está crescendo na publicação de autores cristãos que observam e avaliam os esquemas de compreensão da realidade e interação com ela, bem como os pressupostos e compromissos do coração que norteiam a vida das pessoas. A tudo isso chamamos “cosmovisão”.

<sup>2</sup> Exemplo interessante disso é a recente discussão sobre o aborto de anencéfalos, na qual o Supremo Tribunal Federal e outros grupos buscam o aval da ciência para dizer quando a vida começa, ou mesmo sobre a dignidade das pessoas.

<sup>3</sup> Dr. William Edgar é professor de apologética no Westminster Theological Seminary. A citação foi extraída da introdução à obra de Cornelius Van Til, *Apologética Cristã*, publicada pela Ed. Cultura Cristã.

<sup>4</sup> Michael Horton é professor de teologia sistemática e apologética no Westminster Seminary California.

<sup>5</sup> HORTON, Michael. Melhores casas e jardins. In: SWEET, Leonard (ed.). *A igreja na cultura emergente: cinco pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2009. p. 95.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>7</sup> COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 107.

fora sobre o pós-modernismo levantam questões interessantíssimas e nos são úteis na compreensão do fenômeno e de elementos próximos a nós. Mas simplesmente importar o diagnóstico pode ser perigoso à medida em que estamos lidando com um fantasma ou espantalho, e não com a situação real à nossa volta.

É por isso que os cristãos são chamados a observar o mundo à sua volta, conversar com as pessoas, lidar com os elementos de formação cultural e perceber como as características do seu lugar e do seu momento se manifestam.

## QUAIS AS MARCAS PÓS-MODERNAS?

Dito isto, não queremos rejeitar a figura do pós-modernismo. Existem características peculiares do nosso tempo, quer em elevação de valores modernos, quer em contraposição a eles. A grande pergunta é: que elementos são esses e como podemos lidar com eles?

Talvez aqui a coisa fique um pouco mais chata. Identificar em filósofos a raiz de alguns comportamentos pode ser uma tarefa difícil. Mas sempre temos as artes para nos ajudar a visualizar a coisa. Então, vamos em frente.

O nosso tempo é uma complexa teia de movimentos e pensamentos, de correntes e práticas. Trata-se de uma salada bastante misturada, ou, se você é mais organizadinho, uma mesa de *buffet* com vários pratos diferentes. Parece que, nesse jantar, os cristãos não ficam à vontade. Sua tarefa principal, normalmente, é ficar no início da fila apontando os defeitos das comidas para as pessoas que chegam. Seria esse *buffet* completamente indigesto?

*Os cristãos são chamados a observar o mundo à sua volta, conversar com as pessoas, lidar com os elementos de formação cultural e perceber como as características do seu lugar e do seu momento se manifestam.*

Na mistura contemporânea, o pós-modernismo é caracterizado principalmente por uma tríade de pensadores: Michel Foucault, Jean-François Lyotard e Jacques Derrida. O professor James K. Smith<sup>8</sup> tenta resumir o pensamento desses autores em máximas mais ou menos conhecidas do público. Para Derrida, a frase de efeito seria “não há nada fora do texto”. Para Lyotard, o bordão é “as metanarrativas se foram”. E para Foucault, a máxima é “poder é conhecimento”.

As reações evangélicas comuns ao pensamento da tríade – e de alguns outros – são de demonização e “respostas prontas”. Obviamente, ao perceber elementos estranhos e, à primeira impressão, contrários a fé cristã, nosso primeiro impulso é de reafirmar o Cristianismo e refutar o ensino falso. Mas temo que, pela influência dos materiais já escritos nesse tom e pela superficialidade de nossa análise de muitos dos pensadores pós-modernos, acabemos repetindo respostas prontas que demonstram falta de análise cautelosa e fraqueza intelectual. Caímos na estratégia de tocar o alarme de incêndio logo que a fumaça aparece sem primeiro avaliar se é apenas alguém fumando ao lado.

## PÓS-MODERNISMO É “DO MAL” E MODERNISMO, DO BEM?

O maior problema desta postura é que tomamos um ar de superioridade, combatividade e pessimismo para com o nosso tempo sem perceber que todos os períodos históricos são momentos de desafios e oportunidades. Corremos o risco de, ao combater o pós-modernismo, sacralizarmos o “modernismo” como se fosse o pensamento cristão por excelência. Será que isso é verdade? Um ponto deve ilustrar bem a questão. O período moderno elevou a razão ao estágio supremo da vida humana. O Iluminismo criou uma categoria de homens “iluminados”, que avaliavam tudo por seus critérios racionais. Alguém poderia pensar que isso é muito mais próximo do Cristianismo, já que na pós-modernidade existe uma abertura perigosa para as

<sup>8</sup> SMITH, James K. *Who's afraid of postmodernism?: Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to Church*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006. p. 23.

## INTERAÇÃO É POSSÍVEL?

emoções e experiências místicas, que tem suscitado o retorno de uma espiritualidade pagã (ou neopagã). Mas o resultado do apreço moderno pela razão foi a negação da Escritura em seus aspectos mais básicos de sobrenaturalismo (os milagres, o nascimento virginal e a dupla natureza de Jesus, por exemplo) e o nascimento do liberalismo teológico, que transformou a religião cristã em mera questão de ética. O período moderno idolatrou a ideia de progresso, a razão e a autonomia humana em vários elementos, e nada disso é saudável ou cristão.

As respostas prontas também criam na igreja um saudosismo prejudicial. Ficamos a olhar e sonhar com “o passado glorioso”, o dia em que podíamos argumentar com as pessoas e saber que se acreditava em uma verdade absoluta, ou os dias em que a ética sexual era mais fortemente influenciada pela tradição judaico-cristã. Com tal saudosismo, gastamos muito tempo pensando e desejando as eras anteriores, enquanto perdemos muita energia rejeitando o nosso tempo e criticando-o sem percebê-lo como o momento providenciado por Deus para servirmos. Outro componente dessa postura é a idealização ingênua do passado – prática que adotamos sempre que temos um problema com o namorado ou a namorada (aquela coisa de “o meu antigo namorado me valorizava...”, sem perceber que o namoro terminou exatamente porque a relação era problemática em algum ponto).

Michael Horton<sup>9</sup> resume bem a questão ao afirmar:

*Creio que cada período tem seus aspectos positivos e seus aspectos negativos e que estereotipar períodos leva a uma demonização ou a um endeusamento igualmente impulsivo. Isso dificulta a condução de análises de custo-benefício em determinados casos, pois já adquirimos o anzol, a linha e o chumbinho do pós-modernismo ou já refutamos tudo isso. No entanto, a História, assim como as Escrituras, lembra-nos de que nenhuma era pode ser considerada uma bênção pura ou uma maldição completa. A pecaminosidade humana e a graça universal de Deus coincidem no decorrer dos séculos. O conservantismo e o progressivismo podem com facilidade se tornarem pretextos para uma séria avaliação.*

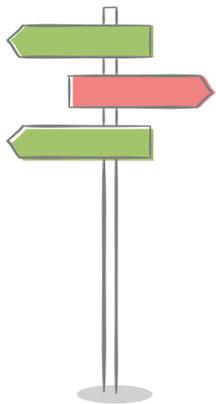
“Mas como devemos observar as afirmações de Derrida, Lyotard e Foucault?” – alguém perguntaria. Certamente devemos observar com cuidado tais afirmações – “ter um pé atrás”, como se diz. Mas algo dessas propostas parece estar fundamentado em percepções mais ou menos corretas da realidade. Não podemos comprar o pacote completo, mas precisamos demonizar tudo?

James Smith indica possibilidades interessantes. Talvez seja otimista demais, mas nos ajuda a perceber como é ingênuo jogar tudo fora sem uma análise cuidadosa. Lida com as noções desconstrucionistas de Derrida, afirmando que a máxima “não há nada fora do texto” pode ter um *link* com o princípio reformado do *Sola Scriptura*. Trabalha enfatizando pelo menos dois pontos: a centralidade da Escritura para mediar nosso entendimento do mundo como um todo e o papel da comunidade na interpretação da Escritura.<sup>10</sup> Smith entende que a compreensão popular da máxima de Derrida – principalmente por parte dos cristãos – é defeituosa. A percepção comum que temos sobre Derrida é que este autor defende a ideia de não haver nada além de palavras no mundo – o que alguém chamaria de idealismo linguístico. Se essa é a sua afirmação, então o cristão não pode concordar, pois o texto da Escritura se refere a coisas reais, e não a palavras apenas. Mas, explica Smith, não é isso que o francês está defendendo. O ponto de Derrida é o contexto da leitura e interpretação, e não uma afirmação sobre a natureza das coisas. Derrida está defendendo o fato de vivermos interagindo com a realidade por meio de interpretação.

Será isso saudável? Para muitos cristãos, essa ênfase pós-moderna na interpretação é perigosa e prejudicial – e, de fato, pode ser assim. Mas isso significa que devemos rejeitar totalmente a ideia de interpretação? Aqui percebemos o quanto estamos envolvidos pelos pressupostos modernos/iluministas. Pensamos que podemos ter acesso direto à realidade sem a interpretação e, assim, desconsideramos o lugar da visão de mundo (cosmovisão) e dos pressupostos. Ingenuamente, combatemos esse aspecto da pós-modernidade, acreditando que podemos lidar com a realidade sem interpretá-la,

<sup>9</sup> Horton, *Op. Cit.*, p. 96.

<sup>10</sup> Smith, *Op. Cit.*, p. 23.



*Podemos demonstrar às pessoas que pressupostos elas estão usando para lidar com a realidade e como isso é insuficiente; assim, apresentamos a mediação das Escrituras para o mundo, demonstrando que a única forma adequada de enxergá-lo é mediante as lentes fornecidas pelo Senhor. No mundo de Deus, o livro-texto tem que ser dEle.*

quando na verdade já estamos interpretando o mundo a partir de pressupostos errados.

Não quero me aprofundar demais na questão, pois este não é um artigo sobre Derrida e o desconstrucionismo, mas podemos perceber que existe algo de verdadeiro na noção de um contato com a realidade mediado por pressupostos – uma espécie de texto. Cristãos como Cornelius Van Til, Francis Schaeffer, James Sire e Nancy Pearcey nos ajudam a identificar e avaliar esses textos que direcionam nossa interpretação do mundo.<sup>11</sup>

## **COMO O PÓS-MODERNISMO SE TORNA OPORTUNIDADE?**

O que fazer quando um pós-moderno enfatizar este ponto? Concordar com ele! De fato, interpretamos o mundo o tempo todo conforme nossos pressupostos. O fato de os pós-modernos e pós-modernistas (os defensores mais *hardcore*) anunciarem isso é uma grande oportunidade para o ministério cristão. Podemos demonstrar às pessoas que pressupostos elas estão usando para lidar com a realidade e como isso é insuficiente; assim, apresentamos a mediação das Escrituras para o mundo, demonstrando que a única forma adequada de enxergá-lo é mediante as lentes fornecidas pelo Senhor. No mundo de Deus, o livro-texto tem que ser Dele.

Cornelius Van Til e Francis Schaeffer podem nos ajudar na abordagem. Eles falavam de uma prática em certa medida semelhante. Para o primeiro, no diálogo com um não cristão, nós poderíamos “entrar em seu terreno” para efeito do argumento e demonstrar como o solo dele é frágil. Poderíamos conversar com uma feminista, por exemplo, e pensar com ela nas implicações de sua

visão de mundo. Será que a visão da mulher como “tão forte quanto o homem” é adequada? Por que existe uma relação especial da mulher com a maternidade? Por que as mulheres são menos procuradas – ou não procuradas – para cargos de força, como o emprego de estivador? Por que os resultados da revolução feminina são tanto o crescimento da mulher no mercado de trabalho, quanto o crescimento da sensação de angústia e desgaste maior das mulheres e da família? Por que as mulheres querem independência, mas ainda desejam parecer atraentes aos homens?

O cristão, nessa conversa, tentaria demonstrar como tal interpretação da realidade é frágil e indicaria outra mais consistente: a visão bíblica de que a mulher é um ser tão digno e precioso quanto o homem, mas vocacionada por Deus para um lugar próprio. Não lhe é proibido trabalhar ou algo do tipo, mas ela é pensada como “o vaso mais frágil” (1 Pedro 3.7), e assim deve ser amada, protegida, e sustentada pelo homem. Deve se dedicar de modo especial à maternidade e honrar a Deus no exercício das habilidades que lhes foram dadas. Não há competição entre homens e mulheres, mas complementaridade. A única interpretação de mundo saudável para a mulher é o Cristianismo. O feminismo cobra dela produção para considerá-la digna. A religião de Jesus já a percebe com dignidade desde o começo.

<sup>11</sup> Todos têm obras publicadas em português. Para indicar algumas: *Apolo-gética Cristã* (Cornelius Van Til, editora Cultura Cristã – leitura um pouco técnica e difícil); *O Deus que intervém* (Francis Schaeffer, editora Cultura Cristã – talvez um pouco difícil no começo, mas fica mais fácil e agradável por causa das muitas ilustrações extraídas das artes); *Dando nome ao elefante* (James Sire, Monergismo Publicações); *Verdade Absoluta* (Nancy Pearcey, editora CPAD).

Schaeffer dá outro nome a sua abordagem, mas a ideia é semelhante. A figura é de “tirar o telhado” da pessoa com quem conversamos. Trata-se de, ao conversar amorosamente com não cristãos, identificar os pontos de tensão – aquelas áreas mais críticas nas quais a interpretação de mundo entra em choque com a realidade. Ao identificar esse ponto, demonstrar como ele é problemático, tirando o telhado para que o interlocutor perceba como está desprotegido. Após essa abordagem, o cristão deve demonstrar como o Cristianismo fornece um teto adequado para nos proteger e para interagirmos/interpretarmos o mundo.

Ainda há muito o que ser dito sobre as oportunidades pós-modernas, mas o princípio já foi delineado. Observamos como a ideia de interpretação pode ser uma “mão na roda” para o ministério cristão. Podemos perceber como a suspeita para com a razão pode nos ajudar a proclamar os pontos mais difíceis de um modernista aceitar, como os milagres. A ênfase em imagens pode nos ajudar a apresentar o conteúdo bíblico, rico em imagens e histórias. A busca pelo prazer

pode nos ajudar a demonstrar a fraqueza dos métodos utilizados e o verdadeiro prazer em Deus. A abertura para os sentimentos e a experiência pode providenciar grandes oportunidades para resgatarmos a espiritualidade dos puritanos, sem rejeitar os elementos racionais do processo.

E, assim, somos chamados a abraçar o nosso tempo, sem receber tudo ou rejeitar tudo, mas interagindo e avaliando, sempre a anunciar o Senhor de toda a História, do período pré-moderno, da modernidade e da pós-modernidade, e reivindicando todo pensamento à obediência de Jesus (2 Coríntios 10.5), para que não se trate de modernismo ou pós-modernismo, mas Cristianismo, que sobrevive a todas as épocas. ❀

ALLEN PORTO É PASTOR DA IGREJA PRESBITERIANA DO RENASCENÇA E ESTÁ PLANTANDO A IGREJA PRESBITERIANA DO ARAÇAGY, EM SÃO LUÍS (MA). É CASADO COM IVONETE SILVA PORTO, TAMBÉM ARTICULISTA DESTA PERÍODICO.



**ESCOLA TEOLÓGICA CHARLES SPURGEON**

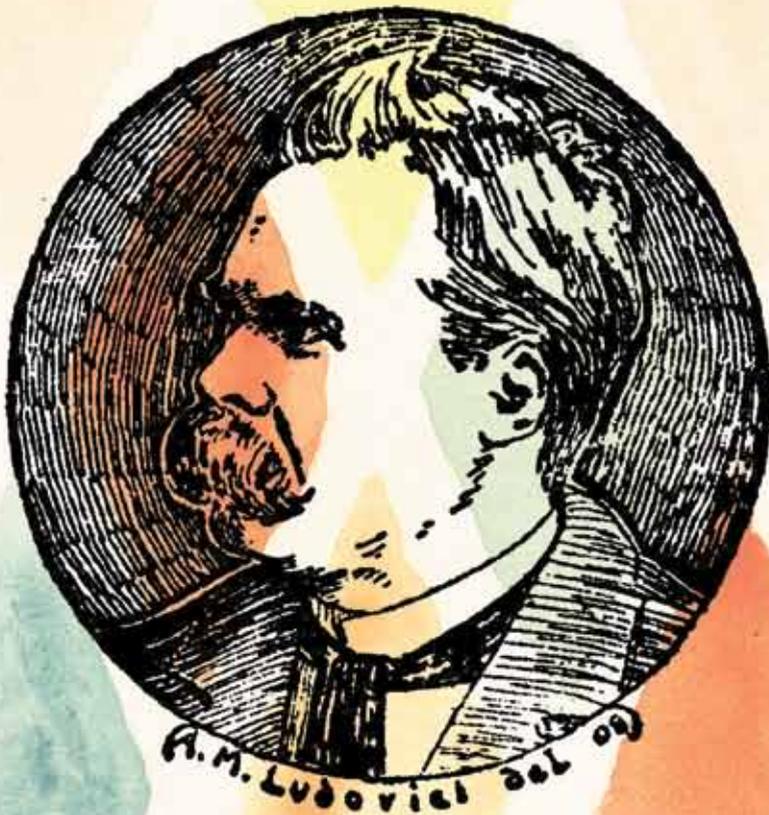
TEOLOGIA COM ESPIRITUALIDADE

**BACHAREL / TEOL. FUNDAMENTAL / ONLINE  
FORTALEZA-CE-BRASIL**

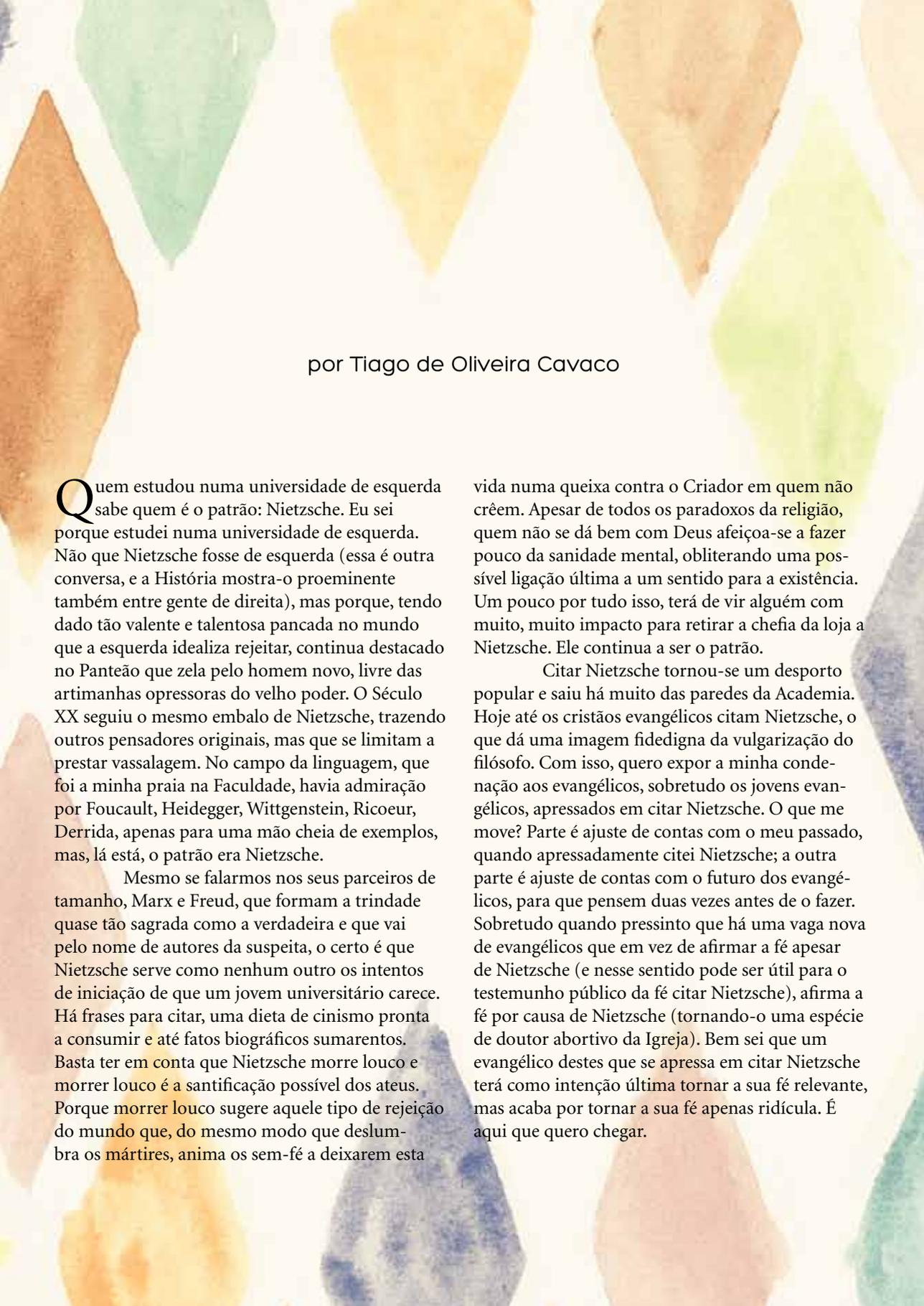
**WWW.ESCOLACHARLESSPURGEON.COM.BR**

**(85) 3287.3473 / 9948.7357 / 8658.8274 / 3055.0083**

# O EVANGÉLICO APRESSADO EM CITAR NIETZSCHE



*Citar Nietzsche tornou-se um desporto popular e saiu há muito das paredes da Academia. Hoje até os cristãos evangélicos citam Nietzsche, o que dá uma imagem fidedigna da vulgarização do filósofo.*



por Tiago de Oliveira Cavaco

Quem estudou numa universidade de esquerda sabe quem é o patrão: Nietzsche. Eu sei porque estudei numa universidade de esquerda. Não que Nietzsche fosse de esquerda (essa é outra conversa, e a História mostra-o proeminente também entre gente de direita), mas porque, tendo dado tão valente e talentosa pancada no mundo que a esquerda idealiza rejeitar, continua destacado no Panteão que zela pelo homem novo, livre das artimanhas opressoras do velho poder. O Século XX seguiu o mesmo embalo de Nietzsche, trazendo outros pensadores originais, mas que se limitam a prestar vassalagem. No campo da linguagem, que foi a minha praia na Faculdade, havia admiração por Foucault, Heidegger, Wittgenstein, Ricoeur, Derrida, apenas para uma mão cheia de exemplos, mas, lá está, o patrão era Nietzsche.

Mesmo se falarmos nos seus parceiros de tamanho, Marx e Freud, que formam a trindade quase tão sagrada como a verdadeira e que vai pelo nome de autores da suspeita, o certo é que Nietzsche serve como nenhum outro os intentos de iniciação de que um jovem universitário carece. Há frases para citar, uma dieta de cinismo pronta a consumir e até fatos biográficos sumarentos. Basta ter em conta que Nietzsche morre louco e morrer louco é a santificação possível dos ateus. Porque morrer louco sugere aquele tipo de rejeição do mundo que, do mesmo modo que deslumbra os mártires, anima os sem-fé a deixarem esta

vida numa queixa contra o Criador em quem não crêem. Apesar de todos os paradoxos da religião, quem não se dá bem com Deus afeiçoa-se a fazer pouco da sanidade mental, obliterando uma possível ligação última a um sentido para a existência. Um pouco por tudo isso, terá de vir alguém com muito, muito impacto para retirar a chefia da loja a Nietzsche. Ele continua a ser o patrão.

Citar Nietzsche tornou-se um desporto popular e saiu há muito das paredes da Academia. Hoje até os cristãos evangélicos citam Nietzsche, o que dá uma imagem fidedigna da vulgarização do filósofo. Com isso, quero expor a minha condenação aos evangélicos, sobretudo os jovens evangélicos, apressados em citar Nietzsche. O que me move? Parte é ajuste de contas com o meu passado, quando apressadamente citei Nietzsche; a outra parte é ajuste de contas com o futuro dos evangélicos, para que pensem duas vezes antes de o fazer. Sobretudo quando pressinto que há uma vaga nova de evangélicos que em vez de afirmar a fé apesar de Nietzsche (e nesse sentido pode ser útil para o testemunho público da fé citar Nietzsche), afirma a fé por causa de Nietzsche (tornando-o uma espécie de doutor abortivo da Igreja). Bem sei que um evangélico destes que se apressa em citar Nietzsche terá como intenção última tornar a sua fé relevante, mas acaba por tornar a sua fé apenas ridícula. É aqui que quero chegar.

Primeiro quero dar-vos o meu próprio currículo no tema. Não sou leigo nessas matérias e tenho a minha frase preferida de Nietzsche. “Os homens ativos rebolam como rebola a pedra, em conformidade com a estupidez da mecânica”. Passado algum tempo, continuo a achar alguma pertinência nessa frase mas reconheço que hoje tento usá-la além do ressentimento típico de quem, não tendo a capacidade de pôr nada a funcionar, gosta de desprezar a eficiência alheia (boa parte do niilismo é irritação contra o que resulta). Creio que saquei essa frase de um dos livros que mais me marcou na Faculdade, “Humano, Demasiado Humano”. Cheguei a projetar a filmagem de uma curta-metragem que colocava uma garota com ar meio *beatnick* a perder este volume numa bomba de gasolina da Amadora, *road-movie* possível a estudante universitária da linha de Sintra. Por outro lado, ainda há um ano, a minha banda, os Lacraus, editou uma mixtape que colocava o Frederico na capa com um pedal de distorção a entrar-lhe pelo cortex cerebral a dentro. O conceito veio de uma frase de Flannery O’Connor que diz que, por vezes, é necessário amplificarmos aquilo que, sendo natural para os descrentes, é pecaminoso para os crentes, mas se torna o único material de comunicação do Evangelho. Ou seja, a única maneira de redimir alguma coisa das ideias de Nietzsche é distorcê-las ao ponto em que se tornam obviamente grotescas até para os que com elas se encantam. Por essa razão, há a circular pelo País umas quantas camisetas, extraídas da capa da mixtape, desenhadas pelo traço impecável do Silas Ferreira mostrando o filósofo alemão numa ligação improvável com uma banda de rock formada por cristãos. Bota *overdrive* nos miolos do Nietzsche!

Na minha perspectiva, a maneira certa de citar Nietzsche é assinalar a inteligência possível das suas frases salientando a falta de inteligência maior que foi não ser cristão. Isso porque me parece de elementar justiça esperar inteligência dos filósofos, e um filósofo que despreza o cristianismo protagoniza um fenómeno de pouca inteligência. Será demasiado agressivo um cristão assumir que a sua fé também passa pelo uso do cérebro? Então Nietzsche não deve ser poupado do reconhecimento da justeza das críticas que fez aos religiosos do seu tempo ao mesmo tempo que se reconhece que, ao querer matar Deus, matou também o criador do pensamento. Tendo em conta a falta de fé de Nietzsche, acredito que, no que diz respeito a

*Um filósofo que despreza o cristianismo protagoniza um fenómeno de pouca inteligência. Será demasiado agressivo um cristão assumir que a sua fé também passa pelo uso do cérebro?*

tarrafa de pensar, o filósofo reprovou. Os evangélicos que citam Nietzsche sem esse cuidado ao quererem agasalharem-se intelectualmente com a roupa do patrão apenas mostram que o Rei vai nu. Parece-me então claro que a maior intenção dos evangélicos que citam Nietzsche não é encorajar o raciocínio (coisa que o citado não conseguiu na tarefa básica de reconhecer a existência de Deus), mas sobretudo chatear aquilo que veem como o *status quo* religioso (naturalmente avesso ao alemão). Chatear o *status quo* religioso pode ser por vezes necessário, mas não é forçoso que seja universalmente a coisa mais inteligente que se pode fazer.

Os evangélicos apressados em citar Nietzsche transmitem-me que não o sabem ler. Mostram-se tão ansiosos com o efeito que procuram que não colocam grande pensamento no que disse o filósofo. Tem sido frequente ler evangélicos, sobretudo brasileiros, a erigirem altares a um Nietzsche beatificado à força para os ajudar a distinguirem-se da incômoda multidão que é o evangelicalismo de Vera Cruz. Compreendo que não deve ser fácil ser evangélico no Brasil (embora ache mais difícil em Portugal), mas não é com armistícios forçados que a guerra acaba. Tornar Nietzsche num peregrino bem-aventurado além de caricato é não levar a sério qualquer palavra que escreveu. A menos que passemos a elogiar todas as pessoas que não compreendemos. Eu, que me vejo como um fraco, mas assumido adversário religioso de Nietzsche, gostaria de o ajudar livrando-o desta pieguice teológica. Tenhamos-lhe uma pinga de amor cristão. 📌

---

TIAGO DE OLIVEIRA CAVACO É CASADO COM A ANA RUTE E TEM 4 FILHOS, É PASTOR DA IGREJA BAPTISTA DE S. DOMINGOS DE BENFICA (LISBOA, PORTUGAL), FORMADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, MANTÉM O BLOGUE VOZ DO DESERTO (VOZDODESERTO.TUMBLR.COM/) E COM OUTROS MÚSICOS FUNDOU O SELO FLORCAVEIRA.

**QUALIDADE**

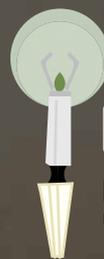
**CUSTO**

**PRAZO**

*seu alvo, nosso objetivo*

Se você procura soluções eficientes na área de web, desenvolvimento e design, temos a experiência e criatividade que você procura.

Visite nosso portfólio e entre em contato conosco em [www.ChaveSonica.com](http://www.ChaveSonica.com)



**CHAVE  
SÔNICA**  
DESIGN & WEB

# COMUNICAÇÃO VERDADEIRA

por David Portela

*OLHOS SOFRIDOS, QUASE FECHADOS PERANTE O SOL QUE JÁ COMEÇAVA A ARDER NAQUELA MANHÃ, FITAVAM OS PEQUENOS PASSOS DO NETO À SUA FRENTE, ESCALANDO A ÚLTIMA DUNA ENTRE OS VIAJANTES E SEU DESTINO.*

Ao transpor o cume, o menino repentinamente parou, arregalando os olhos ao deparar-se com a tremenda visão. O velho pescador sorriu e agachou-se ao seu lado, permitindo, em silêncio, que o esplendor daquela experiência tivesse efeito pleno na mente e nas feições do seu querido netinho.

– Vovô, o que é isso? – Disse o menino, apontando.

– É o mar, meu bem.

Outras descobertas encheram aquela manhã: a água fria, a diversidade e multiplicidade de conchas, o sargaço, castelos de areia, a perseguição das ondas que iam e a fuga das que vinham. Ao se aproximar o meio-dia, o avô recolheu as coisas e chamou o seu companheiro, avisando-lhe que estava na hora de fugir do sol e perseguir o almoço da avó.

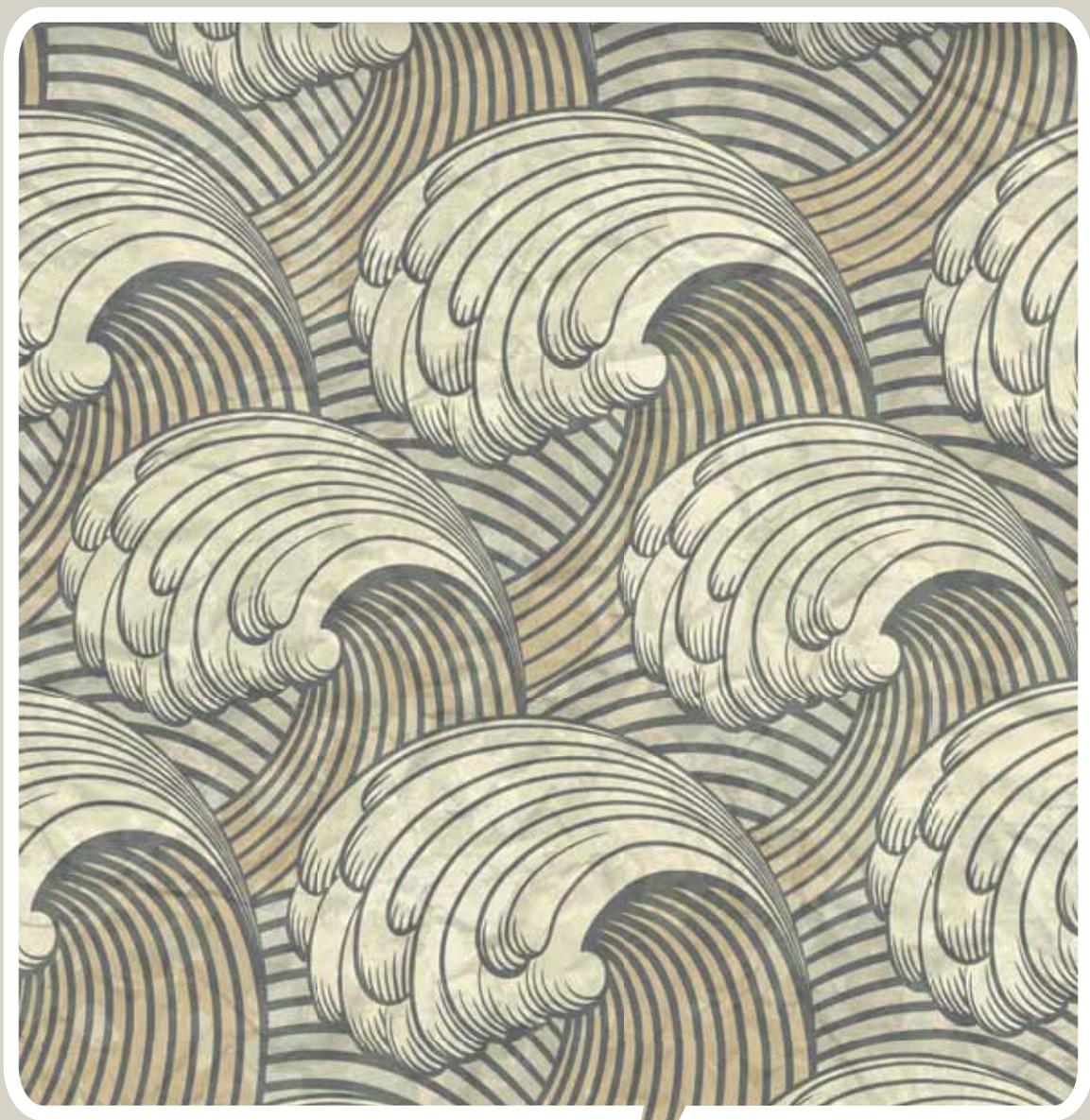
– Só mais uma coisa, vovô. – O menino se aproximou, olhou na bolsa do vô e tirou um copinho de plástico. Correu para a beira d'água e se agachou, cuidadosamente tampando o copo antes de retornar.

– Pronto, agora já podemos ir.

O velho tentou descartar o episódio, mas quanto mais caminhavam, mais a sua curiosidade crescia. Ao chegarem na porta de casa, não aguentou mais.

– Meu bem, o que você fez com aquele copinho? O garoto tirou o copo do bolso, cheio até a metade, e respondeu:

– É que eu não sei se a vovó já foi ao mar, então eu trouxe o mar pra ela ver.



## INGENUIDADE BEM-INTENCIONADA

Comove-nos o pequeno explorador pois sabemos que apesar de suas boas intenções, o que está no copo nunca poderá comunicar corretamente, ou mesmo parcialmente de forma significativa, a totalidade da experiência do mar. Apesar de possuímos a capacidade de reconhecer esse erro, quero propor que ao tratarmos do conceito de verdade, muitas vezes somos tão ingênuos como aquele menino. Compramos a ideia de que a verdade é a mera correspondência entre afirmações e pensamentos e os “fatos brutos” da realidade. E já que os fatos são muitos e dispersos, tratamos a verdade da mesma forma, e acabamos comunicando “verdades” diversas e sem conexão. Caímos na ilusão de que cada copinho não só pode conter, como de fato contém, o mar. E infelizmente muitas vezes esquecemos completamente da finalidade de comunicar o mar, no nosso zelo de distribuir copinhos cheios até a metade.

Para lidar com essa visão errada da verdade, que afeta tanto as nossas comunicações como também as nossas introspecções e sistematizações, precisamos examinar brevemente de onde vem o erro, buscar corrigi-lo e compreender algumas de suas dimensões, e traçar alguns caminhos de aplicação prática, com a finalidade de vivermos e caminharmos verdadeiramente, em nossos pensamentos, ações, e comunicações.

## A REALIDADE PESSOAL

Já que a verdade é, pelo menos em parte, uma correspondência à realidade, devemos começar examinando o conceito secular de realidade. Essa visão carece de um elemento unificador. Os fatos são o que são sem referência absoluta e sem conexão. Podemos imaginar conexões de causa e efeito entre alguns deles, mas até essas conexões dependem de nossa observação, e não há nada que garanta que a próxima causa produzirá o mesmo efeito. Consequentemente, somos forçados a falar de probabilidades, deixando de lado a certeza. E isso coloca em jogo a nossa capacidade não só de saber que algo realmente existe de uma determinada forma, como a possibilidade de comunicar eficazmente sobre a existência do mundo ao nosso redor.

A cosmovisão bíblica oferece a solução a esse problema. Deus é o elemento unificador. Ele declara que é o único que existe sem derivação ou sustento externo (Isaías 43.10–11; Atos 17.24–25), e também nos revela que tudo o mais existe e é mantido baseado na pessoa dele (Neemias 9.6; Atos 17.25, 28; Hebreus 1.3; Colossenses 1.17). Tudo o que existe é, então, *teorreferente*,<sup>1</sup> não apenas apontando para a pessoa de Deus, mas diretamente dependendo dela para sua própria existência e tendo como propósito final a revelação dele. Por causa disso, sem ele, nada do que existe continuaria a existir *ou poderia ter significado*.

## A VERDADE EM PESSOA

Essa referência da realidade à pessoa de Deus, tanto em sua existência como no seu significado, é essencial para compreendermos o erro da cosmovisão secular quanto à verdade. Ao examinarmos as Escrituras referidas acima, percebemos a tolice da tentativa de construir uma ideia de realidade que ignora o Criador, usando em seu lugar as coisas que derivam e são sustentadas por ele como se fossem o padrão final para julgarmos o que é *real* e o que não é. No entanto, seguindo a mesma linha, a definição secular de correspondência à realidade torna a *verdade* impessoal pois importa a ideia de que a *realidade* é impessoal. Só é possível manter a ilusão de que a verdade é a correspondência a fatos brutos se já se comprou a ilusão de que tais fatos brutos existem.

Se rejeitamos essa visão ilusória da realidade, que definição nos resta para a verdade? Podemos começar dizendo que já que a realidade é teorreferente, e a verdade deve corresponder de alguma forma à realidade, então uma proposição verdadeira, necessariamente, precisa expressar essa teorreferência de alguma forma. No mínimo então a verdade é não só uma correspondência às coisas como foram criadas, mas um reconhecimento de

---

<sup>1</sup> O termo *teorreferente* foi criado pelo Dr. Davi Charles Gomes para descrever essa propriedade existente em toda a criação, rejeitando “uma noção escolástica que pressupõe fatos brutos referidos *a posteriori* pelo sujeito” e ao mesmo tempo enfatiza[ndo] adequadamente que os fatos não só se referem indiretamente a Deus como ponto de transcendência epistêmica, mas, mais que isso, revelam a Deus em última instância.” GOMES, Davi Charles. A metapsicologia vantilianiana: uma incursão preliminar. In: *Fides Reformata* XI:1 (2006), p. 116, nota 14.



Sem Deus, nada do que existe continuaria a existir *ou poderia ter significado*.

sua origem e expressão. No entanto, a Bíblia vai muito além disso. Se por um lado o Criador declara que a realidade é pessoal porque se fundamenta e depende de sua pessoa, quando se trata da verdade, o Filho declara que ela *não só é pessoal, mas é a sua própria pessoa* (João 14.6). Isso significa que não existe verdade que possa ser expressada sem expressar também os outros aspectos da pessoa de Cristo. Qualquer tentativa de comunicar a verdade que não leve isso em conta é concebida em erro e inevitavelmente falha no seu propósito.

Ao proclamar que ele mesmo é a Verdade, o Senhor Jesus estabelece um contexto no qual essa Verdade existe. Suas palavras foram “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.” (João 14.6) Toda expressão fiel da pessoa de Cristo incorpora, então, três marcas principais que não podem ser isoladas ou separadas das outras:

1. Corresponde a, depende de, e aponta à realidade pessoal e teorreferente (*verdade*);
2. Impulsiona aquele que a recebe em direção ao Criador, dando acesso a ele (*caminho*);
3. Tem como alvo a vivificação daquilo que está morto, seco, e em deterioração (*vida*).

O conceito de verdade como correspondência à realidade faz parte da expressão da Verdade, mas a Verdade não se reduz à correspondência e só é comunicada com êxito se impulsionar e vivificar. O mesmo se aplica aos outros atributos do nosso Deus. Por exemplo, ao invés de tratarmos a verdade e o amor como entidades separadas e nos esforçarmos para falar a verdade *em* amor, precisamos entender que a Verdade e o Amor são a mesma pessoa (1João 8.16), e que a tentativa de comunicar a Verdade sem comunicar o Amor é completamente sem sentido. Tal tentativa não só limita a ideia de verdade à ideia de correspondência, como também ignora a realidade pessoal à qual a correspondência deveria se referir. A comunicação sem Amor, enfim, deixa de ser Verdade e deixa de corresponder à realidade teorreferente, tornando-se pois *mentira*.

## COMUNICANDO A VERDADE, VERDADEIRAMENTE

A compreensão da realidade pessoal e da Pessoa que é a Verdade inexoravelmente tem consequências sobre as nossas comunicações. Não podemos mais jogar palavras na tela como se não tivessem contexto, impulso, ou destino. Não podemos mais nos esconder atrás da ideia de correspondência aos fatos, dizendo que falamos a verdade ao mesmo tempo que trituramos nossos irmãos, mordendo-os com o nosso tom e as nossas afirmações. Precisamos usar a graça constantemente, tecendo cada texto de uma forma que comunique a Verdade à maior quantidade de pessoas, sem restrições artificiais por causa de estilo (*vaidade*) ou preguiça de explicar ideias e termos (*arrogância*).

Em toda comunicação, temos de estar cientes de que se ela preza ser verdadeira, precisa levar as pessoas à Verdade. E a maneira de fazer isso não é dividi-la artificialmente em pequenos pedaços que sejam confortáveis de carregar e transmitir (o que é impossível), e sim falar de forma que impulsiona nossos ouvintes e leitores a buscarem a vida, na pessoa de Jesus Cristo.

Não, não é possível trazer o mar até a vovó. Mas podemos, e devemos, levar a vovó até o mar. 🌊

---

DAVID PORTELA É PRESBÍTERO EM TREINAMENTO DA IGREJA PRESBITERIANA PAULISTANA. ELE E SUA ESPOSA, TAARA PORTELA, E SEUS FILHOS LUCAS E ELENA, SÃO MISSIONÁRIOS À IPP E AO MINISTÉRIO REFÚGIO DE ACONSELHAMENTO E TREINAMENTO DE LÍDERES. É FORMADO EM FILOSOFIA PELA TRINITY WESTERN UNIVERSITY, MESTRANDO EM TEOLOGIA FILOSÓFICA PELO CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER.

# A RELEVÂNCIA da PREGAÇÃO em TEMPOS PÓS-MODERNOS

POR BRENO MACEDO



Já em 1982, o grande pregador anglicano John Stott refutava diversas objeções à prática e à necessidade da pregação. Stott interagiu com problemas como a revolução cibernética, o tom antiautoritário da sociedade moderna e o desaparecimento da confiança no poder do Evangelho. Ao longo de todo livro, Stott oferece excelentes soluções para combater esses problemas e propõe a ideia de que a “pregação é indispensável para o Cristianismo”.<sup>1</sup>

Apesar de ter sido escrito na segunda metade do século XX, os argumentos de Stott continuam sendo relevantes. Entretanto, o surgimento da pós-modernidade trouxe com ela novos desafios que demandam respostas e soluções. Este artigo busca interagir com os princípios

considerados como pilares do pensamento pós-moderno, refutando o conceito de que a pregação perdeu sua relevância em nossos dias ou de que ela precisa de alguma “muleta”, algum tipo de ajuda, para se tornar relevante. Muito pelo contrário, a pregação bíblica continua sendo, e sempre será, o melhor instrumento para a edificação e conforto dos eleitos, para o combate aos erros que ameaçam a Igreja e para a chamada de pecadores ao arrependimento seja qual for sua visão de mundo.

<sup>1</sup> John Stott, *Between Two Worlds: The Challenge of Preaching Today*, Reprint. (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1982), 15, 338. Stott interage particularmente com os problemas mencionados acima em Stott, *Between Two Worlds*, 50–91.



## PREGAÇÃO, NECESSIDADE E AUTORIDADE

Antes de qualquer coisa, é preciso definir o que vem a ser pregação. Sim, porque em nossos dias muitos têm se apresentado como pregadores oferecendo a seus ouvintes tudo, menos verdadeira pregação. D.A. Carson recentemente apontou alguns elementos fundamentais para caracterizar uma apresentação pública oral como pregação.<sup>2</sup>

Primeiro, ele explica que pregação é re-revelação. Deus fala autoritariamente para seu povo, e para o mundo, aquilo que ele já falou em tempos passados para outros ouvintes. Na pregação, Deus, não o pregador, “que se revelou a si mesmo por aquela mesma Palavra no passado, está revelando-se mais uma vez através da mesma Palavra”.<sup>3</sup>

Dessa maneira, pregação é mais do que simples oratória, é um encontro com o próprio Deus vivo! Segundo, pregação é exposição fiel do texto bíblico, seja ela sequenciada ou temática. Pregação somente tem autoridade e relevância quando o pregador explica o seu texto com cuidado e fidelidade ao contexto onde ele se encontra. Essa é a preocupação principal de todo pregador sério. Carson corretamente afirma que “Se nós esperamos que Deus se revele novamente através da sua própria Palavra, então nossas exposições precisam refletir o mais fielmente possível aquilo que Deus de fato falou quando as palavras nos foram dadas na Escritura”.<sup>4</sup>

É possível, portanto, criar a seguinte definição de pregação tendo como base esses dois princípios: *pregação é a articulação verbal e lógica da Escrituras, fiel ao seu intento original, na qual Deus se revela continuamente à Igreja e ao mundo.*

Além de uma apropriada definição de pregação, também se faz necessário resgatar a necessidade da pregação. J. I. Packer certa vez afirmou que “pregação é a forma revelada por Deus de fazer-se a si mesmo e seu salvífico pacto da graça conhecidos a nós”.<sup>5</sup>

Esse foi o instrumento escolhido pelo Senhor da Igreja para a comunicação de suas palavras. A convicção do uso desse instrumento é suportada através das páginas das Sagradas Escrituras. Foi para pregar que veio o Messias (Mc 1.38), foi para pregar que ele separou doze discípulos (Mc 3.14), foi para ser pregada que Cristo executou sua obra salvífica (Lc 24.45-49), é a pregação que leva à conversão (Rm 10.14-15), é através da pregação

que o poder de Deus é exibido (1Co 1.22-24), foi à pregação que os jovens pastores da igreja apostólica foram chamados (2Tm 4.2-5 e Tt 1.3). A necessidade da pregação, em qualquer momento da história da humanidade, se alicerça no simples fato de ela ter sido claramente escolhida como o mecanismo de revelação divina. Qualquer tentativa de substituir a pregação por outra forma de comunicação com o objetivo de propagar os desígnios de Deus revelados nas Escrituras é indiretamente afirmar que Deus não foi tão sábio na sua escolha, que ele não soube prover aquilo que a Igreja ou a sociedade tanto necessitam. Como explicar, então, o questionamento moderno sobre a relevância da pregação? Packer parece oferecer uma excelente resposta: “Eu suspeito,” diz ele, “que a atual perplexidade generalizada com relação à relevância do evangelho do Novo Testamento deve ser vista como fruto do julgamento de Deus sobre duas gerações de *pregações inadequadas por pregadores inadequados*”.<sup>6</sup>

Apesar da autoridade e indispensabilidade, a prática da pregação continua enfrentando oposição ou, no mínimo, dúvidas com respeito a sua eficácia. “Vivemos em novos tempos”, dizem, “com novas necessidades, e, portanto, precisamos de novas estratégias”. Mas será mesmo que as exigências da pós-modernidade não podem ser supridas através da antiga fórmula “assim diz o Senhor”? Se for possível demonstrar que a pregação é muito mais do que suficiente para cumprir essa tarefa, então não resta outra saída à comunidade cristã a não ser abraçar e investir incansavelmente nessa atividade. A ordenança divina associada à perfeição da ferramenta torna a pregação algo mais do que necessário para o mundo pós-moderno, ela é indispensável! A dificuldade inicial dessa demonstração encontra-se na tentativa de definir pós-modernidade. O que é isso? Filósofos e teólogos

<sup>2</sup> D. A. Carson, “Challenges for the Twenty-first-century Pulpit,” in *Preach the Word: Essays on Expository Preaching in Honor of R. Kent Hughes*, ed by. Ryken Leland and Todd Wilson (Crossway, 2011), 172–189.

<sup>3</sup> Carson, “Challenges for the Twenty-first-century Pulpit,” 176. Minha tradução.

<sup>4</sup> Carson, “Challenges for the Twenty-first-century Pulpit,” 177. Minha tradução.

<sup>5</sup> J. I. Packer, “Introduction: Why Preach?,” in *The Preacher and Preaching: Reviving the Art in the Twentieth Century*, ed by. Samuel T. Logan, Jr. (P & R Press, 1986), 15. Minha tradução.

<sup>6</sup> Packer, “Introduction: Why Preach?,” 17. Tradução e grifo meus.

concordam na dificuldade presente de se chegar a uma definição apropriada do termo. Kevin Vanhoozer, alguém que tem trabalhado bastante com o conceito de pós-modernidade e suas influências na atual produção teológica, explica que abandonou as abordagens tradicionais para chegar a uma definição do termo e passou a tratar o assunto como uma “condição”. “Eu prefiro”, ele afirma, “falar da ‘condição’ pós-moderna como algo que é ao mesmo tempo intelectual/teorético e cultural/prático, uma condição que afeta modos de pensamento bem como modos de personificação”.<sup>7</sup>

Em outras palavras, a melhor forma de se interagir com o pós-modernismo é analisá-lo à luz de suas ideias fundacionais ou cosmovisão. Nesse aspecto, Graham Johnston sabiamente afirmou que ser pós-moderno é ser contra as grandes expectativas criadas pelo modernismo e por sua confiança nas ciências, lógica, razão, no raciocínio humano e na sua habilidade de resolver problemas. “Resumindo, pós-modernismo refere-se a uma cosmovisão, a uma forma de se perceber o mundo, que é uma reação contra o sonho do Iluminismo e que recusa qualquer conjunto abrangente de ideias”.<sup>8</sup>

A consequência dessa forma de se ver o mundo é que chamamos de pluralismo. Pós-modernismo estende o conceito de pluralidade para todas as áreas da vida, trazendo ao mesmo nível de igualdade a veracidade de qualquer informação. Dessa maneira, o conceito de *autoridade* é destruído, a Bíblia passa a ter a mesma relevância que o manifesto humanista, aquilo que é ensinado positivamente em um sermão não é necessariamente verdade se for de encontro com a minha interpretação do texto. Tudo é relativo! É importante observar que o conceito atual de tolerância é fruto desse “ramo” do pensamento pós-moderno. Nessa cosmovisão, tolerância deixa de ser a sujeição de um indivíduo ou grupo a desvios de uma idéia ou sistema tidos como verdadeiros para ser a crença de que todas as idéias ou sistemas são verdadeiros, não importa o quão diferentes eles sejam, eliminando qualquer possibilidade de discordância e de busca da verdade absoluta.<sup>10</sup>

A prática da pregação parece estar com seus dias contados, tendo em vista essa realidade. Porém, a cosmovisão cristã facilmente responde



## **PREGAÇÃO É A ARTICULAÇÃO VERBAL E LÓGICA DA ESCRITURAS, FIEL AO SEU INTENTO ORIGINAL, NA QUAL DEUS SE REVELA CONTINUAMENTE À IGREJA E AO MUNDO.**

### **PREGAÇÃO E RELATIVISMO**

Talvez a mais clara reação ao pensamento moderno pela pós-modernidade seja sua rejeição ao conceito de verdade absoluta ou objetiva. Enquanto o Iluminismo propunha a certeza de se conhecer o mundo de forma clara e perspicua, o pensamento pós-moderno afirma que é impossível se conhecer a verdade; sentenças indicativas e imperativas são infectadas pelas pressuposições e pré-conceitos daqueles que as emitem e, portanto, não expressam a *verdade* mas sim *uma verdade*.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Kevin J. Vanhoozer, “Theology and the Condition of Postmodernity: a Report on Knowledge (of God),” in *The Cambridge Companion to Postmodern Theology*, ed by Kevin J. Vanhoozer (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003), 4.

<sup>8</sup> Graham Johnston, *Preaching to a Postmodern World: a Guide to Reaching Twenty-first-century Listeners* (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 2001), 27.

<sup>9</sup> Johnston, *Preaching to a Postmodern World*, 29.

<sup>10</sup> Talvez a melhor obra sobre a idéia de tolerância no pensamento pós-moderno e sua refutação seja D. A. Carson, *The Intolerance of Tolerance* (Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Pub., 2012).

esse dilema. É preciso considerar o que as Escrituras ensinam sobre criação e a necessidade humana de estar debaixo de um contexto de autoridade. Apesar da total liberdade de que Adão e Eva gozavam no jardim do Éden, um limite lhes foi posto, limite este que lembrava-lhes de sua posição submissa enquanto criatura. Stott explica que “liberdade ilimitada é uma ilusão. A mente é livre apenas debaixo da autoridade da verdade, e o arbítrio debaixo da autoridade da retidão. É debaixo do jugo de Cristo que encontramos o descanso que ele promete, não descartando-o”.<sup>11</sup>

A queda não foi nada menos do que a rejeição da autoridade divina e relativização da verdade recebida. De fato, parece que a serpente foi a primeira a expressar uma ideia muito semelhante ao pensamento pós-moderno de reinterpretação da verdade quando propôs um outro significado às palavras claras do soberano Criador. Repentinamente, a expressão “no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17) passou a significar “no dia em que dela comeres, certamente serás como Deus” (Gn 3.5) e foi aceita como verdade. Após a queda, a natureza humana agora totalmente depravada não passou simplesmente a ter dificuldades em identificar a verdade, mas passou a odiar e a rejeitar a verdade (Rm 1.18). Através das lentes da cosmovisão cristã, percebemos que o pensamento pós-moderno não é nada mais do que a externalização daquilo que está no coração.

A luz desse entendimento, ficam claras a importância e a urgente necessidade da pregação. Ela restaura o aspecto da submissão da criatura diante da autoridade do Criador. É no momento da pregação que as palavras do profeta Habacuque ecoam: “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Hc 2.20). A pregação também restaura a absolutização da verdade em seu aspecto revelacional. É na pregação que Deus comunica sua vontade única e inequívoca aos ouvintes. Seus mistérios são revelados (1Co 1.1), o que é falso é desmascarado e o erro corrigido, mesmo quando muitos rejeitam a verdade e buscam a relativização que tanto lhes agrada (2Tm 4.2-3). Por último, é a pregação o instrumento pelo qual o antídoto para a inimizade entre criador e Criatura é administrado. É através da proclamação oral, como verdadeiros embaixadores da obra redentiva de Cristo no calvário, que se comunica ao mundo que em Cristo há verdadeira reconciliação com Deus (2Co 5.18-20). Quando enxergamos o

mundo através da cosmovisão bíblica, ao invés de desistir e abandonar a pregação, nos agarramos ainda mais firmemente a ela. Por outro lado, a oposição à pregação oferecida pelo pensamento pós-moderno demanda do pregador que ele utilize o púlpito de forma *confrontacional* e *apologética*. Ao passo que dominicalmente as Escrituras são expostas, o pregador precisa estar atento e ser sensível a sua realidade, tornando seus sermões relevantes. Essa relevância é alcançada quando duas perguntas, pelo menos, são respondidas: qual problema pós-moderno esse texto combate e qual solução é proposta.

## PREGAÇÃO E METANARRATIVAS

Outro problema trazido pela pós-modernidade é a rejeição das metanarrativas ou “as grandes ideias ou construções fundacionais que as pessoas utilizam para explicar a realidade e trazer coerência ao mundo”.<sup>12</sup> O Iluminismo apostou todas as suas fichas nas ciências e divulgou para o mundo moderno sua capacidade de explicar e dar sentido à realidade e de resolver problemas. Resumindo, as ciências guiarão a humanidade e fornecerão a fundação necessária para a compreensão de sua grande história. Entretanto, após o mundo ter passado por terríveis guerras, holocausto, fomes, injustiça social, crises nucleares, as ciências não parecem ser o melhor candidato para oferecer a metanarrativa humana. Sendo uma reação ao pensamento modernista, o pós-modernismo abraçou “a suspeita e a descrença em uma ‘grande história.’” Por outro lado, Smith também explica que essa suspeita e descrença não é necessariamente quanto à existência de uma “grande história”<sup>13</sup> em si, mas na crença de que a razão humana pura e simples é o fundamento universal no qual essa história pode ser construída e interpretada, descartando a necessidade de uma metanarrativa como fundamento. A crítica pós-

<sup>11</sup> Stott, *Between Two Worlds*, 56.

<sup>12</sup> Dennis Hollinger, *Choosing The Good: Christian Ethics in a Complex World* (Grand Rapids Mich.: Baker Academic, 2002), 109.

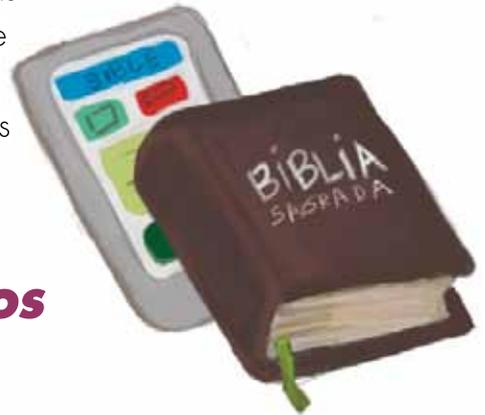
<sup>13</sup> James K. A Smith, *Who's Afraid of Postmodernism? Taking Derrida, Lyotard, and Foucault to Church* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006), 63. Na mesma página. Smith explica que o primeiro a tentar definir pós-modernismo foi o filósofo francês Jean-François Lyotard. Segundo Lyotard, “simplificando ao extremo, eu defino pós-moderno como a incredulidade para com metanarrativas.”

Num sermão, diversas informações são comunicadas em instantes sempre acompanhadas, idealmente, de aplicações práticas que fazem com os ouvintes não sejam simplesmente passivos receptores mas agentes críticos de sua própria conduta.

## **A PREGAÇÃO DE NARRATIVAS BÍBLICAS LEVA OS OUVINTES AOS MAIS DIFERENTES “MUNDOS”.**

moderna, portanto, é contra a desonestidade do pensamento racionalista/naturalista que propõe a existência de uma razão autônoma. Como solução, surge o entendimento de que conhecimento tem como fundamento uma metanarrativa.<sup>14</sup>

Ao invés de criar um problema para o cristianismo, especialmente para a pregação, o pós-modernismo abre as portas à “alternativa” cristã. A Bíblia, sim, tem para oferecer uma (ou melhor, a) metanarrativa de *criação-queda-redenção-consumação* (ou, em outras palavras, uma cosmovisão) na qual a realidade faz sentido, e a pregação é o perfeito instrumento para sua comunicação. Ao expor a história da criação, o pregador tem a oportunidade de oferecer respostas para perguntas como “de onde viemos?” e “por que estamos aqui?”. Ao expor a história da queda, a pregação funciona como resposta para incansável pergunta “por que há mal no mundo?”. Pregador sobre redenção e consumação é oferecer respostas para o dilema “para onde vamos?”. Se isso não for suficiente, as Escrituras também oferecem subnarrativas que demonstram a conexão e continuidade de sua metanarrativa. A revelação redentiva progressiva do Antigo para o Novo Testamento com seu clímax em Jesus Cristo provê o material perfeito para a pregação pública nos dias atuais. Ao invés de servir como um empecilho, a ideia pós-moderna sobre metanarrativas desnuda a necessidade de uma humanidade caída por uma história que faça sentido tendo em vista sua experiência no mundo. Dentro da providência divina, o Senhor da Igreja a presenteou com a ferramenta perfeita para suprir essa carência, a saber, a narrativa da redenção.<sup>15</sup>



### PREGAÇÃO E TECNOLOGIA

Ainda outro aspecto ligado à pós-modernidade é a influência tecnológica no pensamento e comportamento humano. No início da década de 80, Stott já alertava para os perigos e problemas de uma geração cuja babá havia sido o aparelho de televisão. Ele aponta cinco aspectos específicos nos quais a influência da “caixa falante” eram visíveis: preguiça física, pensamento não-crítico, insensibilidade emocional, confusão psicológica e desordem moral.<sup>16</sup> Se já não bastassem os problemas com a TV, a sociedade moderna é assolada pelo mau uso da Internet, mais especificamente pelas redes sociais. Pessoas gastam horas consecutivas diariamente no Twitter ou Facebook, caladas, em frente a seus monitores, publicando fotos do seu último passeio, anunciando para seu amigos que o bolo que estava no forno queimou ou “curtindo” as inutilidades que aparecem no seu *news feed*. Obviamente seria um terrível equívoco afirmar que televisão e internet são produtos do pensamento

<sup>14</sup> Smith, *Who's Afraid of Postmodernism?*, 69. Smith vai de encontro com outras interpretações do pensamento de Lyotard como, por exemplo o de Stanley J. Grenz, *A Primer on Postmodernism* (Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Pub. Co., 1996) e o de Heath White, *Postmodernism 101: a First Course for the Curious Christian* (Grand Rapids, Mich.: Brazos Press, 2006). Grenz and White entendem que Lyotard abole por inteiro a crença e o uso de metanarrativas.

<sup>15</sup> D. A. Carson habilmente demonstra o apóstolo Paulo utilizando a história da redenção com conteúdo do seu sermão em Atenas. Veja D. A. Carson, “Athens Revisited,” in *Telling the Truth: Evangelizing Postmoderns*, ed by D. A. Carson (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2000), 394–395.

<sup>16</sup> Stott, *Between Two Worlds*, 70–74.

pós-moderno, entretanto eles são meios imprescindíveis para a disseminação e endoutrinamento do conceito pós-modernista de realidade e pluralismo. Os programas do tipo “reality-show” são um misto de realidade e ficção no qual é quase impossível diferenciá-los. Quantas vezes você já ouviu de participantes do *Big Brother* a frase: “lá dentro tudo pode, é um jogo!”. Porém, quando telespectadores votam para a saída de um dos participantes não é o conceito de jogo (de ficção) que está em suas mentes, mas sim uma avaliação objetiva e moral do comportamento de quem está no paredão. Mas como avaliar alguém objetivamente sem poder distinguir um indivíduo de suas ações? A distinção entre verdade e ficção é tão embaçada a ponto de ser impossível se saber a verdade. Na ciberesfera, a situação é ainda mais complicada com jogos simuladores e perfis sociais que fazem com que ficção torne-se realidade. Por trás das fotos do atleto adolescente pode estar o flácido pedófilo de meia idade. Por mais que alguém seja ruim de briga, do outro lado da tela, ele pode ser tornar o Scorpion e ganhar o torneio do *Mortal Kombat*. Como disse Graham Johnston, “o mundo da tela da televisão e o espaço cibernético não mais replica a realidade, mas cria sua própria”.<sup>17</sup>

Diante desse quadro, não há nada mais natural do que questionar se a pregação ainda é relevante. Será que é possível interagir através da pregação com uma geração condicionada ao uso de imagens, ao acesso rápido à informação sem análise crítica e à utilização de multirrealidades? Mesmo sendo apenas comunicação oral, a pregação pode promover a mesma experiência que a Internet ou a TV e isso sem os efeitos negativos. Imagens podem ser provocadas na mente dos ouvintes através de rica linguagem descritiva e ilustrativa quando se explica informações históricas de uma perícope com riqueza de detalhes, quando auxilia-se a exposição de um texto através do uso de ilustrações, ou mesmo quando o sermão é introduzido por uma situação cotidiana.<sup>18</sup> Num sermão, diversas informações são comunicadas em instantes sempre acompanhadas, idealmente, de aplicações práticas que fazem que os ouvintes não sejam simplesmente passivos receptores, mas agentes críticos de sua própria conduta.<sup>19</sup> A pregação de narrativas bíblicas leva os ouvintes aos mais diferentes “mundos”. O sermão pode levar a igreja tanto para a era de ouro do reinado de Davi, em Israel, quanto para o perí-

do obscuro e turbulento do cativeiro babilônico em Daniel; para as bodas de Caná ou para a monte da caveira; para a antiga e terrestre Jerusalém ou para a escatológica nova cidade que desce do céu. Essa diversidade de cenários, entretanto, não desloca o ouvinte de sua realidade presente, pois busca extrair deles princípios imutáveis, tornando-os relevantes para a vida hoje, aqui, e agora. Parece, portanto, que a verdadeira pergunta não é se a pregação é relevante, mas, sim, se temos pregadores sensíveis às necessidades pós-modernas e preparados para interagir com elas.

“*Parece, portanto, que a verdadeira pergunta não é se a pregação é relevante, mas, sim, se temos pregadores sensíveis às necessidades pós-modernas e preparados para interagir com elas.*”

<sup>17</sup> Johnston, *Preaching to a Postmodern World*, 50.

<sup>18</sup> Excelentes livros sobre linguagem descritiva e uso de ilustrações são Bryan Chapell, *Using Illustrations to Preach with Power* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 2001); Jack Hughes and Thomas Watson, *Expository Preaching with Word Pictures: Illustrated From the Sermons of Thomas Watson* (Fearn, Ross-shire: Christian Focus, 2001).

<sup>19</sup> Excelentes livros sobre aplicação no sermão são Jay Edward Adams, *Truth Applied: Application in Preaching* (Grand Rapids, MI: Ministry Resources Library, 1990); Daniel Overdorf, *Applying the Sermon: How to Balance Biblical Integrity and Cultural Relevance* (Grand Rapids, Mich.: Kregel Academic & Professional, 2009).

## PREGAÇÃO E PRAGMATISMO

Por último, não podemos esquecer de um velho problema na Igreja que tornou-se um grande aliado dessa nova corrente filosófica chamada de pós-modernismo: o pragmatismo religioso. Lembre-se, o pós-modernismo enfatiza a individualidade, valoriza o “eu” e entende que o indivíduo é moldado por forças sociais mais fortes do que ele mesmo. Heath White explica que, para o pós-modernismo, “suas opiniões políticas, suas convicções éticas e seus deveres religiosos – os aspectos mais profundos de sua personalidade – são todos eles moldados por pais, amigos, comunidade, pela opinião pública durante os seus anos formativos, por instituições preeminentes como partidos políticos ou denominações de igrejas, pela mídia popular, pela estrutura econômica de sua sociedade e por muitas outras forças que estão além de sua influência ou alcance”.<sup>20</sup> Associando o pensamento pós-moderno aos ideais pragmáticos de crescimento de igrejas, temos um dos inimigos mais mortais da pregação bíblica.

O pragmatismo religioso, conforme expresso por seus representantes, enfatiza o aumento numérico de membros e visitantes de uma congregação local a qualquer custo, através de qualquer estratégia que funcione, sem se preocupar com fundamentos e amparos bíblicos.<sup>21</sup> Se os ouvintes são condicionados pela televisão e não são mais capazes de ficar atentos a algo que não tenha movimento por mais de dez minutos, então substitua o sermão por um filme. Se os ouvintes desejam algo “hollywoodiano”, que seja culturalmente relevante e moderno, substitua o sermão por uma peça teatral ou por danças litúrgicas. As possibilidades são infinitas e sempre a pregação é afetada. Tudo é escolhido ao gosto do freguês e mascarado de piedade através de jargões como “é para a glória de Deus” ou “sou como Paulo, faça-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”.

Apesar da sua aparência sedutora, os artifícios empregados na substituição da pregação precisam urgentemente ser combatidos e resistidos. Permita-me apresentar alguns motivos. *As técnicas pragmáticas têm práticas contraditórias às de Cristo, o Senhor e Cabeça da Igreja, e dos apóstolos.* Ao testemunharmos, nas narrativas bíblicas, a metodologia empregada por Jesus para divul-



gação do evangelho, não conseguimos encontrá-lo empregando nenhum método de entretenimento. Dois verbos são frequentemente utilizados para descrever a prática de Cristo: pregar e ensinar (Mt 4.23). Nenhum desses verbos contém a idéia de utilização de representações teatrais na sua execução. Eles denotam o engajamento verbal, lógico, e racional das mentes dos ouvintes na comunicação da mensagem das boas novas. Esse sentido dos verbos é claramente confirmado na prática de Cristo. O mesmo é testemunhado no exemplo apostólico. Paulo, por exemplo, ao confrontar a idolatria da atenienses, não utilizou as técnicas de encenação e drama grego tão familiares aos seus ouvintes, mas pregava Jesus e a ressurreição e ensinava doutrina (At 17.18-19). A Igreja de hoje precisa ser fiel às Escrituras, aos padrões do seu Senhor, ao fundamento dos apóstolos e inescapavelmente procurará ser fiel às práticas bíblicas e rejeitará as inovações, frutos do pensamento pós-moderno.

Outro motivo pelo qual técnicas pragmáticas devem ser rejeitadas é que *elas têm como fundamento objetivos errados.* São pelo menos duas as bases nas quais métodos modernos substituem a pregação: a acomodação ao desejo do público e o

<sup>20</sup> White, *Postmodernism* 101, 73. Minha tradução.

<sup>21</sup> Os principais promotores do pragmatismo são Donald A. McGavran and C. Peter Wagner, *Understanding Church Growth* (Grand Rapids, Mich.: W.B. Eerdmans, 1990) e C. Peter Wagner, *Strategies for Church Growth: Tools for Effective Mission and Evangelism* (Ventura, Ca.: Regal Books, 1987).

aumento indiscriminado do número de membros. Entretanto, não foram esses os fatores que impulsionaram nem o Senhor Jesus Cristo nem a igreja primitiva. Jesus não procurou agradar seus contemporâneos mas se esmerou em revelar aquilo que eles precisavam ouvir a despeito de ser odiado e rejeitado (Mc 8.11-13, Mc 3.1-6). Cristo também não buscou desenfreadamente o crescimento daqueles que o seguiam, como podemos testemunhar através da forma como lidou com o jovem rico (Lc 18.18-23). Praticantes do pensamento pragmático rapidamente condenariam a atitude de Cristo e fariam do jovem rico um presbítero! Paulo também não estava preocupado com crescimento. De fato, crescimento não é responsabilidade da Igreja e, sim, de Deus. Escrevendo aos Coríntios, o apóstolo explica que seu trabalho, juntamente com Apolo, era o de plantar e regar. É o trabalho do Senhor da Igreja fazê-la crescer enquanto ela fielmente executa seu trabalho da maneira que lhe foi entregue. O objetivo que fundamenta as práticas da Igreja é fidelidade àquilo que lhe foi entregue e ordenado.

*O princípio por trás das práticas pragmáticas constituem ainda outro motivo pelo qual elas devem ser rejeitadas.* De uma forma geral, o princípio que norteia aqueles que abraçam métodos pragmáticos, mesmo que inconscientemente, é a centralidade no homem. Se o princípio é baseado nas necessidades e carências do homem pós-moderno ou naquilo que o atrai, o princípio é antropocêntrico. Se o princípio é baseado naquilo que alguém pensa ser melhor ou mais adequado para os dias de hoje, o princípio novamente é antropocêntrico. O princípio por trás das práticas do Senhor Jesus era teocêntrico. Seu compromisso absoluto era para com aquilo que o Pai o entregou para ensinar e em fazer aquilo que agradava a Ele (Jo 8.26-28). Na verdade, é a prática desse princípio que caracteriza os verdadeiros filhos de Deus, uma vez que aquele que faz a vontade de Deus, esse sim, é irmão de Cristo (Mt 12.50). A igreja foi chamada, acima de tudo, para ser serva. Essa posição é claramente percebida no contexto do pacto quando o Deus da aliança proclama: “tu és meu povo e eu sou teu Deus” (Ex 19.1-6). O princípio que norteia as ações e atitudes de um servo é a vontade do seu senhor. Nada mais! Pode a Igreja enquanto serva afirmar com sinceridade que a substituição da pregação por métodos pragmáticos reflete a vontade Deus revelada nas Escrituras?

Por último, o uso de artifícios pragmáticos e abandono da pregação pode até, de forma imediata, aumentar numericamente a frequência de uma igreja, mas, a longo prazo, torna-se sua destruição. Com o profundo ensino da Bíblia ausente dos púlpitos, o uso desses artifícios resulta no surgimento de uma geração de crentes fracos, mal nutridos, sem profundidade fé e de convicções teológicas. Sim, sem dúvida há entretenimento, mas não há conhecimento. Sim, certamente haverá quantidade, mas não haverá qualidade. Se isso não fosse o bastante, a substituição da pregação por métodos que atraem pessoas é uma atitude que abre as portas da igreja para falsas conversões. A igreja está cheia de gente para ver o que acontece por lá e não para ver a Cristo. Visitantes vêm de todas as partes para ver a peça, para assistir ao filme, para ouvir a cantata, mas não vêm para estar aos pés de Cristo a medida que são instruídos e transformados por ele pelo poder da pregação.

## CONCLUSÃO

A pregação nunca sairá de moda. Ela foi, continua sendo e sempre será o meio eficaz e escolhido por Deus para a chamada ao arrependimento, para o ajuntamento dos eleitos e para a instrução da Igreja. Conturbações filosóficas não são um privilégio do nosso tempo. Ao longo dos séculos, diversas linhas de pensamento surgiram e desapareceram e em nenhum desses momentos a Igreja conseguiu substituir (pelo menos com sucesso) a pregação. Sua relevância é comprovada tanto por seu apontamento divino quanto por sua adequabilidade às necessidades atuais. A comissão feita ao profeta Isaías continua ecoando até hoje (Is 6.8-9): “vai e **dize** a este povo.” Resta saber quem vai dizer: “eis-me aqui, envia-me a mim”. ❖

BRENO MACEDO É PASTOR DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, BACHAREL EM ENGENHARIA ELETRÔNICA PELA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (UPE), MESTRE EM DIVINDADE (M.DIV) PELO GPTS EM GREENVILLE, SOUTH CAROLINA, E MESTRE EM TEOLOGIA HISTÓRICA E SISTEMÁTICA (TH.M.) PELO PURITAN REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY, GRAND RAPIDS, MICHIGAN.

LANÇAMENTO

## PROCLAMANDO UMA TEOLOGIA CENTRADA NA CRUZ

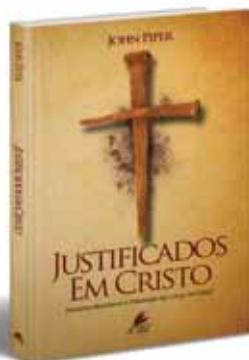
AUTORES:

MARK DEVER \* J. LIGON DUNCAN III,  
R. ALBERT MOHLER JR \* C. J. MAHANEY  
THABITI ANYABWILE \* JOHN MACARTHUR  
JOHN PIPER \* R. C. SPROUL

"Amar, ensinar e manejar corretamente a Palavra de Deus é um desafio e uma responsabilidade pastoral. De acordo com os autores de Proclamando uma Teologia na Cruz, se um pastor compreende o que a Palavra diz sobre Deus, o homem, o pecado e a maldição, Cristo e sua expiação substitutiva e sobre o chamado ao arrependimento e sacrifício, este pastor tanto desenvolverá quanto preparará uma teologia sólida".



John Piper



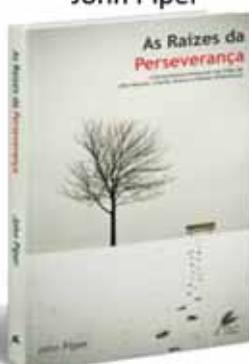
John Piper



Mark Driscoll e Garry Breshears



C.J. Mahaney



John Piper



Steve Timmis e Tim Chester



Editora Tempo de Colheita

(21)3601-1152  
www.tempodecolheita.com.br  
vendas@tempodecolheita.com.br



ilustração : Luis Henrique de Paula



# MACHEN, CRISTIANISMO e LIBERALISMO<sup>1</sup>



POR CARL R. TRUEMAN

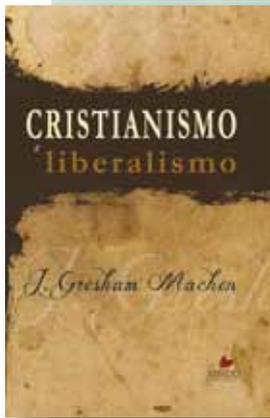


**O**S POUCOS QUE JÁ OUVIRAM O NOME DE J. GRESHAM MACHEN (1881-1937) QUASE CERTAMENTE O CONHECEM COMO O AUTOR DE CRISTIANISMO E LIBERALISMO. Em seu tempo, ele tinha uma reputação um tanto mais abrangente: de um controverso ministro presbiteriano; de um erudito do Novo Testamento (cujo livro de Introdução ao Grego ainda é impresso), de um professor do Seminário Teológico de Princeton; de um espinho na carne tanto do conselho do Seminário quanto de sua denominação, de ser oponente do ganhador do Nobel, Pearl Buck, de um litigante libertário na questão do *jaywalking*,<sup>2</sup> e de fundador de duas instituições que sobrevivem até hoje: O *Westminster Theological Seminary* (Seminário Teológico Westminster) na Filadélfia e a *Orthodox Presbyterian Church* (Igreja Presbiteriana Ortodoxa).

---

<sup>1</sup> Uma versão em Inglês desse artigo apareceu primeiramente como um ensaio introdutório à re-impressão de 2009 de *Cristianismo e Liberalismo* (Grand Rapids: Eerdmans), de J. Gresham Machen.

<sup>2</sup> *Jaywalking* é um termo utilizado nos EUA para se referir à travessia de ruas por pedestres de forma imprudente ou em lugares onde não é permitido atravessá-la.



## Cristianismo e Liberalismo

Escrita em 1923, essa obra ainda é relevante e desafiadora após nove décadas. Como representado na ilustração acima, o liberalismo é um zumbi que insiste em atacar a igreja.

A história é uma velha conhecida: pensadores e teólogos perceberam que a mensagem da igreja deveria mudar ou, pelo menos, deveria adaptar-se aos novos tempos modernos, antropocêntricos e científicos. Outros, menos conscientes do sincretismo que defendiam, simplesmente misturaram a mensagem antirrevelação ao também popular pensamento anti-intelectual e negaram a necessidade de verdades proposicionais. (O homem continua o centro, mas as emoções dele podem ser mais confiáveis que a razão, para esses). Alguns, empolgados com a iluminação e evolução alcançadas pela humanidade, entenderam que chegamos a

O contexto de *Cristianismo e Liberalismo* (a então chamada batalha Modernista-Fundamentalista do início do século XX) e sua tese central (de que o liberalismo não é uma forma legítima do Cristianismo histórico, mas uma religião inteiramente diferente<sup>3</sup>) mostravam que, desde o momento de sua publicação, ela foi vista como uma obra do fundamentalismo religioso, embora bem escrita e advinda da pena de um acadêmico cujas credenciais intelectuais e de erudição não podiam ser questionadas. Tal foi, por exemplo, a opinião do *The British Weekly*, que citou o livro em um artigo de 1924 intitulado 'Fundamentalismo: Falso e Verdadeiro'.<sup>4</sup> Apesar de essa caracterização ter continuado em boa parte da literatura erudita relevante, D. G. Hart tem cuidadosamente arguido que as categorias subjacentes nessa análise são demasiadamente simplistas. Ainda que Machen e os Fundamentalistas compartilhem interesses básicos do Cristianismo sobrenatural e tradicionais formulações doutrinárias, havia não apenas diferenças significativas entre os dois acerca de importantes plataformas culturais (por exemplo, o uso do álcool ou sua proibição), mas a posição eclesiástica de Machen também o separou da típica corrente fundamentalista. Ele era, portanto, não tanto um Fundamentalista, mas um Presbiteriano confessional. Claro, muito depende de como alguém define "Fundamentalista", mas a crítica de Hart é inequivocadamente útil ao destacar a diferença intelectual e a bagagem e mentalidade cultural do professor de Princeton. O Fundamentalismo e Machen podiam muito bem até serem, para usar um termo moderno, "cobeligerantes", ou mesmo

aliados, mas o segundo não pode simplesmente ser subsumido ao anterior.<sup>5</sup>

Hoje, claro, vivemos em um tempo em que numerosos teólogos influentes, incluindo alguns de dentro do círculo evangélico, têm chamado a igreja a deixar de lado o velho impasse dos dilemas e das dicotomias entre o liberalismo e o fundamentalismo. Tal reivindicação parece estar enraizada na ideia de que o tipo de antítese simbolizada pelo pequeno livro de Machen e o tipo de divisões que alguém pode dizer que permearam sua vida, tanto como ministro quanto como professor de seminário, estão na verdade enraizadas em erros de categoria que poderiam ser amplamente resolvidos através da aplicação de teorias de linguística comunitária, apropriações pós-modernas de Karl Barth e outros meios menos sofisticados. Todavia, tenho convicção de que o livro de Machen ainda pode falar hoje. Se a prosa labiríntica e o pensamento complicado de Karl Barth são vistos por alguns como sendo úteis para a igreja aqui e agora, eu responderia dizendo quanto mais é o caso do pensamento claro e conciso (embora de certa forma antiquado) da prosa de Machen. Ame-o ou

<sup>3</sup> Machen resumiu sua tese em uma carta para a *The British Weekly* em 11 de Setembro de 1924: 'A verdade é que a multiforme vida religiosa do presente, apesar de muitas ramificações e muita interação, não advém de uma raiz singular, mas de duas. Uma raiz é o Cristianismo; a outra é um modernismo agnóstico ou naturalista que, apesar das influências cristãs em detalhes, é fundamentalmente hostil à fé cristã.'

<sup>4</sup> *The British Weekly*, 19 de Junho de 1924.

<sup>5</sup> Veja D. G. Hart, *Defending the Faith: J. Gresham Machen and the Crisis of Conservative Protestantism in Modern America* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2003).

uma nova era, em que o homem alcançará paz e harmonia não por doutrinas, mas pela ética, do qual Cristo é o maior representante.

Para Machen, a divisão é óbvia: o liberalismo não é cristianismo. As propostas são terrivelmente diferentes. Um é religião de redenção. O outro é uma religião de auto-aperfeiçoamento. Um é a religião de Deus. Outro é a religião do homem. O Cristianismo apresenta uma história, uma narrativa, uma notícia sobre um Deus que salva pecadores por meio de seu Filho. O liberalismo cita princípios éticos, morais, e um Jesus desassociado de sua divindade, uma cruz que não expia pecados e um Deus que não é justo e justificador.

Nos sete capítulos que compõem o livro, Machen destrincha a mensagem do liberalismo em sete temas: Doutrina, Deus e o homem, a Bíblia, Cristo, Salvação e Igreja. Em 2012, uma nova versão foi lançada pela Shedd Publicações (anteriormente, o livro já era publicado no Brasil pela editora Os Puritanos).

odeie-o, ele tinha um dom que pouquíssimos teólogos possuem: discurso claro combinado com compreensão franca de um tipo que, por sua paixão, força o leitor, mesmo o leitor hostil, a refletir sobre suas próprias convicções.

Mas a utilidade de Machen não está restrita à sua clareza e paixão. Mesmo para aqueles que não concordam com sua tese central, *Cristianismo e Liberalismo* ainda pode ser entendido como uma obra que representa um artefato literário de uma geração que se deparou com o liberalismo levando, inexoravelmente, a uma religião sentimentalizada que não tinha nenhuma relação com o Deus da Bíblia ou, de fato, com a vida real. A partir dessa perspectiva, eu argumentaria que há outros dois teólogos que são dignos de nota e com os quais Machen não é comumente ligado. O primeiro é Peter Taylor Forsyth (1848-1921), o teólogo congregacional escocês que estudou sob a tutela do importante teólogo alemão Albrecht Ritschl. Inicialmente, em seu ministério, Forsyth pregava o típico liberalismo que absorveu de seu mestre alemão; mas o pastoreio em um ambiente pobre, de classe trabalhadora, precipitou uma espécie de crise intelectual e espiritual, o que fez com que ele repudiasse sua teologia inicial. Essa teologia foi substituída por uma ênfase radical no Deus revelado na cruz, um Deus que não podia ser acomodado a categorias humanas, mas um Deus de ira e de graça. Como Agostinho, Forsyth foi transformado de um amante do amor para um objeto da graça, e no processo, todo o vazio discurso liberal de Deus como amor foi substituído por um foco no que ele mesmo se referiu como a célebre ‘crucialidade da cruz’. O Deus sentimental

de Ritschl foi simplesmente incapaz de ser conciliado com o Deus da Bíblia ou com a experiência dos pobres e sofredores na igreja de Forsyth.

O segundo teólogo dispensa apresentação de minha parte: Karl Barth (1886-1968). Barth também tinha ligação com Ritschl, estudando com o pupilo brilhante do próprio Ritschl, Wilhelm Herrmann, e também com Adolf von Harnack. Para Barth, assim como Forsyth, a experiência pastoral o compungiu a repensar sua teologia liberal. Como um ministro na cidade mineradora de Safenwil, na Suíça, ele foi confrontado com os horrores da vida de uma forma que era impossível conciliar com o Deus sentimental da escola ritschliana. Além disso, o apoio de seus teólogos mentores ao esforço de guerra alemão em 1914 também causou uma crise de consciência. Surgiu, assim, a dramática teologia de seu famoso comentário de Romanos, onde as fontes de seu pensamento vieram menos do liberalismo suave de seus dias de universidade e mais das dramáticas figuras externas como Friedrich Nietzsche, Søren Kierkegaard e Franz Overbeck. O resultado tem sido por vezes caracterizado como uma ‘teologia da crise’. Não possuo o tempo nem a expertise para analisar e expor a teologia de Barth, mas é suficiente dizer que ela representou uma indiscriminada reação ao sentimentalismo ritschliano.

Pode causar estranheza, mas Machen também teve ligação com Ritschl, tendo sido estudante sob Wilhelm Herrmann, na Universidade de Marburg. Cartas dessa época à sua mãe indicam que ele estava abalado pelo zelo passional de Herrmann, o pastor de olhos – e piteados – insanos, ao ponto

de esse conservador cavalheiro do Sul parecer estar enfrentando uma crise de confiança na fé que sua mãe havia lhe ensinado. Não obstante, Machen superou a crise, e, de fato, ele gasta considerável energia em *Cristianismo e Liberalismo* atacando precisamente o tipo de sentimentalismo que viu como encorajador no liberalismo de seu professor alemão. Aqui, por exemplo, estão algumas afirmações do capítulo sobre salvação:

*Como você sabe que Deus é todo amor e bondade? Com certeza não é através da natureza, porque é repleta de horrores. O sofrimento humano pode ser desagradável, mas é real, e Deus deve ter algo a ver com isso.*

*A religião não pode se tornar alegre simplesmente pela ação de olhar o lado brilhante de Deus. Porque um Deus de apenas um lado não é um Deus real, e só o Deus real pode satisfazer os anseios de nossa alma. Deus é amor, mas é apenas amor? Busque alegria apenas, busque alegria a qualquer preço, e você não a encontrará.*

Assim como Forsyth antes dele, Machen também viu esse sentimentalismo manifestado em atitudes em relação à cruz, simbolizadas por palavras de hinos populares. No mesmo capítulo da citação acima, ele criticou o uso da palavra ‘cruz’ no hino ‘Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti’ não porque ele considerava o hino errado – o sofrimento pode trazer alguém para mais perto de Deus –, mas porque esse sentimento era visto de alguma forma como fazendo o hino distintamente cristão, enquanto a cruz na teologia cristã é primeira e principalmente uma referência ao sofrimento vicário de Cristo em nosso lugar. “Pode-se apenas lamentar”, ele conclui, “que as pessoas no Titanic não puderam achar um hino melhor para usar na última solene hora de suas vidas”.

Aqui é onde Machen ainda fala de forma mais óbvia ao nosso próprio tempo. Enquanto alguns argumentariam que o sentimentalismo tem sido superado pelo cinismo pós-moderno, é

discutível se esse é realmente o caso. O exagerado sentimentalismo açucarado que permeia muitos dos programas de entretenimento é uma marca da cultura popular. Comerciais que encenam noções romantizadas da família, mesmo que acrescentem uma insinuação de ironia aqui e ali, ainda têm como alvo nos fazer apaixonar, fazer algo ressoar no interior do público-alvo, encorajando-nos a aderir ao sonho; e todo o discurso que vem de alguns círculos sobre o Cristianismo não ser um conjunto de crenças, mas uma maneira de viver, e que não devemos crer em Jesus, mas segui-lo, parece surgir de uma visão do Cristianismo como um sentimento, o que carrega uma inquietante semelhança linguística a precisamente o tipo de liberalismo do século XIX contra o qual Forsyth, Barth e Machen lutaram com tanta paixão e persistência. Além disso, basta abrir um típico livro de música de louvor contemporâneo ou ouvir um sermão de um típico tele-evangelista para ver como os valores do mundo penetraram na liturgia e na homilética da vida contemporânea da igreja. Deve-se também mencionar os muitos pregadores evangélicos populares para os quais o Cristianismo e os interesses por uma nação particular ou uma ideologia política particular são a mesma coisa. Novamente, esse jingoísmo é apenas outro tipo de sentimentalismo; e ele está vivo e bem, hoje, como ele estava nos dias em que Machen escreveu seu pequeno livro.

Também não devemos ser tão rápidos em isentar o convencido cinismo pós-moderno de tais restrições antissentimentais. De fato, há boas razões para entendermos as sensibilidades do pós-modernismo como um triunfo da noção nietzscheana de que verdade é uma questão de gosto. O novo ateísmo de Richard Dawkins, Christopher Hitchens e companhia está enraizado não tanto no tipo de argumentos sobre a incoerência fundamental do teísmo ou na natureza sem sentido da linguagem teológica, os quais foram tão amados pelas gerações anteriores. Ao invés disso, a objeção deles à religião é, em grande parte, uma questão de gosto: religião causa opressão às mulheres, bombardeios suicidas, fanatismo antissocial; e esses resultados são *desagradáveis* para o contexto cultural contemporâneo, o fruto amargo de uma árvore envenenada. Se tal é o caso, se gosto é verdade no mundo pós-moderno, é discutível se o que estamos testemunhando é de fato uma continuidade do sentimentalismo do fim da era vitoriana: aspirações meramente humanas e valores investidos de significância mística e trans-

cedente, dessa vez no idioma da estética, temperadas com ironia, ao invés de sentimentalidade adoçada com bastante açúcar.

Assim, o mundo de hoje talvez não seja tão diferente daquele confrontado por Forsyth, Barth e Machen. Seres humanos ainda tentam fazer Deus à sua própria imagem, ainda projetam seus próprios valores no divino, ainda agem como teólogos da glória, para usar o famoso termo de Lutero em sua Disputa de Heidelberg. Ainda, ao concluir este artigo, é importante mencionar uma diferença significativa entre o argumento de Machen e os de Forsyth e Barth. Para Machen, o único modo consistente de se opor ao sentimentalismo na religião era manter a verdade do Cristianismo como uma religião histórica; e isso poderia ser feito somente com base em uma Bíblia que era autoritativa porque era divina e verbalmente inspirada. Qualquer coisa menos que isso faz do Cristianismo incerto, e a teologia cristã pouco mais do que aquelas partes do ensino da Bíblia com o qual o indivíduo se sente confortável. Uma questão, na verdade, de gosto e sentimento. Nesse ponto, ele oferece uma abordagem fundamentalmente diferente, ao Cristianismo, do que aquela encontrada em Forsyth e Barth, e a significância disso não corre o risco de ser superestimada, particularmente no contexto atual, onde um ressurgimento de uma apropriação evangélica da teologia de Barth é vista, por muitos como oferecendo possibilidades proféticas para a igreja, mas que, se Machen está certo, irá em última análise se provar no máximo inadequada para a tarefa de verdadeiramente confrontar a sabedoria do mundo e, no pior caso, um idioma para a própria expressão dela.

De fato, o compromisso de Machen com uma elevada doutrina da inspiração foi um dos pontos-chaves que levaram à fundação do *Westminster Theological Seminary* e da *Orthodox Presbyterian Church*. É também o desafio para nós hoje: em um mundo absorto em questões de gosto, e que necessita ouvir o desafio profético da palavra de Deus chamando-nos para o arrependimento e fé, precisamos nos perguntar se isso pode ser feito com base em uma visão das Escrituras menos robusta que aquela oferecida por Machen. A resposta para essa pergunta certamente é crítica para o bem-estar da igreja na próxima década, e talvez a pergunta mais importante enfrentada hoje por igrejas e seminários. Por mais crítica que fosse a questão para Machen na década de 1920, quanto muito mais

urgente é para aqueles de nós que vivemos oitenta anos depois, em um mundo mais profundamente secular e ignorante das verdades bíblicas mais fundamentais – até mesmo da própria noção de verdade transcendente? Um evangelho enraizado na escritura e baseado na ação histórica de Deus em Cristo é ainda a necessidade primária do mundo à nossa volta. Qualquer coisa menos é simplesmente inadequada; é, na realidade, Cristianismo não histórico e não redentivo em qualquer sentido real. Como o próprio Machen estabeleceu o contraste:

*Não é surpresa, portanto, que o liberalismo seja totalmente diferente do Cristianismo, pois o alicerce é diferente. O Cristianismo está fundamentado na Bíblia. Ele baseia tanto seu pensamento quando sua vida na Bíblia. O Liberalismo, por outro lado, está fundamentado nas emoções inconstantes de homens pecadores. ■*



CARL TRUEMAN É MINISTRO PRESBITERIANO (OPC) E DEÃO ACADÊMICO/VICE-PRESIDENTE PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS E CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA IGREJA NO WESTMINSTER THEOLOGICAL SEMINARY, FILADÉLFIA, USA. MESTRE NOS CLÁSSICOS PELA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE E PH.D EM HISTÓRIA DA IGREJA PELA UNIVERSIDADE DE ABERDEEN, ESCÓCIA.

Traduzido e adaptado por Alex Daher

# CARAMELO, TROCA DE ÓLEO E LABIRINTOS

*Será que finalmente achamos o caminho?*

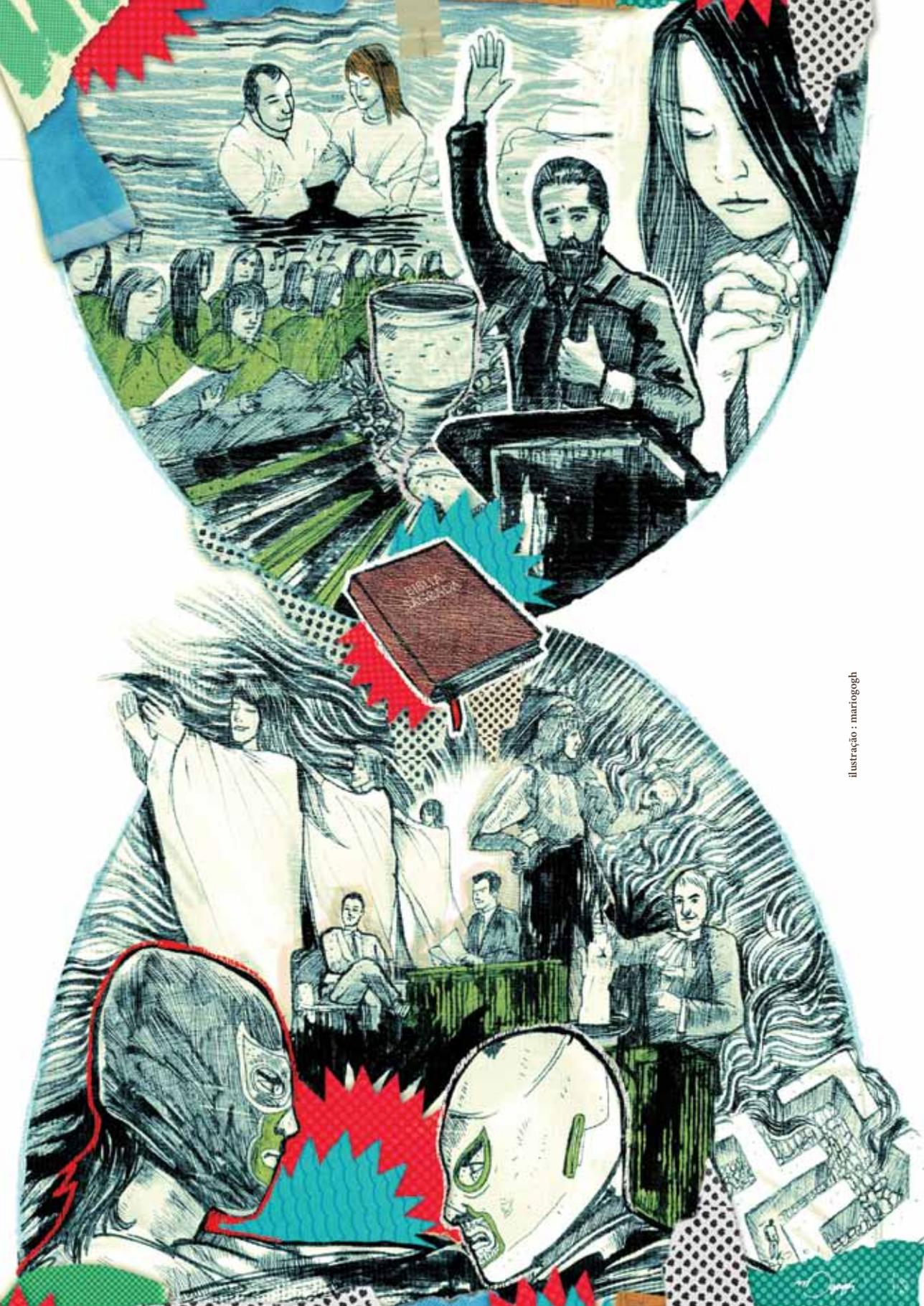
POR EMILIO GAROFALO NETO

Tertuliano famosamente perguntou: “O que tem Atenas a ver com Jerusalém? Ou a academia com a Igreja?” – fosse Tertú um tupiniquim contemporâneo teria escrito: “O que tem a novela das 8 a ver com o culto das 8? Ou o supermercado com o seminário?” O pensamento da época influencia sua igreja. Sim, a sua. O pastor presbiteriano Francis Schaeffer mostrou que as ideias percorrem um caminho interessante: da filosofia vão parar em outros ramos da academia; saindo da esfera acadêmica elas penetram no mundo das artes, passam pela cultura popular e eventualmente chegam à igreja!<sup>1</sup> Muitas vezes sequer nos damos conta de quanto recebemos essas influências, e nossa tarefa é olhar com cuidado para o que fazemos e pensamos, moldando nossa cosmovisão à sabedoria de Cristo (Rm 12.1,2).

Iremos investigar como dois movimentos recentes dentro da igreja têm sua origem no espírito de sua época, bem como o relacionamento entres estes dois grupos. Nosso objetivo aqui não é fazer uma apresentação extensa das características da igreja *seeker-sensitive* nem da igreja emergente; mas mostrar como elas bebem da fonte suja dos bebedores modernos e pós-modernos; e como nossas igrejas locais têm sido influenciadas por isto.

---

<sup>1</sup> Ver *O Deus que Intervém*. Geralmente quando essas ideias chegam à igreja, o mundo acadêmico já está as abandonando em busca de algo novo; a igreja busca ser “relevante” para o tempo atual e, na verdade, está seguindo moda que já saiu de moda. O melhor mesmo é simplesmente evitar modas e ser contracultural. Veremos no final do artigo um pouco sobre como fazer isso. Não é para ler agora. Espere.



O NOME DIZ RESPEITO A ESTAR SENSÍVEL AOS QUE ESTÃO BUSCANDO – O QUE JÁ TEM UM **PROBLEMA TEOLÓGICO GRAVE**, O DE DISCORDAR DE PAULO EM ROMANOS 3.10,11. OUTRO NOME SERIA A **MARKET DRIVEN CHURCH** – IGREJA DIRECIONADA PELO MERCADO. OU AINDA **SEEKER-FRIENDLY**: AMISTOSA PARA COM OS QUE BUSCAM.

## MOVIMENTO IGREJA

# Seeker-sensitive

Em certo ponto do século XX, o desenvolvimento tecnológico e a crescente produção dos meios de comunicação de massa fizeram com que fôssemos conectados de maneiras nunca vistas antes (e nem estou falando da internet, mas do rádio e da televisão!). Antes, notícias do que se passava na Europa ou na Ásia levavam meses para chegar até a América, mas logo passamos a ter acesso quase imediato às notícias.<sup>2</sup> Os meios de comunicação e reprodução técnica serviram para difundir com mais rapidez os produtos culturais como música e filmes. A maior produção de marcas e produtos aliados ao boom do marketing trouxe a você a difícil tarefa de decidir entre 17 tipos de pasta de dente e 35 marcas de pão de queijo.<sup>3</sup>

Junte tudo isto: Por um lado, a enorme oferta de bens e serviços; conhecimento acerca de novidades e ideias de fora; uma cultura de marketing que vive dizendo que você é especial e merece tudo de bom. Por outro lado, imagine que as igrejas vêm aos poucos perdendo seus membros, desinteressados em participar de igrejas onde o evangelho não aparece nem no púlpito nem na prática. O que sai desse caldeirão? A igreja *seeker-sensitive*. Este movimento está ligado ao evangelicalismo nos EUA, que, diferente das igrejas históricas, busca se definir pelo mínimo denominador comum.<sup>4</sup> A ideia é a seguinte: tememos que o evangelho esteja se tornando irrelevante neste mundo moderno; por que não oferecer uma igreja em que o visitante seja tratado como um consumidor de produtos ou um expectador de grandes produções? Afinal, ele está acostumado a ser paparicado nos supermercados, a ser bem tratado nos teatros, a ter um enorme cardápio de opções. Que tal criar uma igreja onde se apresente um ambiente não-ameaçador, onde o visitante/membro sinta-se livre de pressões, no controle da situação, dono de suas escolhas e tudo seja

feito para agradá-lo? Bem-vindo à megaigreja, onde adoradores são como consumidores num Shopping Center ou num mega festival de música.

Como isso se mostra na prática? Pra começar, um diferente tipo de pastor passa a ser buscado: não importa mais conhecer as línguas originais; não se busca alguém que conheça doutrina profundamente ou seja bom no cuidado das ovelhas, mas alguém com boa capacidade de gerenciamento e semelhante a um bom empresário. O maior investimento da igreja não é mais em discipulado e teologia, mas em aparência, em comunicação, em equipamento multimídias. Quais são as estratégias para seduzir os clientes? Há todo tipo de peripécia e artimanha debaixo do sol. Em listar todas há canseira e enfado, então me deixe mostrar apenas algumas para você pegar a ideia. Várias igrejas começaram a fazer instalações megalomânicas e oferecer amenidades para seus clientes: quadras de basquete com arquibancadas, serviço de troca de óleo para seu carro, boliche, *spas*, salões de beleza, Starbucks, McDonald's, tudo isto em nome de atrair descrentes para o evangelho.

Mas as inovações não podem parar, ou o produto fica velho. Utilize camelos entrando no “palco” na época de natal; faça com que os pastores desçam de rapel na hora de pregarem. Utilize o que for preciso para fazer o momento de música

<sup>2</sup> Em 1995, nós, fãs de futebol europeu, tínhamos de esperar a segunda-feira para saber com quantos gols o Barcelona tinha surrado o Real Madrid, enquanto que hoje podemos ver na TV, ou pela internet ou mesmo acompanhar o live blog descrevendo o massacre enquanto se finda trabalhar.

<sup>3</sup> Números estimados; a realidade pode ser diferente.

<sup>4</sup> iPródigo te ajuda em matemática! A ideia é: “vamos encontrar o mínimo de fatores em comum que temos e usar estas coisas para nos definir; nada de ficar buscando as coisas que nos distinguem teologicamente, mas apenas as que nos unem. Nada de doutrinas divisivas!?”

Algumas das maiores são *Willow Creek Community Church*, em Chicago, cujo líder é o imensamente popular e imensamente fraco **Bill Hybels**. Outra das grandes é a *Saddleback Church*, em Lake Forest, na Califórnia, liderada por **Rick Warren**. Mais recentemente, **Joel Osteen** e sua gigantesca *Lakewood Church*, em Houston. Enquanto Warren ainda mantém uma teologia em geral evangélica (embora rasiinha), outros, como Joel Osteen, abandonam o evangelho em troca de promessas de melhoria pessoal e prosperidade.



mais adequado; se for necessário use louvor com lasers; simulação de milagres, o que for! Aliás, diminua bem o tempo de pregação e faça um enorme bloco de música logo no começo, pois é disso que o povo gosta. Faça simulações, jogo de cena, luta livre, traga humoristas, dançarinos de tango, teatros... A criatividade não tem fim! Trate seu visitante como um cliente e faça de tudo para agradá-lo e não para não se sentir como se estivesse, bem, numa igreja. Por isso, pregadores, muito cuidado: nada de falar de temas difíceis (inferno, divórcio...), nada de usar palavras complicadas (expição, imputação), nada de muita doutrina, mas apenas dicas práticas para a vida e muitas histórias para divertir o povo, com uma pitada de autoajuda pra ficar com um ar de espiritualidade.

A megagreja colou nos EUA e em outras partes do mundo; por aqui, em terrenos sul-americanos, ela não se firmou da mesma forma que lá; mas elementos diversos aparecem nas mais variadas denominações. Talvez você esteja pensando: “Mas espere, nem todas as megagregjas são assim e nem todas as igrejas que usam elementos como estes são *seeker-sensitive*! A minha igreja, por exemplo, é histórica, ela não é *seeker*!” Há! Te peguei. Sua igreja pode ser histórica e conservadora em certos elementos *ao mesmo tempo* em que adota práticas e ideias *seeker*. É cada vez mais comuns pastores bem-intencionados não perceberem o que estão criando ao se deixarem levar por um modelo assim; acham que estão adaptando seu modelo aos tempos quando na verdade estão capitulando

a um modelo anti-bíblico. Muitas vezes as igrejas absorvem apenas elementos, princípios e ideias de um movimento, sem necessariamente comprar o pacote todo.<sup>5</sup> Assim, muitas igrejas presbiterianas, batistas, metodistas começaram a fazer concessões específicas em certas áreas a fim de se tornarem mais palatáveis ao gosto do freguês. Uma igreja aqui trocou a pregação por uma breve meditação seguida de vídeos educativos/instigantes; uma igreja acolá substituiu o cântico congregacional (onde todo mundo canta) por cantores profissionais se apresentando, mas manteve o púlpito de maneira tradicional. Enfim, há uma grande mistura de elementos tradicionais e inovações. O problema maior não é que se considere a possibilidade de modernizar ou rever algumas coisas; o problema mesmo reside no fato de que muitos líderes simplesmente compraram a ideia de que o povo de hoje em dia não aceita mais as velhas formas, e o único caminho do sucesso (medido por parâmetros não-bíblicos) é mudar e fazer o pacote mais agradável ao consumidor.

Mas será que funciona? Parece que sim, pois afinal essas igrejas têm dezenas de milhares de membros, não é mesmo? Curiosamente, estudos mostram que a grande maioria dos membros das megagregjas não é composta de descrentes que

<sup>5</sup> Por exemplo, há diversas igrejas históricas que absorvem elementos específicos da teologia carismática, ou liberal, sem que se tornem uma igreja totalmente assim.

vieram ao evangelho por meio delas, mas crentes que migraram para ali vindo de igrejas menores e menos, digamos, animadas. Além disso, a medida numérica não é o critério bíblico de fidelidade ao Senhor, mas os frutos de santidade, semelhança com Cristo, sal e luz do mundo.

Vamos usar uma analogia para ilustrar tudo isso. Imagine que todo ser humano nasce com uma infecção (pecado) que só um único antibiótico é capaz de curar (evangelho). Por muito tempo, o antibiótico foi aplicado, por vezes mais ou menos diluído, por vezes misturado a outros remédios. Muita gente sempre se recusou a reconhecer que tem essa infecção e ficou longe do remédio. Imagine agora que, no século XX, os meios de comunicação, a cultura popular e todas essas outras mudanças modernas começaram a difundir a ideia de que não existe infecção. Alguns médicos pararam de receitar os antibióticos e a indústria farmacêutica entrou em pânico: “O que fazer? As vendas vão cair!”, disse o ansioso. “Já sei, vamos mudar a fórmula do antibiótico!”, sugeriu o engenhoso. Assim, retirou-se o principal princípio ativo, pois esse era um tanto amargo; adicionou-se muito açúcar e corantes; diminuiu-se a dosagem, dilui-se a fórmula. Além disso, os fabricantes começaram a incluir brindes na caixa de antibiótico para atrair os clientes. Mas, muito importante, não mudaram o nome; continuaram chamando de antibiótico, senão o povo estranharia. Muitos passaram a provar desse novo remédio e, por um tempo, curtiram o gostinho, mas logo perceberam que, já que não há infecção, pra que tomar esse remédio?

A modernidade já nasceu fadada à derrota, como qualquer projeto de autonomia humana. Muitos pensadores eventualmente perceberam que a maneira moderna de pensar não satisfazia seus próprios critérios de racionalidade. De forma semelhante, começou-se a perceber que a própria moralidade moderna não fazia muito sentido (pra que ser bom se tudo vem do acaso?). A pós-modernidade foi o resultado.<sup>6</sup> E como a igreja reagiu?

Seja bem-vindo ao Movimento Igreja Emergente (MIE).

## MOVIMENTO IGREJA *Emergente*<sup>7</sup>

O mundo ocidental eventualmente começou a se desiludir com o modernismo. A ideia de que nossa racionalidade, ciência e progresso acabariam com os problemas do planeta mostrou-se uma grande furada.<sup>8</sup> Além disso, começou-se a perceber que as bases filosóficas da modernidade eram tão resistentes quanto uma escultura de papel-machê diante do furacão Katrina.<sup>9</sup>

O MIE é algo muito fluido e é difícil caracterizar todo mundo debaixo de um mesmo guarda-sol. Pode-se, entretanto, falar em generalizações que mostram características suficientes para identificar tendências e elementos comuns.<sup>10</sup> Alguns dos nomes mais relevantes no movimento são Dan Kimball, Doug Pagitt, Rob Bell, Peter Rollins, Spencer Burke e Brian McLaren. Alguns dos teólogos mais robustos (*ma non-tropo*) que legitimam esse uso do pós-modernismo são Stanley Grenz, John Franke e N. T. Wright.

Vale notar que há alguns dentre o MIE (ou que ao menos se identificavam com este) que se propõe a apenas modificar o formato e a aparência da igreja sem, contudo, mudar o ensino histórico

<sup>6</sup> Claro, não temos tempo de ficar falando sobre o que é a pós-modernidade. Suficiente aqui é dizer que esta é, no fundo, a modernidade levada às suas últimas consequências éticas, epistemológicas, estéticas, etc. Sugiro o capítulo de Pós-modernismo de James Sire em *O Universo ao Lado* para ver mais sobre essas pontes entre modernidade e pós-modernidade. Estou aqui, é claro, simplificando a história.

<sup>7</sup> Nem todas as igrejas (ou comunidades, ou seja o que for) que estão debaixo desse guarda-chuva pensam igual; mas há elementos suficientes em comum para podemos falar em um movimento. Como veremos mais adiante, quando elementos do MIE chegam ao Brasil, eles muitas vezes vêm em partes; igrejas tradicionais adotam uma ou outra prática mesmo sem comprar toda a ideia emergente.

<sup>8</sup> Alguns dos frutos da pretensa autonomia humana: duas guerras mundiais, massacres em todo o mundo, *mullets* e *disco music*.

<sup>9</sup> Para essa questão das bases epistemológicas do pensamento moderno e sua fragilidade, sugiro o excelente artigo de Davi Charles Gomes chamado “A suposta morte da Epistemologia e o colapso do fundacionalismo clássico.” *Fides Reformata* 5:2 (2000). Disponível online. Vale a pena ler, vai esticar sua mente.

<sup>10</sup> Em português, temos algumas boas obras: Deyoung, Kevin. 2011. *Não quero um pastor bacana: e outras razões para não aderir à igreja emergente*. Editora Mundo Cristão; Carson, D.A. 2010. *Igreja emergente: o movimento e suas implicações*. Editora Vida Nova. Em inglês sugiro a excelente coletânea de artigos em: Johnson, Gary L.; Gleason, Ronald N, eds. 2008. *Reforming or conforming? Post-conservative evangelicals and the Emerging church*. Wheaton, IL: Crossway Books. Ver ainda o artigo de Mauro Meister: “Igreja emergente. A igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória.” *Fides Reformata* XI, No 1 (2006): 95-112. Disponível online.

## QUEM É QUEM NO MOVIMENTO EMERGENTE

da doutrina bíblica. Um exemplo claro é Mark Driscoll, que, com toda a roupagem e estilo novo, ensina o tradicionalíssimo monergismo.<sup>11</sup> Outros buscam, entretanto, ir além: o projeto de muitos é rever mesmo os pontos centrais da doutrina dos apóstolos. Rob Bell, por exemplo, em seu livro *O Amor Vence* tem ensinado uma forma de universalismo (a ideia de que no final das contas, todos os humanos serão salvos). Steve Chalke chama a doutrina da morte substitutiva de Cristo de “abuso infantil cósmico”. Brian McLaren não somente endossa Chalke como tem sua própria enorme gama de erros teológicos acerca de salvação, inferno, identidade cristã,<sup>12</sup> escrituras, pecado... A lista é gigantesca e desanimadora. McLaren é vendido no Brasil como se fosse um novo mestre da espiritualidade sincera e generosa. Mas tente confrontar McLaren e seus discípulos acerca de seus erros! Responderão que estão numa caminhada, que ainda é muito cedo pra definir coisas, que o caminho da incerteza é o caminho piedoso, que sapo lavado na pia continua sendo nojento etc. Ao mesmo tempo em que afirmam categoricamente heterodoxias diversas, insistem que não podem ser criticados pois ainda estão investigando e crescendo.

O MIE, em geral, busca voltar a um cristianismo supostamente menos racionalista, mais autêntico,<sup>13</sup> mais verdadeiro. A ideia é ir contra o racionalismo e mercantilismo da igreja *seeker*, onde o que importa é o sucesso medido por números e valores. Assim, decidiu-se buscar maneiras de ser igreja que sejam radicalmente opostas à maneira *seeker*; nada mais de megagregas – mudemos para pequenos grupos. Nada mais de grandes líderes e figuras de grande autoridade – mudemos para líderes como nós que falam nossa língua e se vestem *cool* como nós (sem chamar de *cool*). Nada mais de grandes produções, artistas caros, shows de luzes; vamos nos reunir à luz de velas, compartilhar o que entendemos de espiritualidade, buscar algo pessoal. Nada mais de grande planos, projetos ou eventos,

<sup>11</sup> O que não significa que Driscoll não tenha arestas a aparar; recentemente foi corretamente criticado pelo seu descaso pelo entendimento histórico cessacionista e pela falta de cuidado em seu livro sobre sexualidade.

<sup>12</sup> Ao dizer, por exemplo, que uma pessoa pode continuar sendo budista ou hinduísta e, mesmo assim, ser seguidora de Jesus.

<sup>13</sup> Há uma linha tênue frequentemente cruzada em nosso Brasil entre ser autêntico e ser mal-educado.



**BRIAN MCLAREN**

Ficou famoso com a série de filmes sobre espiritualidade chamada *NOOMA*. Publicou o livro *O Amor Vence*, onde sugere que todas as pessoas serão salvas. Ultimamente, tem trabalhado em uma série de TV sobre sua própria vida.



**ROB BELL**

Como McLaren e Bell, não defende a visão tradicional do inferno. Para ele, a teologia é uma verdade que está sempre em mudança. Evita usar palavras tradicionais como “culto” e “igreja” e tem a prática de “pregar” em uma conversa informal com outras pessoas em vez de usar um púlpito.



**DOUG PAGITT**

Ativista, criou polêmica ao negar doutrinas centrais da fé cristã. Para ele, um Deus de amor não pode punir o Filho pelos pecados dos homens. No início do ano, reconheceu a legitimidade de uniões homossexuais, condenando apenas as práticas promíscuas.



**STEVE CHALKE**



**DAN KIMBALL**

Kimball é menos extremado em suas posições que os autores anteriormente citados. Preocupa-se em entender a visão que os incrédulos têm da igreja, mas dá pouco valor à doutrina, concentrando-se em questões de “espiritualidade”. É um dos entusiastas do Labirinto de Oração (veja abaixo) e tem um topete gigante.



vamos agir localmente em nossa comunidade. Com a mudança de modernidade para pós-modernidade, muitos se desiludiram com a igreja *seeker* e buscaram preencher esse vácuo com uma proposta de igreja mais adequada às sensibilidades pós-modernas.<sup>14</sup>

Mas qual o problema? Não seria o caso de lutar contra os erros da igreja da modernidade? Devemos sim reagir contra a superficialidade e artificialidade da igreja *seeker*, mas voltando aos caminhos bíblicos. O principal problema do MIE é que nesse desejo de jogar fora os erros da modernidade eles tem se desvinculado também de coisas bíblicas e corretas que precederam a modernidade. No seu afã de se reencontrar com uma espiritualidade que supostamente precede o tal racionalismo da igreja moderna, tem se voltado para algumas ideias e formas medievais; no objetivo de evitar os erros da modernidade autônoma, caíram no laço da pós-modernidade autônoma. Veja a situação: por um lado, o MIE volta demais no tempo indo até a idade média em busca de autenticidade quando deveria era ter voltado à Reforma; por outro lado, eles não voltam o suficiente, pois não voltam às fontes da Escritura e, sim, às interpretações místico-birutas feitas em certos períodos da história. Um exemplo vai ilustrar bem essa dicotomia: Brian McLaren escreve com uma fantasia de piedade humilde: “Eu não acho que entendemos direito o evangelho. O que quer dizer ser salvo? Quando leio a Bíblia não vejo ela dizendo eu vou pro céu quando morrer. Antes do evangelicalismo moderno, ninguém aceitava Jesus Cristo como seu salvador pessoal ou andava pelo corredor num apelo ou dizia a oração do pecador. Eu também não acho que os liberais entenderam corretamente [o evangelho]. Mas eu também não acho que nós entendemos certo. Nenhum de nós chegou à ortodoxia.”<sup>15</sup> Ao mesmo

tempo em que ele (corretamente) rejeita o caminho do evangelicalismo moderno, não percebe que isso já foi uma deturpação; ele reage ao desvio de caminho, mas, para isso, abandona o caminho.

Voltemos à ideia do antibiótico. O pessoal percebeu que aquela coisa açucarada que se vendia como antibiótico era uma fraude. Mas, ao invés de voltar e buscar a fórmula verdadeira e eficaz (como os reformadores fizeram), os emergentes resolveram jogar fora qualquer tentativa de antibiótico. Não consideraram, ou preferiram ignorar, o fato de que estavam tomando não o remédio verdadeiro, mas uma modificação perversa. E o que o MIE faz é largar qualquer antibiótico e voltar ao uso de sanguessugas medicinais. O pessoal olhou para o fiasco, frieza e furadas da igreja *seeker* e resolveu encontrar outro caminho, só que achou que o problema era com o remédio e não com sua deturpação. Assim, na solução, eles acabam indo longe demais e negando coisas que nunca deviam ter sido negadas. A Igreja *seeker* abandonou a autoridade bíblica como base para padrões e objetivos, métodos e conteúdo e, com isso, criou um vácuo de espiritualidade.

Mas qual o problema de voltar a formas medievais? O problema é duplo: por um lado, esses modelos medievais eram baseados em entendimentos errôneos da doutrina da escritura, da salvação

<sup>14</sup> Phil Johnson demonstra a história do movimento como um desejo de redefinir categorias e prover respostas para uma geração pós-moderna que estava infeliz com a igreja evangélica dirigida pelo mercado no final do século XX. JOHNSON, Phil. Johnson, Phil. 2008. *Joyriding on the downgrade at breakneck speed: the dark side of diversity*. In *Reforming or conforming? Post-conservative evangelicals and the Emerging church*, Ed. Gary L.W. Johnson and Ronald N. Gleason, 211-223. Wheaton, IL: Crossway Books.

<sup>15</sup> Brian McLaren, entrevista no artigo *The Emergent Mystique* de Andy Crouch. Christianity Today, Novembro de 2004.

e da vida cristã.<sup>16</sup> O outro problema é que esses eram frequentemente fruto de sincretismo como paganismo.<sup>17</sup> É claro que varia de local para local, mas, em grande parte, o MIE tem utilizado práticas como *lectio divina*, labirintos de oração, velas e outras coisas como se fosse um jovem que passou no brechó da esquina: “Uau, quanta coisa *cool*! Não acredito que não se usa mais isso... vou comprar”. O que não se considera é que há uma boa razão pela qual golas rolê (labirintos), *catsuits* (*lectio divina*) e calças boca de sino (meditação com mente esvaziada e suposta conexão cósmica com “Cristo”) saíram de moda! O bom senso bíblico prevaleceu contra essas modas e o povo insiste em desenterrar zumbis. “Mas espere aí! Na minha igreja nós não nos reunimos à luz de velas tomando café gourmet com caramelo *light* ouvindo cítaras e meditando sobre tópicos esotéricos. Nós não somos emergentes!” Novamente, assim como foi com o movimento *seeker*, a maioria das igrejas não compra a ideia toda; ela busca absorver elementos específicos que lhe pareçam interessantes.

Seguindo a maneira de pensar pós-moderna, o MIE identifica o problema como sendo a racionalidade, sem perceber que o problema foi, na verdade, o racionalismo.<sup>18</sup> O MIE acha que o erro foi ser extremamente racional e que a culpa é da Reforma, de seu pensamento monolítico. Assim, se propõe voltar a tempos supostamente mais puros e menos individualistas, ao mesmo tempo em que se seguem padrões de irracionalidade pós-moderna. A ideia é aprender com os grandes mestres da espiritualidade medieval, adaptando esses à realidade plural. Vamos analisar brevemente dois destes elementos místicos; cada um destes justificaria maior atenção e tempo, mas o objetivo aqui é simplesmente apontar para como são caminhos errôneos e nada inofensivos.

**Lectio divina (ou leitura orante)**<sup>19</sup> – Essa prática antiga na igreja Romana remete a mosteiros beneditinos – a ideia é basicamente ler a Bíblia e ficar meditando nela até entrar num estágio de contemplação onde Deus “fala com a pessoa”. É uma espécie de escada de oração em que degraus diversos levam a pessoa a uma união mística com Deus.<sup>20</sup> Os problemas são vários: primeiro é que não vemos nenhum personagem bíblico fazendo isso nem temos instrução bíblica nesse sentido – a reflexão bíblica é sempre meditação de mente cheia, nunca de mente vazia.<sup>21</sup> Outro problema é que trata-se de um sincretismo com formas pagãs

de espiritualidade semimonista que vê o perder-se em Deus como objetivo espiritual. É claro, a *lectio divina* moderna é adaptada à geração coca-zero; ninguém quer fazer no chão frio e sem comida boa depois da reunião da juventude. Queremos a ideia sem o sacrifício. João Cassiano iria rir de você e sua *lectio divina light*.<sup>22</sup>

E o tal **Labirinto de oração**? Que negócio é esse? Não se espante se isso ou variações disso começarem a aparecer por aí. É apenas um *remake* de algo que não prestava, mas como é antigo e meio místico fica parecendo uma boa ideia. Que nem se faz com filmes ruins de ação dos anos 80, o pessoal de hoje olha e pensa “ei, aquilo era uma boa ideia, porque foi mesmo que paramos?”. Em algumas igrejas antigas medievais, havia (e ainda há) labirintos desenhados no chão. Essa prática tinha influências de ideias pagãs e sugeria que a pessoa poderia começar a caminhar pelo labirinto à medida que orava; ao chegar ao centro do labirinto, ela encontraria algo especial.<sup>23</sup> O labirinto é uma experiência mística altamente individualista. Várias igrejas têm construídos seus labirintos, sejam com paredes ou simplesmente pintados no chão. Na tentativa de atualizar a coisa um pouco, por vezes o MIE utiliza alguns elementos tecnológicos para atrair nosso *geek interior*: uma tela de computador passando imagens bonitas, uma música de fundo do outro lado, um jogo de luzes em sincronia e assim vai. Aqui vai uma descrição resumida de um labirinto

<sup>16</sup> Foi necessária uma REFORMA para combater tanto erro...

<sup>17</sup> Não é novidade para ninguém que a Igreja Católica Romana, em seus esforços missionários, sempre deu espaço ao sincretismo. Poderíamos exemplificar *ad nauseum*, mas basta lembrar o exemplo dos santos, frequentemente identificados com deidades locais pagãs.

<sup>18</sup> Pensemos em racionalidade como uma característica criada dos seres humanos, onde usamos nossa razão para examinar e reagir ao mundo e à revelação de Deus. Racionalismo, por outro lado é a crença na autonomia da razão humana, em que podemos nos achar nesse mundo sem a revelação divina. Essa ideia surgiu no jardim com a velha serpente.

<sup>19</sup> Algumas pessoas chamam de *lectio divina* o recomendável uso da Escritura na oração. Mas isso não é o que historicamente chamou-se de *lectio divina*.

<sup>20</sup> Alguns praticantes beiram um gnosticismo que aponta que apenas os que praticam esta técnica de fato estão em contato com Deus e sua mensagem.

<sup>21</sup> Meditação que envolve o esvaziar da mente é típica de religiões e cosmovisões monistas, que identificam o criador com a própria criação. Híndus, budistas, xamãs americanos, místicos muçulmanos... Essa é a companhia dos místicos medievais e dos emergentes nesse aspecto. O cristianismo ensina uma radical separação entre criador e criação.

<sup>22</sup> Essa figura foi um dos líderes na ideia da *lectio divina* e no desenvolvimento do semipelagianismo na igreja. Isso é algo muito ruim, que fique claro; a igreja Romana é semipelagiana e isso não é bíblico.

<sup>23</sup> Contato com Deus, iluminação ou algo do tipo; ninguém tinha deixado presentes no meio ou nada assim.

de oração, segundo o preeminente líder emergente Dan Kimball:<sup>24</sup> “Minha esposa e eu entramos num salão iluminado apenas por velas e um candelabro. O local estava silencioso. Ao nossos olhos se ajustarem, vimos diversas pessoas ajoelhadas em oração... os evangélicos de hoje estão acostumados com cultos bem coreografados em que cada minuto está repleto de música, vídeo e pregação. As gerações pós-modernas tem fome de algo menos apressado, cheio de mistério... o labirinto de oração oferece um banquete para saciar essa fome... O caminho era formado por linhas negras desenhadas... cada um de nós recebeu um CD-player com fones para guiar nossa jornada através das 11 estações do caminho. Ao começarmos nossa jornada interior rumo ao centro, uma gentil voz feminina com sotaque britânico lia uma parte de João 1... Na primeira estação, olhamos uma tela de televisão cheia de formas ondulantes eletrônicas e complexas se movendo. Em outra estação, jogamos pequenas pedras na água, cada pedra representando uma preocupação que estávamos deixando com Deus. Mais tarde, desenhamos em papel símbolos de nossas dores, oramos e jogamos estes numa lata de lixo. Após trinta minutos, chegamos ao centro do labirinto, onde, sentados em almofadas, nos foram oferecidos os elementos da Santa Ceia... a jornada de saída focava em como podemos ser usados por Deus na vida dos outros. Em uma estação, fizemos impressões de nossos pés e mãos numa caixa de areia, nos lembrando que deixamos impressões na vida dos que tocamos... oração meditativa como a que experimentamos no labirinto ressoa nos corações das gerações emergentes”.

O que Kimball não percebe, ou pior, talvez perceba, é que essas onze estações, esses símbolos e rituais não são coisas inocentes, mas ideias vindas da Cabala e de toda sorte de coisa estranha e pagã por aí. E ainda por cima, como diz um amigo meu,

a coisa começa com um protetor de tela... O MIE, tão crítico da forma e teologia dos reformadores, não apresenta o mesmo nível de análise crítica acerca dessas práticas. Labirintos são mais antigos que o Cristianismo e normalmente estavam ligados a divindades pagãs e rituais de fertilidade. O inigualável Carl Trueman, em uma análise da geração anti-história, aponta para algo que ajuda a compreender essa fascinação com práticas de espiritualidade medieval. Segundo Trueman, isso não é tanto um interesse na prática ou em seu arcabouço em si mesma, mas é uma tentativa de dar um ar de respeitabilidade histórica às suas práticas, feitas de modo seletivo: “é uma apropriação eclética e nostálgica de uma pseudo-história que fornece à igreja uma autenticidade histórica-especial”<sup>25</sup>

Nessa cultura ocidental atual, a maioria dos movimentos que começam como subculturas revolucionárias rapidamente são assimilados e se tornam comuns. Uma visita rápida à loja Cristã mais próxima mostra que autores do MIE como Rob Bell e Brian McLaren estão lado a lado com os evangélicos famosos como Max Lucado e Rick Warren. Aquilo que era para ser revolucionário, contracultural, o limiar da rebeldia eclesiástica se tornou *mainstream*. Brian McLaren é vendido nas livrarias evangélicas norte-americanas ao lado da biografia de Sarah Palin; ele se tornou lugar-comum assim como os *Noomas*,<sup>26</sup> de Rob Bell. Sua rebelião agora é moda; suas novas ideias agora foram domesticadas.

O que precisamos não é dessas tolices. O que precisamos é da Palavra do Senhor em sua

<sup>24</sup> Aqui estão apenas os melhores (?) momentos. O artigo pode ser encontrado online. Busque por Dan Kimball e A-Maze-ing Prayer.

<sup>25</sup> Leia em seu livro *The wages of spin. Critical writings on historic & contemporary evangelicalism*. Scotland, Christian Focus Publications, p.26.

<sup>26</sup> Videozinhos marotos de Rob Bell onde, num estilo descolado e *cool*, ele desfila toda sua estultícia.



totalidade; não como uma caixinha de promessas, não como um guia de decisões banais, não como um livro misterioso. Mas como o que ela é: a palavra de Deus inerrante que serve para nos instruir, nos corrigir, nos exortar, nos preparar para toda a boa obra e que nos traz todas as coisas necessárias para a vida e a piedade (2 Tm 3.14-17; 2 Pe 1.3).

A igreja *seeker* na modernidade ficou fuçando na genética do evangelho e criou uma infestação de zumbis; massas andando pra lá e pra cá sem rumo e com o único objetivo de satisfazer seus anseios. A reação emergente não ajuda: imagine se no seriado *The Walking Dead*<sup>27</sup> o pessoal pensasse: “Puxa vida, que coisa ruim estamos vivendo. Seria tão bom voltar àquele tempo sem estes problemas atuais... como éramos felizes, como a tecnologia nos corrompeu... seria tão lindo se pudéssemos voltar ao período da peste negra medieval!”<sup>28</sup> Pois é isto que o MIE faz ao se perder na sua idade média pós-modernizada.

## Um caminho melhor

Tim Keller<sup>29</sup> sugere um caminho melhor, fortemente calcado na teologia reformada. Um caminho que mostra que o que precisamos não é seguir a última moda, seja esta moderna, pós ou pré-moderna; precisamos seguir o que a Bíblia em seu ensino nos mostra acerca de viver e fazer discípulos. Precisamos parar de assumir a neutralidade do racionalismo empírico, mas a saída não é o relativismo; a saída é fazer como Cornelius Van Til (seguindo a Paulo) e checar os pressupostos e as bases do pensamento rebelde, sabendo que toda sorte de pensamento autônomo se levanta contra o conhecimento de Deus. Temos de cessar de tratar a Bíblia como apenas um conjunto de formulações dogmáticas, mas a solução não é se livrar de metanarrativas e criar cada um o seu sentido; a solução é observar a metanarrativa de criação-queda-redenção-consumação, e homens como Geerhardus Vos nos ajudarão tremendamente nesse projeto. Para combater a impessoalidade e a falta de conexão da igreja, o melhor não é criar igrejas sem liderança, sem regras ou sem limites, mas viver e conhecer a teologia profundamente experimental dos puritanos, que remetem a Agostinho e aos apóstolos. Para combater o moralismo de tão grande parte da igreja evangélica, o que precisamos não é abandonar padrões de comportamento

num vale-tudo-desde-que-ninguém-se-machuque emergente, mas de uma teologia de justificação pela fé que resulte sempre em santificação. Nós já temos um antibiótico que consiste num robusto mix de uma teologia não-racionalista, mas revelacional, um Cristianismo experimental, uma metanarrativa teológica e uma moralidade não hipócrita.

Somos, por vezes, crianças que chegam para os pais dizendo: inventei uma coisa sensacional: é como um círculo que serve para botarmos coisas em cima e empurrarmos, aí não precisamos ficar carregando tudo. Ou então como adolescentes que dizem a seus pais que rodas são uma imposição de uma geração irrelevante e opressora, daqui pra frente vamos carregar as coisas nós mesmos, como os antigos faziam. Querido, a roda já existe; o que precisamos é nos aprimorar em seu uso mesmo que este mundo insista que rodas estão fora de moda ou que são instrumento de dominação que não falam a esta geração.

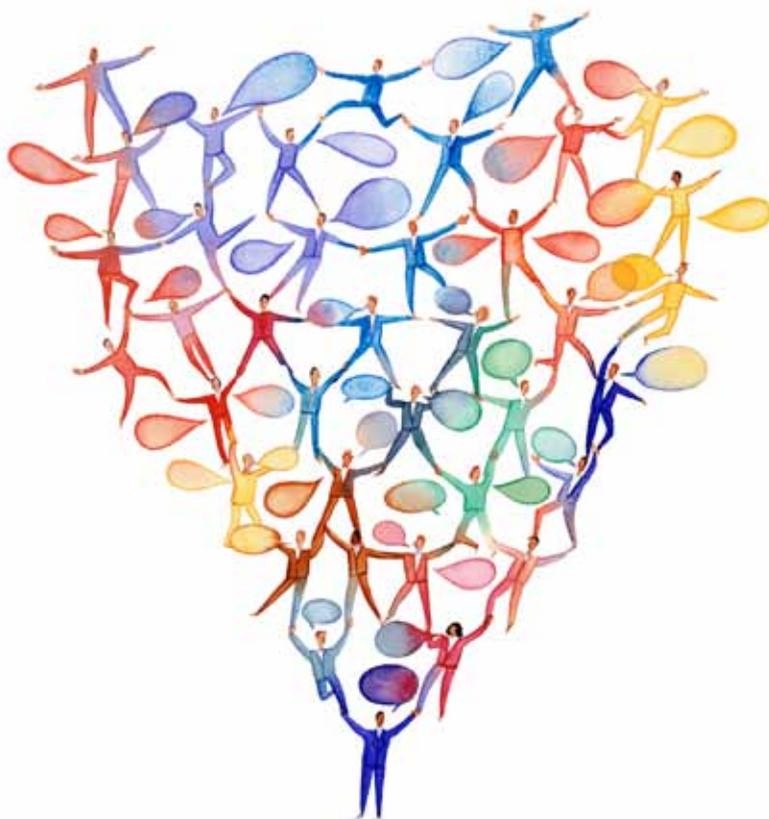
A igreja se perdeu na floresta da modernidade e acha que a saída é o pântano pós-moderno; mas a verdadeira solução é um caminho estreito e que tem sinalização dada pelo próprio Deus; ele corta pelo meio dos perigos e distrações da floresta e o mau-cheiro dos gases pantanosos. A igreja tem um caminho, e já o tem há séculos; este envolve cruz e glória, envolve sofrimento e também gozo, contra-cultura e sabedoria, justificação e santificação. O caminho se chama Emanuel. ■

<sup>27</sup> Seriado norte-americano que retrata o cotidiano e as mazelas da vida no sul dos EUA após um apocalipse zumbi. Programa para toda a família (desde que cada membro tenha mais de 18 anos e não seja sensível demais à violência, o pânico e o ocasional surto).

<sup>28</sup> A peste negra consumiu dezenas de milhões de vidas numa epidemia no Sec. XIV. Pelos menos os zumbis têm a decência de não se multiplicarem via ratos.

<sup>29</sup> Ver o texto *Post-everythings*, disponível online.

EMÍLIO GAROFALO NETO É MINISTRO PRESBITERIANO E PASTOR DA IGREJA PRESBITERIANA SEMEAR EM BRASÍLIA-DF. É FORMADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL—JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. CONCLUIU O MESTRADO EM DIVINDADE NO SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO DE GREENVILLE, CAROLINA DO SUL, E OBTVEU O GRAU DE PH.D. EM ESTUDOS INTERCULTURAIS NO SEMINÁRIO TEOLÓGICO REFORMADO, EM JACKSON, MISSISSIPPI.



# ÉTICA NAS PEQUENAS COMUNICAÇÕES

POR WADISLAU MARTINS GOMES

O Toninho chegava com riso mineiro, ardiloso, e cobrava: “Pastor, você ainda não foi nos visitar na casa nova. Olha, vou desenhar um mapa”. Um pedaço de papel, uma *bic* e dois pontos. “Está vendo aqui? É a igreja. Aqui, é minha casa. É só ir daqui ali”.

Parece até profecia para os dias da internet. Dois pontos e um risco, e pretendemos que toda comunicação esteja feita. Quem *digita* não vê coração nem cara (a não ser no *skype* que poucos usam), mas imagina uma intimidade que beira a falta de pudor do namoro moderno, entre tapas e beijos. Muitas vezes, à guisa de ortodoxia política religiosa, *teclamos* ataques e defesas ingênuas ou maliciosas, ou trocamos franqueza por falta de educação, sem levar em conta que a linha entre nosso *ponto* e o outro, do outro lado do papel, é viva, é frágil. Com efeito, *facebook* não tem face senão fotos trabalhadas em *photoshops* seletivos. Pura imagem pública escondendo dores privadas. Pior ainda quando a transparência que deveria ser do coração revela os intes-

tinis. Alguém já disse que a *internet* ilude quanto ao sentimento de uma intimidade virtual e de uma nudez real.

Jó, Moisés e Pedro, comunicadores cristãos dentre os mais fiéis, hábeis e sensíveis, instaram que levássemos em conta a fragilidade humana. O apóstolo escreveu:

*Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.*  
(1Pedro 1.22-25; ver Jó 42.2 e Salmo 90.5-6).

O mapa da Palavra de Deus serve bem para nos conduzir na pequena comunicação na internet. Não é um mapa de dois pontos virtuais; antes, é o encontro de almas purificadas pelo sangue de Cristo, obedientes à verdade, que visam o amor fraternal, não fingido, de coração, ardente, regenerado mediante a palavra de Deus que permanece para sempre. Especialmente, temos de considerar que *mídia social* e coisas tais são bem superficiais e passageiras, mas cujas consequências podem ser mais extensas e duradouras.

O apóstolo Paulo fornece um bom resumo, em Efésios 4.25-32:

1. “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros” (v. 25). Frágeis, como somos, é fácil que não falemos a verdade ou, pelo menos, não toda a verdade. E pecadores como somos, até mesmo falando a verdade podemos ser maledicentes, esquecidos de que o amor cobre multidões de pecados (cf. 1Pedro 4.8). À primeira vista, parece que a solução está em simplesmente deixar a mentira e falar a verdade. No entanto, quem já tentou *deletar*, sabe como a mentira está arraigada no coração e quanto custa *teclar* a verdade. Se, porém entendermos que os dois termos, “deixar” e “falar”, são parte da proposta, e que a maneira de fazê-lo está na última parte do versículo – “somos membros uns dos outros” –, então, apreenderemos o sentido correto. Se os membros do nosso corpo mentirem uns aos outros, a verdade nos será por juiz e condenação. Mas, se, por outro lado, pertencermos uns aos outros, a mentira não terá sentido e prevalecerá a verdade – como também disse Paulo, a “verdade em amor” (Efésios 4.15).

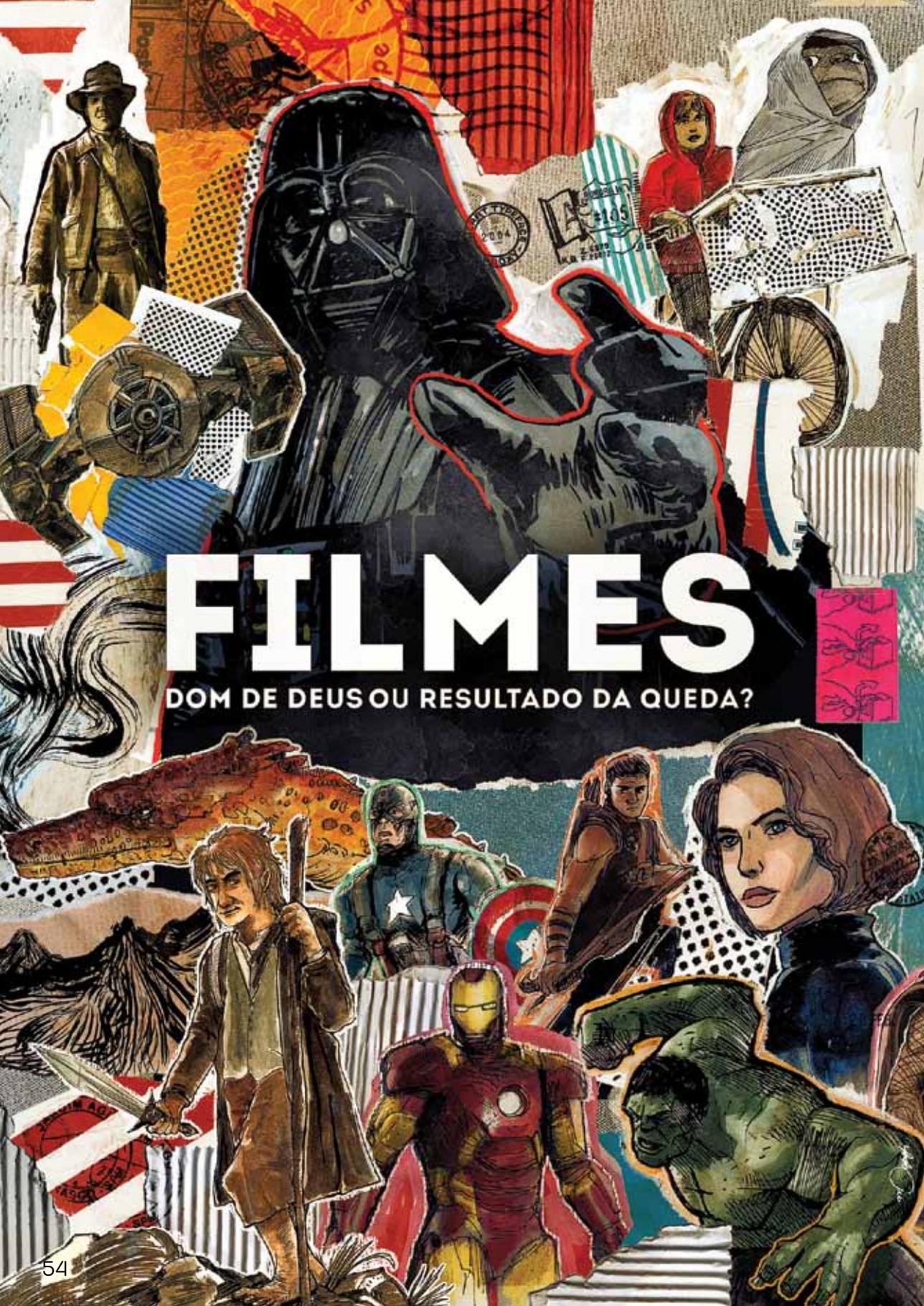
2. “Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo” (v. 26, 27). A ira, em si mesma, não é sempre um pecado. Antes, ela é decorrente da verdade, como atributo de Deus (Romanos 1.18). A ira é um sentimento adequado em face da injustiça, assim como a dor que previne a pessoa de ultrapassar seu limiar de resistência. Entretanto, será pecaminosa quando, em vez de ser dirigida contra o objeto do pecado, a ira explodir contra outros ou se tornar em amargura que implode o coração. De qualquer modo, ambos os movimentos acabarão contaminando a outros (Hebreus 142.14, 15). Não quer dizer que

a injustiça deverá ser posta de lado, mas, antes, que terá de ser tratada logo, mas sem dar lugar ao diabo. A maneira como atuamos terá de ser concorde com a justiça que pretendemos. Assim, será preciso lembrar que a justiça nas mãos da ira mal usada serve de arma de injustiça. Lembre-se de que corrigir com brandura e em privado produz o efeito da graça: abrandando o furor e convencendo o coração.

3. “Aquele que furtava não furtar mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado” (v. 28). Hoje em dia, furto é uma palavra vaga, quase uma necessidade no embate entre os ladrões de venda nos olhos e os ladrões de vendas do mercado e da política. Somos, muitas vezes, religiosos que promulgamos a lei da carne e furtamos a graça divina, com dois pesos e duas medidas. Que será? Seremos aqueles que professam que “não pode beber, não pode dançar e não pode pagar dívida”? Nós não pensamos que envergonhar alguém em público, seja pela maledicência seja pela exposição do erro, configura furto da honra, assassinato de caráter. Se eu erro no *blog*, “me desculpem”, mas se outros erram, eu acho o endereço da postagem ainda que seja do século passado? O segredo da mudança, aqui, é claro: trabalho para se sustentar e generosidade para com quem tem necessidade. Sequer posso me furtar a apresentar o melhor possível nas minhas postagens e ajudar ao outro a melhorar e progredir nas suas colocações.

Depois de apor as três ideias, Paulo conclui, dizendo que toda comunicação deve “transmitir graça aos que ouvem” (v. 29), evitando a palavra torpe, isto é, torcida, que não edifica. Nossas conversas que não produzirem graça certamente entristecerão o Espírito que nos sela para a redenção (v. 30). “Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (v. 31, 32). 🟡

WADISLAU MARTINS GOMES É CASADO COM ELIZABETH. ESPECIALIZADO EM ACONSELHAMENTO, FEZ CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO COM LARRY CRABB E JAY ADAMS. FORMOU-SE NO CHRISTIAN COUNSELING & EDUCATIONAL FOUNDATION – CCEF. ESTUDOU NO TRINITY THEOLOGICAL SEMINARY (EUA). É DIRETOR DO MINISTÉRIO REFÚGIO E PROFESSOR VISITANTE NO CPAJ, NA ÁREA DE ACONSELHAMENTO.



# FILMES

DOM DE DEUS OU RESULTADO DA QUEDA?

**E**u amo filmes. Acredito que isso não é uma surpresa, vindo de um cara que se formou em cinema e tem um blog de discussão sobre teologia e filmes. Eu cresci vendo os filmes das séries *Star Wars* (só há três deles, para mim) e *Indiana Jones* (só três também). Eu até me vestia como Indiana, mesmo quando não era Halloween. Olhando para trás, é fácil perceber que eu adorava cinema. Mesmo que seja possível dizer que o meu amor pelo cinema mudou, na verdade eu acredito que aprecio os filmes de uma forma mais profunda – mais sobre isso depois.

O que eu quero dizer é que, mesmo que eu seja a pessoa que mais ama filmes, (praticamente) todo mundo gosta deles também. Seria difícil encontrar alguém que não deu pelo menos uma risada assistindo *Débi & Lóide*, um grito, em *Psicose*, de Hitchcock, ou não ficou boquiaberto conforme a obra prima literária de Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, se desenrolava perante seus olhos na tela.

Então, sim, eu gosto de filmes, mas quem não? Quem nunca vai ao cinema? Quem não bota aquela pipoca no microondas e se esparrama no sofá para assistir uma boa história? Quase ninguém. Assim, se os filmes têm tanta influência – poder, até – por que muitos cristãos estão correndo na direção oposta? Por que muitos veem os filmes como maldade pura? Bom, alguns podem dizer, porque eles, de fato, são.

Com isso nós temos de concordar. Sexo, violência e todo tipo de perversidade são muitas vezes adorados na sala de cinema mais próxima. Muito daquilo de que as pessoas dão risada não deveria ser engraçado. Parte da ação de que alguns gostam não deveria ser apreciada com naturalidade. E algumas noções de amor não são amor de forma alguma, mas uma distorção do propósito de Deus para o amor.

Assim, o que os cristãos devem fazer? Quando as linhas são tão tênues e difusas e há filmes com temas de redenção misturados com de depravação, a quanta depravação deveríamos nos submeter para chegar até a redenção?





## Dois extremos e suas subcategorias

Há dois extremos ao lidar com qualquer assunto, e isso vale para os filmes. E, na minha experiência, tenho notado que os cristãos tipicamente vivem nos extremos quando se trata de cinema. Para ser bem direto, eles não pensam muito, ou não pensam com muita profundidade, sobre o assunto. Eles veem ou como muito bom ou muito ruim. Ao fazê-lo, perdem muito da bondade e da bênção de Deus. Esses extremos, como eu gosto de chamá-los, são os *filmefóbicos* e os *cinéfilos*.

Os *filmefóbicos* são aqueles que obviamente veem filmes como o próprio Satanás, ou pelo menos um primo de segundo grau dele. Amam falar sobre o quanto são corretos e justos, mas de uma forma sutil. “Nós não vemos filmes”, é o que te respondem quando você compartilha sua empolgação com o último que viu. Eles prosseguem e falam sobre a corrupção de Hollywood e o lixo antibíblico produzido pelos estúdios, mantendo o foco em Hollywood, mas deixando implícito que percorrem o caminho da avenida da santidade por serem abstêmios.

Uma subcategoria abaixo da *filmefobia* é a da *cegueira da censura*. Essas pessoas claramente enxergam o mal dos filmes, mas se juntam atrás das classificações etárias inerrantes para se protegerem contra o pecado e se manterem santas (já dá pra ver o que eu penso disso?). Por mais que o sistema de classificação etária possa ser um *guia* útil, é óbvio que ele vai contra o crescimento em discernimento que os cristãos deveriam cultivar. As pessoas simplesmente permitem que uma entidade determine quais filmes elas deveriam ou não ver

e que idade devem ter para poder vê-los. É desencorajador ver sites cristãos de crítica de cinema apoiarem isso ao dizerem aos crentes o que eles deveriam ou não assistir. Por mais que eu acredite que possamos muitas vezes traçar uma linha na areia, há momentos em que devemos permitir que a liberdade cristã entre em ação. Assim, cristãos não devem cair no extremo da *filmefobia* ao enfatizarem demais as classificações de censura.

Uma segunda subcategoria desse extremo são aqueles que assistem apenas *filmes inspirados*. O que eu chamo de filmes inspirados são aqueles também conhecidos como filmes cristãos. Filmes como *Desafiando Gigantes* e *Prova de Fogo* são apenas alguns dessa categoria. Por favor, entenda, eu admiro e respeito o que muitos desses atores e diretores estão tentando fazer, mas entenda também que fazer filmes que atendem apenas um pequeno secto de cristãos não é a resposta. Esses são filmes explicitamente cristãos em seu conteúdo ou que têm conexões com o cristianismo de alguma forma. Por alguma razão, cristãos pensam que esses filmes captam o que Deus deseja que os filmes sejam. Eles veem a ausência de depravação na tela como a solução para redimir o que eles enxergam como pecaminoso. Na verdade, há apenas uma solução para redenção, e certamente não é um bando de diretores e atores pecadores se chamando de cristãos e fazendo filmes de final feliz. Esses filmes inspirados pesam a mão no feliz e fazem vista grossa ao mal, o que me leva à última subcategoria, a *depravação diluída*.

Os cristãos de final feliz que corretamente enxergam o mal no cinema desejam ver apenas uma depravação diluída nas telas e não percebem que nem todas as representações do mal são necessariamente ruins. Eles não entendem que a depravação pode ser representada para mostrar seus efeitos negativos. Por exemplo, um filme recente que muitos cristãos odiaram foi *A Perseguição* (revelações do enredo, ou *spoilers*, a seguir). Não apenas eles odiaram pelo vocabulário pesado e o final não convencional, mas também odiaram porque Ottway (Liam Neeson) blasfema contra Deus. Como cristão, eu certamente não aprovo blasfêmias contra Deus, mas eu sei que as pessoas fazem isso o tempo todo. Além disso, como foi que o filme retratou essa blasfêmia? De uma forma positiva ou negativa? Bem, Ottway nega a existência de Deus e brada que irá “resolver as coisas por conta própria”, o que o leva a um covil de lobos e à

morte. Pelo que vejo, o filme mostra o que acontece quando tentamos viver à parte de Deus e, corretamente, mostra aonde a nossa rebelião nos leva. Além disso tudo, a Bíblia também não tem algumas cenas de demonstração de depravação?

Vamos balançar para o outro lado do pêndulo e ver quais características definem os *cinéfilos*. Sendo honesto, essas pessoas podem muitas vezes pensar muito menos sobre filmes do que os filme-fóbicos. A princípio, não parece haver muito o que dizer sobre esse grupo, fora o fato de que eles simplesmente vão ao cinema. Tipicamente, são pessoas preguiçosas que querem apenas um escape e, assim, usam e abusam do dom de Deus, que são os filmes, para servirem sua própria idolatria de paz e preguiça. Por mais que pareça não haver muito o que dizer sobre esse grupo, além do fato de que são apaixonadamente antiaprendizado, quando buscamos algumas subcategorias, vemos que esse grupo pode assumir várias formas.

*Os libertinos da liberdade* definitivamente se encaixam nesse grupo. Por mais que essas pessoas possam ser acusadas de exercerem capacidades cognitivas, elas param de ouvir assim que suas consciências falam mais alto. Assim como os do grupo filme-fóbico, esse grupo pega a noção de liberdade cristã e a utiliza como uma forma de autojustificação. Quase como uma forma de gnosticismo, como se tivessem o entendimento mais completo do cristianismo. Reprovam pessoas que tentam traçar limites ou falar sobre convicções quando se trata de cinema. Se há algum filme que pareça interessante para eles, seja um filme de tortura, uma comédia de faculdade ou um drama pós-moderno sem redenção, eles irão assistir sem hesitação. Eles nem se dão ao trabalho de pensar em crescer em graça ou buscar santidade, simplesmente querem assistir o que quiserem assistir.

Assim, os libertinos da liberdade não mostram qualquer exercício de discernimento, assim como aqueles do outro extremo do espectro

Isso leva a outra subcategoria, que eu chamo de “abordagem faz-me rir” aos filmes. Essas pessoas normalmente se referem assim quando se trata de materiais questionáveis: “eu sei que foi ruim, mas foi tão engraçado”. O humor é sempre tratado dessa forma. Se rimos de algo, então está tudo bem. Sou grato ao Senhor por ser gracioso o bastante por me trazer a um ponto da minha vida em que abomino algumas coisas de que eu costumava dar risada. Se você pensar nisso, rir do pecado não faz ele mais inocente, apenas ilustra ainda mais o quão depravados somos. Um cineasta pegar algo inerentemente ruim, transformá-lo em humor e depois rirmos disso é uma realidade deprimente do nosso pecado. Se isso não ilustra claramente a depravação total, eu não sei o que mais faria. Cristãos com discernimento precisam se fazer duas perguntas: “por que isso é engraçado?” e “eu deveria estar rindo disso?”. Esse aspecto do discernimento não deveria ser tão complexo.

Eu também já encontrei pessoas que estão na subcategoria dos que amam dizer “é só um filme, não me afeta”. Eles obviamente usam essa afirmação para justificar o material questionável a que assistem. “Ah, tem um pouco de nudez, mas isso não me incomoda”. Mas não deveria? Dizer que um filme não te afeta é tolice. Francamente, essa deve ser uma das afirmações mais ignorantes que alguém pode fazer. Sim, eu sei que filmes não são reais e, sim, há um sentido em que devemos nos lembrar que filmes são *faz-de-conta*, entretanto, *a própria razão que te leva a ver um filme é para ser afetado!* Assistimos comédias para rir, terror para sermos assustados e comédias românticas para alimentar nossa idolatria ao amor romântico (viu o que eu acabei de fazer?).



Filmes são feitos para dialogarem com sua vida como um todo. Por que você acha que os cinemas usam sistemas de som que te envolvem e mostram o filme em telas gigantescas? Para causarem impressões fortes em você. Para te levarem para outro mundo. Para te levarem em uma jornada que te faz esquecer que você está sentado em uma poltrona há mais de duas horas. Se alguém diz que os filmes não o afetam, então eles precisam parar de vê-los.

Outra subcategoria que está muito próxima dessa a de alguém que diz que não luta contra uma certa tentação. Claro, eu entendo, como o apóstolo Paulo fala em Romanos 14, que há irmãos que são mais fracos em algumas áreas e lutam de formas que outros irmãos não precisam lutar, mas os filmes são muito complexos. Sim, eu acredito que podemos aplicar Romanos 14 para o cinema, mas devemos lembrar que a aplicação no contexto original era a comida, algo que não pode te fazer mal. Novamente, eu sei que pessoas podem pecar por meio da glotonaria e que os Big Macs podem eventualmente te matar, mas exposição constante à nudez, violência e linguagem ofensiva irão te afetar de uma forma distintivamente diferente. Para dar um exemplo pessoal, eu não me importo nem um pouco com linguagem ofensiva em certos contextos. Por exemplo, um filme como *O Resgate do Soldado Ryan* usa muitos palavões, mas eu imagino que certamente é assim que soldados conversam quando balas estão voando sobre suas cabeças. Há vezes, entretanto, em que os xingamentos podem ser exagerados, e isso me incomoda. O que eu quero dizer é que existe um contexto em que deveríamos ficar incomodados por qualquer distorção da criação, como nudez, violência e linguagem ofensiva. Mesmo que você não fraqueje em uma certa área, tome cuidado com o quanto você se expõe a isso.

## Um fundamento para os Filmes

Eu já ouvi homens piedosos dizerem que estudar heresias é uma forma excelente de entender a teologia correta. Isso é, ao ver os erros dos outros, nós entendemos melhor onde eles erraram, o que só reafirma a ortodoxia. Eu creio que isso pode ser dito dos comentários sobre filmes que fiz até agora. Entretanto, vamos nos mover agora em outra direção. Quero analisar alguns fundamentos positivos, das Escrituras, para o cinema.

### ENSINAR

Antes de mais nada, cristãos devem ensinar os outros a verem o cinema como uma forma da revelação geral e da graça de Deus. Nosso Deus é um grande Deus. O Reino de Deus é grande demais para nossas mentes finitas. As impressões digitais de Deus estão em cada centímetro quadrado da criação, e isso inclui os filmes. Salmo 19.1-2 diz que “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite”. Deus está falando conosco através dos filmes e devemos entender que não é um diretor ou um ator que pode impedir isso. Sim, o homem pecador distorce a criação e a usa para seu lucro egoísta, mas “ri-se aquele que habita nos céus” (Salmo 2.4) de nossos objetivos fúteis. Assim, Sua verdade pode ser enxergada em qualquer filme, quer tenha o selo “cristão” ou “secular”, não faz diferença. Se isso é verdade, vamos afirmar essas verdades tomando parte e destrutando de filmes. Seja cauteloso nas áreas em que você luta, examinando seu coração, mas não se abstenha de algo que pode nos levar a adorar nosso Deus mais plenamente.



## PROCLAMAR

Quando comecei esse artigo, disse que os filmes são poderosos e reiterarei isso ao longo do texto. Mas, o que nós fazemos com esse conhecimento? Bem, eu acredito que podemos usar isso para proclamar Jesus Cristo aos outros. Em qualquer *introdução a missiologia*, consta que o evangelismo varia de lugar para lugar e de contexto para contexto. Mais especificamente, a forma como você faz missões no Mississippi é diferente da de Brasília. Entretanto, eu sei que *Os Vingadores* quebrou vários recordes de bilheteria. “*Por que isso é importante?!*”, talvez você pergunte. Isso significa que a maior parte do mundo viu *Os Vingadores*, o que significa que nós temos uma influência em comum que leva as marcas do Grande Criador sendo vista por todo o mundo em praticamente todas as línguas. Pessoas do Mississippi até Brasília viram esse filme e agora podem entrar em uma conversa com alguém. E cristãos podem usar uma conversa comum sobre filmes para falar sobre teologia. Há pessoas que talvez não saibam o que é revelação geral, mas sabem quem é Tony Stark. Elas podem não entender que, cristologicamente falando, Jesus é um homem com duas essências – Deus e homem. Mas elas entendem que Tony Stark é um homem com duas substâncias: o Homem de Ferro (semi-divino) e Tony Stark (humano). Usar essa esfera da cultura para ilustrar verdades bíblicas pode abrir os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos. Novamente, nós temos duas esferas de influência poderosas – teologia e cinema – e estamos proclamando que não há dicotomia.

## TREINAR

Por último, eu acredito que é importante treinar outros a começarem a ver filmes como revelação geral por, pelo menos, duas razões. Primeiro, nossa vida não é nossa, mas pertence a Deus. Fomos comprados por um preço e, portanto, nossas mentes foram compradas com o sangue de Cristo para que sejamos mordomos de nossos pensamentos. Isso significa que devemos pensar bíblicamente sobre filmes. Devemos lutar contra a tendência de desligar nossas mentes assim que o filme começa a rolar no projetor. Em segundo lugar, somos todos teólogos. Todo ser humano na face do planeta tem pensamentos sobre Deus; uma teologia, por assim dizer. Eu creio que treinar outros a pensarem dessa forma sobre os filmes irá aprofundar nossa

teologia e nos fará vê-los de outra forma. Eu não estou dizendo que eles são mais suficientes que as escrituras, mas que eles nos ajudam a enxergar quão poderosa é a iluminação da Escritura sobre cada faceta da vida. É a Escritura que ilumina os filmes, não o contrário. Esse tipo de treinamento não é algo opcional para o cristão. É simplesmente algo que deveríamos estar fazendo.

## E agora?

Eu comecei esse artigo falando sobre meu amor pelos filmes e como isso foi mudado. Alguns pensam que isso diminui conforme amadurecemos na fé. Pense nisso por um minuto. A Escritura constantemente nos desafia a termos uma perspectiva da eternidade. Nos é dito que façamos coisas em oculto, que movamos nosso foco das riquezas desse mundo, que tenhamos fé, que, em suma, devemos cultivar uma perspectiva eterna. Assim, o cinema e o amor desse mundo não deveriam se tornar cada vez mais pálidos à luz da eternidade? Sim e não. Sim, no sentido de que nada que esse mundo tem a oferecer deveria ser abandonado fácil e rapidamente, em face à luz da eternidade. Não, no sentido de que, por mais que vejamos como que por um espelho, nós vemos relances de nosso Criador, Redentor e Amigo através da criação. Sim, essa terra não é nosso lar, e eu estou pronto para descansar nos braços do meu Salvador. Estou pronto para ir para casa e habitar em um lugar sem tristeza e pecado e saber o que significa apenas ser capaz de não pecar. Mas, até que seja chamado para o lar, devo aproveitar a vida que Deus me deu e enxergar Seu poder e beleza comunicados através da tela do cinema. 

JOHN PERRITT É PASTOR DE JOVENS DA IGREJA PRESBITERIANA PEAR ORCHARD EM RIDGELAND, MS. M.Div. NO REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY. ESTUDOU CINEMA NA FACULDADE, PORÉM FORMOU-SE EM JORNALISMO.

Traduzido e adaptado por Filipe Schulz

# O Chamado ao Ministério de Necessidades Especiais

POR MARTIE KWASNY



“Pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo.” (Filipenses 2.21)

A Igreja de Jesus Cristo é chamada para dedicar-se uns aos outros honrando os outros acima de nós mesmos. Nós devemos servir o Senhor juntos em zelo e fervor espiritual, incentivando uns aos outros em amor e boas obras (Hebreus 10.24-25). Cristãos são chamados a serem pacientes em tempos de dificuldade e fiéis na oração uns pelos outros. A igreja local deve ser o lugar para o “uns aos outros”, uma família para ajudar os necessitados (Romanos 12.9-13).

Essas verdades bíblicas devem ser relacionadas à realidade de que há mais de 600 milhões de pessoas com deficiências no mundo. Isso representa o maior grupo de pessoas não alcançadas no mundo. Eu te pergunto: você tem pessoas tocadas pela deficiência em sua congregação local? A sua igreja está abraçando pessoas com necessidades? Vivendo no Sul dos Estados Unidos (O Cinturão da Bíblia), encontro igrejas em todas as esquinas, mas, na minha experiência, há apenas poucas igrejas estendendo a mão para os deficientes. Pessoas com deficiências são desproporcionalmente ausentes na maioria de nossas congregações. Muitos são até mesmo rejeitados por suas igrejas e convidados a sair quando eles ou seus filhos se tornam muito difíceis.

Frequentemente, é o nosso desejo pecaminoso por perfeccionismo que é exposto quando desejamos crianças perfeitas, abortando 90% dos bebês com Síndrome de Down no segundo trimestre da gravidez. Pessoas nascidas com deficiências são vítimas de preconceitos e crueldade pecaminosos. Muitos se tornam segregados, agrupam-se e se escondem da vista em um ambiente institucionalizado, até mesmo na igreja. Frequentemente, eles são ignorados e rapidamente esquecidos, muito parecido com o que acontece com os idosos.

No entanto, o que a igreja, a família de Deus, tende a esquecer é que TODOS nós somos deficientes espiritualmente, quer tenhamos ou não algum tipo de limitação física, mental ou emocional. TODOS nós precisamos que Deus mostre Sua glória em nossa fraqueza. Nossa deficiência nos

mostra a humanidade num mundo caído, em sua beleza e suas deficiências. É na nossa humanidade que observamos o amor sacrificial, o carinho e a paciente perseverança dos entes queridos. É na nossa humanidade fraca que temos alguma compreensão do inestimável valor e importância de cada vida humana. É nessa compreensão que TODOS nós precisamos do amor de Deus para que não olhemos somente para nossos próprios interesses, antes para os interesses de Cristo (Fp 2.21).

1 Coríntios 12 descreve como cada parte do Corpo de Cristo é essencial – presumivelmente incluindo aqueles com deficiências. Através dos Evangelhos, o próprio Cristo mostra favor ao quebrantado, o fraco e o desamparado. E, mesmo no Velho Testamento, Deus nos fornece imagens de compaixão junto ao necessitado, a elevação do indigno, a partir de um coração de misericórdia. O povo de Deus é chamado para identificar-se com aqueles que o mundo rejeita e para confortar e proteger aqueles que o mundo considera deficientes.

Novamente, quando a igreja local compreende que todos nós somos necessitados, somos capazes de comprometermo-nos com aqueles que são marginalizados e rejeitados pelo mundo. Ao fazê-lo, o mundo reconhecerá o poder do evangelho que depende do nosso gracioso onipotente Deus devido à nossa imensa fraqueza. Como um estilo de vida, um ato de amor e uma expressão de fé, nossa hospitalidade reflete e antecipa as boas-vindas de Deus a todos os Seus filhos. Então, pela graça de Deus, que possamos ser mais desejosos e mais ansiosos em abrir nossa porta àqueles em necessidades. Como a família de Deus, que Sua Igreja possa ir àqueles que não têm nada a oferecer: os desamparados, os solitários, os quebrantados e os fracos – aqueles que precisam do amor de Deus como nós! 🙏

MARTIE KWASNY É BACHAREL EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, MESTRE EM ACONSELHAMENTO. DIRETORA DO MINISTÉRIO SONBEAMS (PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS) NA IGREJA PRESBITERIANA PEAR ORCHARD, EM RIDGELAND, MS. TAMBÉM ATUA COMO DIRETORA DO JONI AND FRIENDS JACKSON, O QUAL CONTRIBUI PARA EQUIPAR IGREJAS PARA MINISTRAR AOS DEFICIENTES.

Traduzido e adaptado por Natalia Moreira



# Famílias Frutíferas em um Mundo Pós-Moderno



POR JOHN KWASNY

**E**u não penso muito sobre o fato de que fui abençoado com oito filhos... exceto quando as pessoas encaram e sussurram quando vamos todos juntos para um restaurante legal. Ou quando alguém fica boquiaberto após perguntar equivocadamente quantos filhos eu tenho. Ou quando enchemos uma fileira inteira em uma igreja nova. Além desses casos, apenas lidamos com os assuntos familiares normais como uma família anormalmente “frutífera”.

Então, por que os dez Kwasny são tão esquisitos se os cristãos desde Adão têm sido chamados a “ser frutíferos e multiplicar-se” (Gênesis 1.28)? Na não-tão-distante era moderna, muitas famílias nucleares eram grandes – cinco a seis filhos era normal. Mas não no nosso mundo pós-moderno. Um menino e uma menina é muito, especialmente com as crescentes taxas de divórcio e lares de pais/mães solteiros(as) (sem mencionar as uniões homossexuais).

No passado, as crianças eram vistas como presentes de Deus – então por que não iríamos querer mais de um presente? No entanto, na mentalidade pós-moderna, crianças são idolatradas e consideradas um peso ao mesmo tempo. Elas devem receber o melhor de tudo; no entanto, frequentemente são criadas e ensinadas por profissionais (funcionários de creches, professores, treinadores) em vez de pelos pais. Instabilidade econômica e famílias de dupla renda abastecem a crença de que os filhos devem ser poucos a fim de que a família possa ter todos eles.

A era moderna permitia famílias maiores, uma vez que o foco do ensino dos filhos era muito mais básico e fundamental. As crianças eram ensinadas a obedecer a autoridades e crescer em virtudes cívicas (honestidade, integridade, fidelidade, etc.). Na pós-modernidade, os pais veem um filho com todos os tipos de problemas pessoais que são complexos demais. Assim, duas ou três crianças é muito – mais do que isso iria simplesmente sobrecarregar os pais. E eu quero apenas o número de filhos com que eu posso lidar confortavelmente.

Infelizmente, nossa luta por conforto e excesso num mundo instável termina negando as alegrias (e desafios) imensuráveis de uma família grande. Por um lado, nossa família grande significa que somos forçados a aprender a alegria de compartilhar e do autossacrifício. Todos dividem espaço e há poucas coisas que não são propriedade comunitária. Adicionalmente, nós temos a

alegria de ter nosso pecado sempre diante de nós, uma vez que dez personalidades diferentes lutam constantemente para aprender a viver uma com a outra. Uma família grande não pode evitar ser todos os dias um laboratório de relacionamentos no qual inveja, ciúmes e descontentamento têm a oportunidade de serem substituídos por amor, perdão e contentamento.

Quando as pessoas são honestas, a “decisão” (reconhecendo que Deus é que dá a vida) de não ser “frutífero e multiplicar” é principalmente uma decisão financeira. Cada vez que eu e Martie discutimos a possibilidade de ter outro filho, o dinheiro (e, em segundo lugar, o tempo) estava sempre na minha mente! Eu não conseguia imaginar a capacidade de sustentar adequadamente uma família grande. Isso certamente permanece um desafio, contudo tornou-se uma alegria extra também. Ver crianças que não estão constantemente preocupadas com a necessidade de “mais” e do “mais novo” porque sabem que não podemos “ter tudo isso” é lindo. Observar meus filhos mais velhos tornarem-se trabalhadores esforçados, bons administradores do dinheiro e não esperarem ter tudo na mão deles é maravilhoso também. Ter uma família que está muito mais preocupada com as questões do Reino em vez de construir nossos próprios impérios materialistas é também muito satisfatório.

Eu poderia prosseguir sobre as alegrias e desafios de uma família “frutífera”, mas esperançosamente você entendeu a ideia. Numa época em que nós preferiríamos estar economicamente confortáveis em vez de arriscar tudo pelo Reino de Deus, ser frutífero e multiplicar é o corretivo cristão. E, num mundo em que tantas pessoas sentem-se isoladas e anseiam por um senso de comunidade, a família grande é um antídoto; é um ótimo ponto de partida. É hora de os cristãos que levam a sério o fruto do Espírito em suas próprias vidas obedecerem ao mandamento de frutiferamente “encher a terra” com a próxima geração de discípulos potenciais de Cristo! 🍓

*JOHN C. KWASNY, PH.D., É DIRETOR DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOS MINISTÉRIOS INFANTIS NA IGREJA PRESBITERIANA PEAR ORCHARD EM RIDGELAND, MS. DIRETOR DO ONESTORY MINISTRIES, ESCREVEU O CURRÍCULO DA EBD PARA CRIANÇAS, UMA SÉRIE PARA ESCOLA BÍBLICA DE FÉRIAS, BEM COMO RECURSOS DE BÍBLIA DE ESTUDOS PARA FAMÍLIAS. TAMBÉM É CONSELHEIRO BÍBLICO E PROFESSOR ADJUNTO NO REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY. ELE E SUA ESPOSA, MARTIE, TÊM OITO FILHOS.*

*Traduzido e adaptado por Natalia Moreira*

# PRECON

essa quimera.



# CEITO,

por Norma Braga Venâncio



Segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982), de Antônio Geraldo da Cunha, a palavra “preconceito” vem do francês *préconçu* e, desde o século XVIII, significa “conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos” (p. 629). Em suas origens, o termo podia ser aplicado a tudo e todos; nas últimas décadas, porém, teve seu alcance imensamente reduzido para abarcar somente determinadas ideias negativas pré-concebidas: em geral, o “preconceituoso” é quem considera mulheres, negros, pobres e homossexuais como intrinsecamente inferiores.

É fato que, ainda que nesse significado reduzido, o pecado deve ser reconhecido e identificado pela igreja como tal. O que o combate mais eficazmente, porém, não é a postura retaliativa e ressentida das medidas politicamente corretas, mas sim a compreensão profunda da humanidade que todos nós partilhamos aos olhos de Deus, uma compreensão que deve ser trabalhada em todas as suas implicações práticas. É preciso cuidado para não cair nos dois erros: de um lado, ignorar a existência e a gravidade desses pecados, inclusive no meio religioso; de outro, adotar uma cosmovisão fundamentalmente antibíblica ao buscar combatê-los com preceitos políticos (feminismo, marxismo, ação afirmativa, ações anti-homofobia etc.): não se combate ódio com ódio, nem pecado com pecado.

Junto a isso, porém, a igreja precisa manter os olhos bem abertos para a necessidade de

ser contracultura, biblicamente. Neste contexto, isso significa que a igreja não pode esquecer que os seres humanos, em seu estado natural, isto é, não regenerados pelo poder do Espírito Santo, são pródigos em reduzir o alcance e as facetas do próprio mal. Cada época nomeia seu mal preferido e nomeia, também, suas formas de mortificá-lo. Mas a Bíblia apresenta o mal humano em toda a sua plenitude, profundidade e potência, localizando-o em primeiro lugar no coração do homem, não como algo exterior, não como algo presente apenas *nos outros*. Como afirmou o autor cristão Francis Schaeffer, a Bíblia é o único livro realmente *realista* sobre tudo o que existe. Ali, nosso mal é exposto em toda a sua crueza.

Assim, devemos aprender com a Palavra de Deus a abrir mão de toda condescendência em relação ao que somos e poderíamos ser caso Deus não tivesse nos resgatado. Ao mesmo tempo em que prosseguimos em nosso caminho de santificação, precisamos nos manter alertas para que nosso próprio mal não seja reduzido de acordo com o espírito de nosso tempo. Ativistas politicamente corretos querem nos fazer pensar que toda a moralidade não passa disso: “igualdade” para pobres, mulheres, negros e gays. Ao mesmo tempo, desfilam orgulhosamente seus outros – e enormes! – preconceitos contra mães de tempo integral; casais que esperam até o casamento para fazer sexo; empresários, mesmo que honestos; religiosos, direitistas e conservadores. Esses

preconceitos foram positivados socialmente pela diluição do marxismo na cultura. Esses “podem”; os outros, não. Em que medida temos participado dessa redução, permitindo não só que a cultura molde a maneira com que definimos o mal, mas recorrendo a reações não cristãs para nos posicionarmos diante dos pecados alheios?

Frente ao mal, precisamos de ambas, firmeza e compaixão. Somente em Cristo poderemos enxergar que prevalecem, unidas, a santidade e a misericórdia divinas, pois Cristo morreu por nós para satisfazer a justiça de Deus: esse é o significado bíblico de “justificação”. É nele que nossos males são expurgados; é como justificados por ele, e não como autojustificados, que lançamos nosso olhar para os males do mundo, um olhar firme e compassivo, que não compactua com o mal, mas também não se coloca na cadeira do juiz, pertencente apenas a Deus. Mas, sem o Espírito que dá vida e sem a Palavra que norteia a mente, o homem natural tenderá aos dois extremos: de um lado, cego para o pecado, crerá na inocência absoluta, que na cosmovisão cristã é inexistente, já que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3.23); de outro, aplicará uma condenação total, pois o perdão verdadeiro e irrestrito só pode ser encontrado em Cristo.

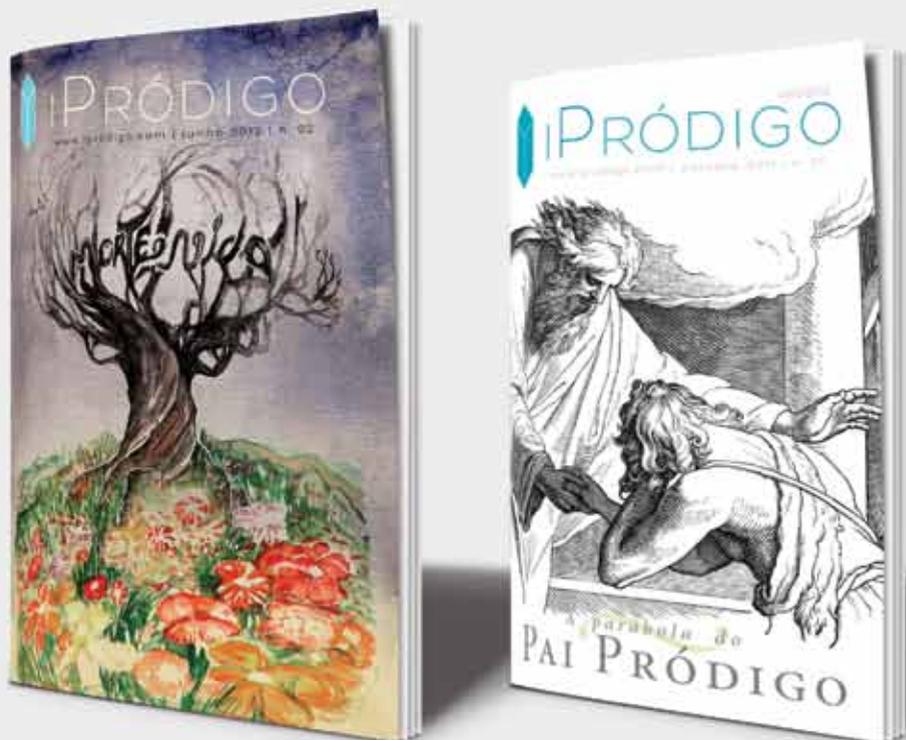
É quando penso em Monteiro Lobato. Sinto-me deslocada quando lembro que a recente discussão em torno de sua obra só contempla duas posições extremadas: a dos que negam seu racismo, justificando as óbvias evidências com a expressão “era um homem de seu tempo”, e a dos que, confirmando o defeito, não conseguem ocultar ódio e desprezo (que creem justíssimos) ao escritor. Li sua obra na infância e confesso, sem hesitação, que ele foi fundamental para meu bom português e meu amor à literatura. No entanto, não posso deixar de perceber que era racista sim, infelizmente, e ainda pior: apegou-se a ideias eugênicas no final da vida. Isso é abominável? Sim, abominável. Por causa disso, Lobato deveria ser banido do nosso horizonte de leituras instrutivas e prazerosas? Não, da mesma maneira que um conservador, por mais convicto que seja, não precisa deixar de ler autores progressistas. Da mesma maneira, aliás, que os cristãos não podem nem devem banir de seu convívio os antirreligiosos. Graças a Deus, pessoas são muito maiores que seus preconceitos.

É da natureza humana buscar os afins e rejeitar a diferença que nos parece radical. Mas, enquanto nos debatemos com a difícil tarefa de acolher em amor aqueles que cultivam ideias tão contrárias às nossas, sejamos honestos: não somos pluralistas, nem no Brasil, nem na China. Todo esse discurso sobre “pluralismo” apenas infla o ego de incensados acadêmicos e formadores de opinião que se orgulham de sua “mente aberta” enquanto espalmam na mesa várias e absurdas opiniões preconcebidas sobre o cristianismo, sem ao menos terem se ocupado de um só livro cristão na vida – nem a Bíblia terão lido, na grande maioria dos casos.

Sendo assim, acima de tudo a igreja precisa fazer um reconhecimento sério e correto do preconceito que enxerga *a todos, por qualquer motivo que seja*, como intrinsecamente inferiores. Não podemos agir como se ignorássemos que nossos contemporâneos elegeram poucos males como realmente “maus”. Precisamos denunciar o mecanismo que, para abrandar a consciência do pecador impenitente, reduz as possibilidades da maldade humana apenas para manter a ilusão de combatê-la de fato. Porém, não esqueçamos: como uma possível herança do antigo farisaísmo, o “erro da seletividade do mal” está presente não só na cultura marxista, parasitária do cristianismo, mas também entre os cristãos quando combatem somente um grupo restrito de pecados – relacionados a sexo, fumo e bebida, por exemplo – e deixam de tratar com firmeza do racismo, da misoginia, da arrogância espiritual. É preciso cuidado: quem adere à “seletividade do mal” acaba perdendo de vista a noção do que seja o mal em seu todo. Que podemos aplicar principalmente sobre nós, cristãos, o alerta definitivo de Jesus em Mateus 5.20: “Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”. 🙏

NORMA BRAGA VENÂNCIO É DOUTORA EM LITERATURA FRANCESA PELA UFRJ E MESTRANDA EM TEOLOGIA FILOSÓFICA PELO CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER. DESDE 2005, ESCREVE EM SEU BLOG ([WWW.NORMABRAGA.BLOGSPOT.COM](http://WWW.NORMABRAGA.BLOGSPOT.COM)) SOBRE COSMOVISÃO CRISTÃ, TEOLOGIA, ARTE E POLÍTICA. É CASADA COM ANDRÉ VENÂNCIO E RESIDE ATUALMENTE EM NATAL.

# FAÇA PARTE DESTE MINISTÉRIO



A missão do iPródigo é informar e ajudar pastores de todo o Brasil, além de líderes e membros da igreja interessados em aprender um pouco mais da Palavra de Deus, por meio de uma teologia ortodoxa, pastoral e reformada.

Não temos fins lucrativos e utilizamos recursos dos nossos voluntários para pagar hospedagem e manutenção do site, comprar equipamentos de gravação (para podcasts e vídeos) e realizar projetos como a revista que você tem em mãos.

Ao colaborar com o iPródigo, tanto com orações quanto financeiramente, você ajuda a divulgar o Evangelho, para crescimento da igreja, edificação dos santos e a glória de Deus.



Saiba como ajudar entrando em contato conosco.



[iprodigocom.com](http://iprodigocom.com)

[contato@iprodigocom.com](mailto:contato@iprodigocom.com)  
61 9973.0948

**Um líder conta com seu feeling para avaliar oportunidades  
e ameaças no mercado.**

**Agora o líder também possui ferramentas.**



**Consulta  
Pré-Paga**

**Sistema online para consultas cadastrais e creditícias de Pessoa  
Física, Pessoa Jurídica e Veículos. Sem mensalidade!**

**Aumente os ganhos ao evitar perdas.**



**Veja mais no nosso site: <http://www.consultaprepaga.com.br>**